



Maria Silvia de Souza Camargo

Leite de Cadela

**Exercícios de romance a partir
de semelhantes e contrários**

Dissertação de mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio
como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre
em Letras/Literatura, Cultura e Contemporaneidade.

Orientadora: Prof. Marília Rothier Cardoso

Rio de Janeiro
Abril de 2017



Maria Silvia de Souza Camargo

Leite de Cadela

**Exercícios de romance a partir
de semelhantes e contrários**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade do Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. Marília Rothier Cardoso

Orientadora

Departamento de Letras – PUC-Rio

Prof. Paulo Fernando Henriques Britto

Departamento de Letras – PUC-Rio

Prof. Marcelo dos Santos

UNIRIO

Prof. Monah Winograd

Coordenadora Setorial do Centro de
Teologia e Ciências Humanas – PUC-Rio

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da autora, da orientadora e da universidade.

Maria Silvia de Souza Camargo

Graduou-se em Comunicação Social pela PUC-Rio, como Bacharel em Comunicação Social em 1982. Obteve o título de Bacharela no curso de Letras – Português da PUC-Rio em 2013.

Ficha Catalográfica

Camargo, Maria Silvia de Souza

Leite de cadela : exercícios de romance a partir de semelhantes e contrários / Maria Silvia de Souza Camargo ; orientadora: Marília Rothier Cardoso. – 2017.

154 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)—Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2017.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Família. 3. Homeopatia. 4. Doença. 5. Saúde. 6. Comportamentos alternativos. I. Cardoso, Marília Rothier. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 800

Dedico esta tese a Mariana, minha mãe, formada em Letras pela USP e
pós-graduada em Literatura Americana e Inglesa
pela University of Minnesota, Minneapolis, EUA, em 1950.
Professora, tradutora, exerceu um número infinito de outras funções
sem deixar de ler, vorazmente, dois ou três livros
de uma vez em todas as semanas de sua vida.

Dedico o romance *Leite de Cadela* aos meus irmãos, Renato, Eduardo e Sérgio.

Agradecimentos

A todos os professores da Graduação em Letras e deste mestrado da PUC-Rio.

Em especial, a Marília Rothier Cardoso.

Aos meus queridos colegas do Mestrado.

Em especial ao meu clínico homeopata, Dr. Ademar Valadares, por sua paciência comigo há 31 anos. Em memória do meu padrinho, o médico, aventureiro e autor Dr. Durval da Rosa Borges. Algumas de suas histórias e algo de seus livros, como *No Corcel Bravio da Imaginação: Correspondência de um pernambucano estudante de medicina na Praia Vermelha* (São Paulo, Kato Editorial, 2012), certamente me influenciaram na criação do personagem Mateus.

Agradeço também ao Dr. Gian Paulo Gonçalves Bonaccorsi pelas conversas e pelo livro e ao Dr. Juan Agustin, veterinário homeopata. Às amigas Silvinha Heilborn e Regina Valadares. Pelos esforços de Marianna Teixeira Soares. E à Professora Marília Rothier, pela leitura atenta.

Resumo

Camargo, Maria Silvia de Souza; Cardoso, Marília Rothier. ***Leite de Cadela – Exercícios de romance a partir de semelhantes e contrários***. Rio de Janeiro, 2017. 154p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O romance *Leite de Cadela* trata de momentos-chave na vida de uma família, narrados sob o ponto de vista de seus quatro membros. A trama começa com um acidente sofrido pelo pai e a partir daí, mãe e dois filhos se debatem em torno de temas como doença e saúde; educação e infância; experiência e teoria; medicina tradicional e alternativa. Para constituir-se como dissertação acadêmica, os capítulos do romance são interrompidos e comentados por dezenove ensaios breves. Estes integram o trabalho fazendo jogo de afinidades e contrastes, semelhanças e estranhamento com o enredo desdobrado, de modo a iluminar aspectos, na maioria secundários, mas que discutem questões do cotidiano atual. No diálogo da ficção com os miniensaios, evocam-se experiências da autora quando jornalista, como observadora crítica de cinema, teatro, literatura e artigos de informação científica. Busca-se trazer a encenação ficcional, centrada na medicina homeopática para um confronto com tensões e impasses característicos do presente.

Palavras-Chave

Família; Homeopatia; Doença; Saúde; Comportamentos Alternativos; Jornalismo; Viagem; Viveiros de Castro; Susan Sontag; Paulo Rosenbaum.

Abstract

Camargo, Maria Silvia de Souza; Cardoso, Marília Rothier (Advisor). ***Milk of the Dog - Novel experiences from similars and dissimilars.*** Rio de Janeiro, 2017. 154p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The novel *Milk of the Dog* deals with key-moments in the life of a family, narrated from the point-of-view of its four members. The plot begins with an accident, suffered by the father, and the resulting struggles of the mother and her two children. The story explores the reality of theory vs. experience in issues like health, illness, education, childhood, medicine and therapy. To support the dissertation, the chapters are interrupted and commented on, in nineteen brief essays. They mirror the fiction by reflecting affinities and contrasts, similarities and differences with the unfolding plot. The essays illuminate mostly secondary aspects, but urgent contemporary questions. In the dialogue between fiction and essay, the author's experiences as a journalist and critic are examined, as well as observations about movies, plays, literature and scientific information. We seek to bring fiction, centered on homeopathic therapy, into juxtaposition with current-day tensions and obstacles.

Keywords

Family; Homeopathy; Disease; Health; Alternative behaviors; Journalism; Travel; Viveiros de Castro; Susan Sontag; Paulo Rosenbaum.

Sumário

1. Introdução	11
2. Parte um: 2012	13
2.1.	13
2.1.1 <i>Por que procurei a homeopatia</i>	14
2.2.	16
2.2.1. <i>Ir, ver – e, só então, ensinar</i>	26
2.3.	29
2.3.1. <i>Viajar e dançar</i>	37
3. Parte dois: 1997 a 2012	40
3.1.	40
3.1.1. <i>A memória da água</i>	47
3.2.	49
3.2.1. <i>Ninguém me escuta nesta casa!</i>	62
3.3.	64
3.3.1. <i>Pequenas bolinhas brancas</i>	76
3.4.	77
3.4.1. <i>Experimentos animais</i>	79
3.5.	81
3.5.1. <i>Que doença? E qual doente?</i>	82
3.6.	84
3.6.1. <i>Aqueles olhos</i>	86
3.7.	88
4. Parte três: 2013	92
4.1.	92
4.1.1. <i>O corpo fala</i>	94
4.2.	97
4.2.1. <i>Uma outra medicina</i>	100
4.3.	103

4.3.1. <i>Remédio ou veneno? Decente ou indecente?</i>	108
4.4.	110
4.4.1. <i>O conhecimento pelos sonhos</i>	111
4.5.	114
4.5.1. <i>Trator & pneumonia</i>	119
4.6.	121
4.6.1. <i>Romper as barreiras da percepção</i>	123
4.7.	129
4.7.1. <i>Entrevista numa hora destas?</i>	130
4.8.	133
4.8.1. <i>Todas as doenças são incuráveis</i>	136
4.9.	139
4.9.1. <i>Constelação familiar</i>	140
4.10.	142
4.10.1. <i>Literatura e saúde</i>	145
5. Notas da autora	149
6. Referências bibliográficas	151

A maior parte dos acontecimentos é inexprimível e ocorre num espaço em que nenhuma palavra nunca pisou.

Rainer Maria Rilke

Experimentem, nunca interpretem.

Deleuze

Introdução

Esta tese se forma de dois textos entremeados: um, o do romance; outro, o de ensaios breves sobre temas sugeridos pela história que inventei. Nem sempre os temas escolhidos para serem desenvolvidos são os de maior destaque na ficção. Assim como em *A Câmara Clara*, de Roland Barthes, em que ele reconhece o assunto principal enfocado pela fotografia (o *studium*),¹ mas tem seu olhar atraído por um detalhe (o *punctum*), também extraí motivos precisos – coisas que me atingem – a partir da trama envolvendo as personagens.

O que inventei tem maior coerência e estrutura do que aquilo de que me lembrei e que registro, quase sempre, em primeira pessoa. Só me dei conta destes temas relendo o romance e daí, sempre de forma fragmentária, fui recordando fatos, coisas que vivi, li, me disseram. Acontecimentos relacionados, em sua maioria, à minha infância e ao começo da minha vida profissional como jornalista, aos 21 anos. Durante os quatro primeiros anos² fiz de tudo. Este “tudo” se chama reportagem geral: problemas da cidade, do departamento de polícia etc. Já nesta época tentava me aproximar do sonho: escrever sobre cultura, cinema e literatura essencialmente – o que fiz nos 18 anos seguintes em que estive empregada. Mas nos jornais existem os plantões de final de semana e feriados – onde todos, especialistas ou não, têm que cobrir qualquer caso. Então minha experiência em reportagem geral foi mínima e irrelevante, mas os assuntos com que me deparei ali foram os que mais me trouxeram dificuldades de comunicação.

Hoje, como autora, num texto mais livre, posso, a cada fato recordado, relacioná-lo a um livro, peça, filme, frase, memória. Isso me ajuda a transmitir melhor o acontecimento que presenciei.

Mesmo assim, a dúvida dos 20 e poucos anos continua: de quantas maneiras diferentes a experiência se traduz?

¹ “(...) *Studium*, que não quer dizer, pelo menos de imediato, “estudo”, mas a aplicação a uma coisa, o gosto por alguém, uma espécie de investimento geral, ardoroso, é verdade, mas sem acuidade particular (...) O segundo elemento vem quebrar (ou escandir) o *studium*. Dessa vez, não sou eu que vou buscá-lo (...) é ele que parte da cena, como uma flecha, e vem me transpassar. Em latim existe uma palavra para designar essa ferida, essa picada, essa marca feita por um instrumento pontudo (...) A esse segundo elemento que vem contrariar o *studium* chamarei então de *punctum* (...)” (Barthes, 1984, p. 45).

² Os dois primeiros no *Jornal do Brasil*, depois dois na revista *Manchete*. Os anos seguintes foram no *Jornal do Brasil* e na revista *Veja Rio*, respectivamente.

Os textos do romance e dos ensaios devem correr juntos. De maneira diferente, eles procuram se autoiluminar, para diminuir as dificuldades e os limites que as palavras têm. Entre semelhanças e diferenças, um ajuda o outro na tentativa de responder à minha – cada vez maior – quantidade de perguntas.

2

Parte um: 2012

2.1.

Estava impressionado. De todos os parentes que se reuniam em volta do pai, naquele sábado em que voltei para a casa, mamãe era a mais inconformada. Dona Madalena considerava que tudo o que tinha acontecido com ele poderia ter sido evitado. Disse que seis meses antes havia pensado nesta possibilidade. Foi na madrugada de um dia em que iria viajar a trabalho que acordou com o barulho dele subindo na caixa d'água e pensou num acidente. Chegou a se levantar para ir pedir que saísse de lá, reclamar do susto e de sua compulsão cada vez pior. Mas já havia dito tudo aquilo antes e, apesar da raiva forte, “o coração disparado”, como ela ressaltava, se deitou novamente. Não conseguiu mais conciliar o sono e, no dia seguinte bem cedo, não falou sobre o assunto com papai ou Marcos e partiu em viagem por um mês.

E agora isto.

Enquanto eu e Marcos erguíamos o pai e o ajeitávamos na cama de hospital alugada, vi mamãe chorar, pela primeira vez na vida. E estava com 37 anos. Marcos também olhava para ela, chocado. Busquei os olhos dele, mas assim que o encarei ele os baixou e, depois que acomodou o pai, foi se trancar no quarto. Mamãe continuou aos brados, quebrando a tarde de sábado com um som inaudito naquela casa – até que Tia Livia a abraçou, e, segurando-a pelo braço, levou-a para a cozinha. Tia Livia e mamãe resolvem tudo na cozinha. Mas minha tia só entende de drinques. Para ela, um copo contém tudo o que uma pessoa precisa para viver. De preferência, misturado a um pouco de álcool.

Fiquei ali um tempo, olhando o pai dopado, pensando que, se ele ainda fosse meu paciente, poderia lhe dar um remédio homeopático, *arnica* ou *bryonia*. Mas o quadro de quase total imobilidade, com o rosto do lado esquerdo desfigurado num edema, tudo estava radical demais. Quis chorar. Chorar ao invés de ajudá-lo. Decidi tomar alguma homeopatia.

2.1.1

Por que procurei a homeopatia?

Não sabia o que fazer. Eram 17h e a matéria teria que descer às 18h para a gráfica. Não saía do segundo parágrafo, pois a todo instante ia ao banheiro controlar a náusea e as dores de barriga. Reli: “Um acidente interrompeu hoje a construção do condomínio Barramares, na Barra da Tijuca. Quatro operários morreram quando o andaime em que eles estavam, na altura do 12º andar, cedeu (...).” Depois descrevia a imagem: os corpos desmembrados no fundo do poço do elevador em meio aos pedaços de madeira do andaime, com capacetes e cintos de segurança estranhamente por cima dos braços e pernas, intactos.

Eu, na beirada do poço, olhando para baixo. O mestre de obras e o representante da empresa, ao meu lado, afirmavam, “foi uma fatalidade, ventou muito e o cabo rompeu”. Os outros operários eram mantidos à distância, mas enquanto eu andava para o carro da reportagem para ir embora, alguns vieram correndo, me seguraram pelo braço, dizendo: “É mentira, não dão equipamento de segurança, a gente trabalha nas piores condições, moça. Eles pegaram os cintos e capacetes depois, jogaram em cima deles, quando já *tavam* mortos.”

Queria denunciar a empresa da maneira mais objetiva possível. Acabei terminando o texto a tempo.

A dor de barriga voltou no dia seguinte, quando fui perguntar ao chefe de reportagem (Mário Gazzaneo, lendário comunista) por que a matéria não tinha saído. “Operário morto? No *Jornal do Brasil*?”, riu. “Amo vocês, garotas.” Ele não gostou da cara que fiz em resposta, porque imediatamente me designou para outro setor: “Você agora assina a coluna dos desaparecidos.” A dita coluna era uma espécie de limbo, publicada no caderno dos Classificados, que ninguém lia. Nesta era, que agora parece tão longínqua, as fontes ainda podiam subir na redação, passavam pela portaria sem problemas. Eram pais e mães me contando: “Meu filho foi raptado” ou “O pai deu uma pedrada nele”. Eles choravam – e eu ia para o banheiro chorar também. Não poderia continuar assim.

Fui ao médico da família, que me diagnosticou “vagitônica”³ e prescreveu

³ Vagotônico – Que sofre de vagotonia: hiperexcitabilidade do nervo vago ou sistema nervoso parassimpático (ou pneumogástrico). Caracteriza-se por alterações nas funções involuntárias do corpo. Este diagnóstico nunca foi comprovado, por falta de interesse meu. Na terapêutica

a dieta alimentar de uma obesa mórbida – “para sempre”. Tinha 21 anos, pesava 48 quilos, o que poderia ser *para sempre*? Uma amiga recomendou a terapia homeopática. No começo foi duro, os sintomas se intensificaram e ainda tinha que voltar lá com frequência e ficar respondendo a muitas, muitas perguntas. Algumas estranhas, como “Você acorda de que lado da cama?”. Depois ele me mandava à feira livre, comprar ervas, como amor-de-hortelão para tomar em forma de chá o dia inteiro.

Uma terapia para aposentados?

Na época não perguntei muito ao médico sobre a homeopatia. Queria uma solução. Nem por um minuto também encarei minha opção como “trocando o médico por um terapeuta”. Ele me passou confiança, era clínico geral (sempre trabalhando meio expediente num hospital). Meu limite é a dor – e a falta de tempo. Meus primeiros “À feira não vou” ou “Vou tomar anti-inflamatório e ponto final” foram encarados com respeito – e uma dose de arnica ou outro remédio, “para o bem-estar geral”. Quase nunca fico doente, mas tratei até hepatite com homeopatia. Mais importante que o mal-estar do momento era a sensação de, a cada remédio diferente, ir me transformando, numa busca sem fim por um ideal de saúde. Foi isto que me fez pensar que um médico homeopata poderia render um bom personagem. Então, como jornalista e curiosa, comecei a pesquisar o assunto, que daria para preencher uma enciclopédia, mas não é este o objetivo.

Em 1796, na Alemanha, o médico Samuel Hahnemann estava insatisfeito com a medicina da sua época, que era exercida com sangrias, vomitórios e purgativos nos quais nunca acreditou. Ele voltou a estudar conceitos preconizados por Hipócrates há dois mil e quinhentos anos e toda a filosofia de saúde que acredita que o remédio não pode antagonizar com a doença. Sua diferença para os outros pesquisadores é que ele começou a testar substâncias naturais no próprio corpo e, a partir daí, desenvolveu os princípios que criaram a homeopatia.

Não sabia de nada disto quando comecei a me tratar, estava ali porque todas as outras opções tinham dado errado. Mas achei que, quase um ano de consultas (muito longas) depois, fui me reequilibrando. O homeopata não interpreta nada que você diz, não julga, não faz cara feia a qualquer barbaridade que você possa relatar. Pelo menos o meu. Mas ouvi um “hummm” afirmativo

homeopática a definição categórica dos sintomas e o nome da doença – coisa que tanto obseda médicos e pacientes alopáticos – não é importante.

quando um tal remédio me fez sentir os mesmos sintomas do primeiro desequilíbrio de que me lembro: quando tinha uns quatro anos, enjoava e vomitava dentro do carro. O pai forrava o banco de jornal antes de me sentar lá e os irmãos queriam ficar distantes – coisa impossível, pois éramos cinco. Mas nem sempre eu passava mal. Só quando íamos viajar ou a uma festa. Enjoava não pelo movimento do carro, mas por excesso de excitação, emoção, sei lá. Demorou muito para que meu corpo lembrasse disto.

2.2.

Revirei a mala ainda nem desfeita em busca de um remédio meu na dose de emergência, mas não tinha nenhum. Segui para a cozinha. Tia Livia batia um suco de maracujá com capim cidreira. Ela serviu a mamãe e a mim e, enchendo um terceiro copo, foi oferecer a Marcos. Ele era seu afilhado e ela, a única que quebrava as regras não explícitas de isolamento dele. Ia lá e o interrompia no que quer que estivesse fazendo. Simples assim. E foi também ela que, ao voltar do quarto, lembrou, de maneira quase alegre:

– É melhor alguém ir buscar o Breno.

Sempre que mamãe ouvia o nome do neto, reagia como se a tivessem ligado na tomada: levou as duas mãos à boca num susto, enxugou o rosto e, num instante, segurou o cabo de uma faca afiada que estava no escorredor. Tirou uma cebola ninguém sabe de onde e começou a preparar o almoço dele, como quando era bebê. E Breno já tinha nove anos.

– Ele já sabe que o avô caiu, mas pedi que ficasse na casa do amigo. Ainda não viu o Dante. Ele ainda não viu o avô, gente, como é que vai ser isso? – perguntou, olhando para mim.

Minha mãe se esquecia de que Breno era um garotinho sofrido e que ele e Marcos estavam acostumados à dor. Quando a tia o trouxe, meu irmão se trancou com o filho por quase uma hora no quarto que dividiam e depois o levou para ver o avô dormindo. Breno fez algumas perguntas e chorou. Depois eu fui convidá-lo para almoçar. Ele me abraçou, perguntando do nosso assunto favorito:

– Tio, viu muito bicho no Pantanal? Lá dá pra acampar? Queria acampar no meu aniversário ou ganhar um cachorro, ou os dois.

Cachorro. O assunto proibido desde os tempos em que comecei a falar e

pedi um. Já que ele não ia ganhar um cachorro, pelo menos não enquanto morasse com os avós, resolvi contar de um cão mateiro que nos acompanhava para todo lado durante a expedição. Mamãe nos interrompeu:

– Quero todos os adultos na sala agora. Reunião.

Obedecemos. Pensei que ia ouvir uma lista de decisões e ordens, mas ela engatilhou:

– Este é o segundo grande choque da minha vida.

Que assunto era aquele agora? Por que falava do divórcio de Marcos? Ele ficou puto, levantou e já ia rumo ao quarto quando a tia o segurou pelo braço e, voltando-se para a irmã:

– O que é isso, Madalena? – fulminou. – Para que falarmos numa coisa tão antiga?

Mas era como se mamãe não estivesse ouvindo. Lívia abraçou Marcos, ambos em pé no meio da sala.

– Tive um instinto de que Dante poderia cair de lá da caixa-d'água, mas nunca poderia imaginar a partida da minha nora. – continuou.

Disse isto e tirou do bolso do vestido um vidrinho – de homeopatia, me pareceu –, que desenroscou discretamente, jogando o conteúdo dentro da boca.

Sentei ao seu lado:

– O que você queria dizer mesmo, mãe?

Teria que perguntar para Marcos quando é que ela tinha envelhecido. Não tinha percebido.

– A senhora está muito nervosa.

Uma coisa idiota de se dizer. Ela me olhou: um comentário meu era sempre um diagnóstico. Como se despertasse, recomeçou, falando pausadamente o nome de cada um dos presentes. Contou o acidente, as circunstâncias, tudo o que a gente já sabia. Marcos a interrompeu:

– Podem deixar que do papai cuido eu.

Mamãe riu e balançou a cabeça negativamente. Aquilo tudo era seu – a casa, o marido.

– Faço isso há 40 anos, meu filho! Você é jovem, pode recomeçar a vida, tem o seu filho. Tenho consciência das minhas obrigações.

Só faltou dizer que o tombo, o tombo que o havia deixado parcialmente paralisado, tinha sido responsabilidade dela também. Deu uma vontade louca de

sair dali. Ir para o pátio, ver aquele quadrado de grama seca, sentar do lado da ameixeira – do que tinha restado dela. Fazia tempo que não ia ficar no meu lugar preferido da casa. Mamãe continuava. Finalmente Tia Livia quebrou aquele rosário interminável:

– Você vai desistir do trabalho, das viagens? Vai pagar as enfermeiras só com a aposentadoria do Dante?

As viagens para trabalhar como cozinheira em retiros de desintoxicação eram uma fonte de renda necessária para meus pais nos dois últimos “fulminantes anos”, como a tia se referia ao período em que eu tinha ido para o Pantanal. Foi a primeira vez em que, reagindo a um afastamento meu, mamãe fez algo positivo. Antes disso sequer saía do bairro sem meu pai.

– Continue o que estava fazendo, você tem tido tantos convites, minha irmã. Posso ajudar o Marcos sempre antes de abrir o bar – sugeriu.

Mas mamãe insistia, sem tirar os olhos dele:

– Não, o que é isso, filho? Do seu pai cuido eu.

Depois se ergueu e tentou abraçá-lo, aquela falta de jeito constrangedora dela com ele. Ele só moveu metade do corpo na direção dela. Em nossa vida adulta só tinha visto os dois trocando um carinho no dia da formatura dele em Engenharia. Ah, sim, e no dia do casamento, no dia do casamento os dois tinham bebido e dançado bastante, abraçados.

Aquela iniciativa dele, de assumir papai doente de agora em diante, ressoava junto com uma frase que ouvi muito quando criança: “Marcos nasceu pronto” Mamãe falava isso e eu ficava pensando que ela tinha me parido sem pulmão ou faltando alguns dedos da mão ou descerebrado. Do que não conseguia me lembrar direito, por ser o caçula, é que Marcos até os 12 anos tinha sido uma criança de iniciativa, forte e altiva. O filho que, num movimento contrário ao que a maioria dos adultos faz, os pais procuravam livrar de responsabilidades. Um cara bem diferente do que via hoje: mudo, deprimidão, morando novamente com os velhos.

– Sempre fiz tudo nesta casa, como é que vai ser agora? Vamos ter um monte de enfermeiras morando aqui? Não vou mais cozinhar?

– E o retiro? Você já tem oitenta inscitos para alimentar. Já não é o suficiente? – rebateu a tia.

Estávamos nisso quando papai gemeu lá de dentro, acordando. Foi um som

ligeiro. Mamãe voou para o quarto, eu e Marcos atrás.

– O que foi? – acudiu ela

– Madalena, o quê...

O pai, confuso, tentava se levantar. Mas logo sentiu uma dor forte e soltou o corpo. Desmaiou.

Segurei seu pulso e vi Tia Livia sair correndo para o telefone, gritando que ia pedir o médico que o serviço hospitalar a domicílio tinha colocado à disposição.

Mamãe saiu atrás dela. Ficou na sala, chorando!

Assim que notei que ele se recuperou do desmaio, fui vê-la, achando que ela também tivesse passado mal. Mas lá estava ela, de pé, tentando abraçar Marcos, que procurava se desvencilhar. Quando ele me viu, sentou-a no sofá e repetiu, firme:

– Precisamos de pelo menos uma enfermeira aqui amanhã de manhã.

– Já está vindo, junto com o médico – disse Tia Livia.

Mamãe fez uma cara horrível. Sentia-se traída.

– Do resto cuido eu. Agora vou ficar com o Breno, que deve estar assustado com esta choradeira toda.

E este foi o fim das conversas familiares naquele dia. E, para mim, o fim da mãe que conheci. Da mãe que tinha deixado há dois anos. Surpreendentemente, ela deixou Marcos ir e não gritou com ele. Dona Madalena mandona e cheia de energia, exalando hiperatividade para além da pequena casa de três quartos, não morava mais ali. E isso não tinha percebido nas cartas semanais dela. Cartas que continuavam a gritar no seu excesso de exclamações e grifos, com muitas palavras em letras maiúsculas – não me conformava com aquele jeito de escrever! Tinha perdido alguma coisa, estava chocado em ver a mãe e o pai naquele estado. Entrei no quarto e retirei da mala a penúltima carta dela. Reli:

“Meu filho amado: é inaceitável que você não me escreva há DUAS semanas!! O cenário familiar aqui não muda no que diz respeito a seu pai e irmão. Dante passa o dia como começou sua aposentadoria: fica horas intermináveis mexendo nas gavetas cheias de fios, apertando parafusos e fazendo pequeno consertos. Na casa cuja obra terminou! A caixa d’água é o caso. Como você já ouviu falar, ela dispara periodicamente sem motivo algum, apesar de seu pai e irmão terem investido um bom dinheiro num sistema inteiramente novo e moderno que, se bem me lembro, incluía uma boia que NÃO permitiria que isto

acontecesse. De resto, Marcos vive a rotina de Breno, que continua a ser a alegria de nós todos, embora estude menos do que deveria, na minha opinião.

E você, meu Mateus, as tuas incríveis farras neste acampamento aí no meio do mato não te dão um minuto para que escrevas para tua mãe?! Sei que você irá dizer que a foto que mandou para o computador de seu pai era uma MENSAGEM, mas ele nem conseguiu me mostrar – e eu não a considero assim. Acho que a única novidade que posso lhe contar é que, na base do boca a boca, minhas receitas de comida natural vão ganhando prestígio e não param de convidar tua velha para que ela cozinhe em spas e retiros espirituais. O próximo é em um mês, no Paraná, mas antes disto espero ouvir sua voz ou vê-lo, que já fazem dois anos que você viaja quase sem refresco, deixando em PEDAÇOS e preocupado o coração desta que te beija,

A tua,

Mãe”

Guardei a carta novamente e fui desfazer a mala, enquanto pensava na expressão “as tuas incríveis farras”. Desde que tinha desistido de ser médico alopata, optando pela medicina homeopática, mas principalmente quando fechei o consultório para aderir a um grupo de pesquisadores de campo, que mamãe falava que meu trabalho era “acampar pelo mundo bebendo cerveja”. Por respeito a ela, no começo, tentei explicar a importância do que fazia. Mas Dona Madalena não ouviu ninguém. Pensei nisso olhando para o quarto onde estava, meu quarto de criança, igual há treze anos, que todo dia ela jura que vai transformar em escritório ou em espaço para o neto. Em várias ocasiões, todos da família conversaram com ela sobre o assunto, ponderando o quão maluco e mórbido é manter meu quarto da juventude intocado com roupas de época na gaveta. E quão injusto para com Breno, que precisa de um espaço só seu! Depois de cada argumentação ela concorda e parece que vai se movimentar no instante seguinte. Mas nada acontece e o quarto se mantém como se eu fosse voltar para lá a qualquer momento.

Mamãe me cansava. Cansado. Há muito não dormia em uma cama comum. O pai, Livia e até Marcos se orgulhavam do meu trabalho. Em onze anos descobrimos e experimentamos cinco novas substâncias usadas no tratamento de doenças epidêmicas como malária e dengue. Na foto que enviei ao pai – e que a

mãe se recusou a ver, tenho certeza –, tinha nas mãos um vidrinho contendo dez gotas de veneno de uma *elaps corallinus* (cobra coral), que, depois daquele instantâneo, dilui, dinamizei e ingeri⁴ – voluntário da pesquisa da cura para febre amarela urbana. Jamais poderia ter tirado outra foto depois de tomar o veneno: em três dias estava com quatro quilos a menos e sintomas tão terríveis quanto alucinações, urina com sangue, depressão, violenta dor na região lombar e medo de chuva, entre outras mudanças que se revezavam com rapidez, que eu e o resto dos cientistas anotamos. E ali no quarto, enquanto lembrava aquela experiência, talvez algum traço ínfimo do veneno que quase me matou me fez entristecer.

Deitei na cama e fechei os olhos. Exausto, louco para tirar a poeira do acampamento e apagar por dias, mas tinha que monitorar o pai... *Vi um homem passando rápido. Recuei, assustado. O homem quase pisou em mim, me enrolei, e, em autodefesa, ataquei.* Estremeci, sentei na cama, o coração disparado, sentindo uma dor na perna, era a picada? Eu era a cobra? Tinha sido picado? Levantei a perna da calça onde doía, olhei: nada. Um sonho. Sonhava com a ocasião em que tentei capturar a coral.

Ser um devoto da medicina do sacrifício – que, a cada descoberta, diminuía o sofrimento de milhões – de nada me valia quando tinha que ajudar alguém próximo. Papai. Como é que não soube da piora das manias dele? Ele poderia ter morrido. Caiu de uma altura de cinco metros, bateu a cabeça e fraturou as pernas, e eu não pude evitar. Fiquei com eles em 2005 por um mês, vi Marcos sofrer a separação e conversei muito com o papai sobre a decisão de ele se aposentar. Parecia firme, mas não animado. Falou sobre quanto trabalho teria em reformar aquela casa – achei legal. Viajei confortado pela ideia de que ele estaria bem ocupado, pois a casa, construída nos anos 70, precisava de muitos remendos. Sabia que a obra tinha demorado muito porque a mãe vivia reclamando...

Do que mais lembrava? De que Marcos estava se mudando para cá com o filho quando segui para a Arquipélago de Malta, perto da Itália, por quase um ano. Um ano na Ilha de Gozo, atrás do *fungus rock* (*cynomorium coccineus*), uma espécie de mofo com que a população local combate disenteria, úlcera e males venéreos. Na volta, mamãe ficou me telefonando para que viesse visitá-los, passasse uns dias aqui. Ela se esquecia de que no laboratório tinha tanto trabalho

⁴ Os remédios homeopáticos são feitos a partir da matriz de substâncias do reino animal, mineral e vegetal. Mas caso não passem pelo processo de dinamização e sucção, podem matar.

quanto em campo. No campo eu precisava de coragem e devoção, mas, na volta, paciência e atenção: preparar os medicamentos com a seiva do *fungus*, testá-los, escrever os artigos sobre a experiência e trocar informações com os colegas. Tudo baseado nos sintomas de haver tomado o *fungus*. Sintomas que às vezes anotávamos mal, pela turbulência física que aquilo gerava. Para entendê-los não bastava que os recordássemos lendo. Tínhamos que considerar aquela substância animal, vegetal ou mineral depois de decifrar sua força vital no cérebro, no imaginário, nos sentidos, nas vísceras. E como cada um vivia e observava uma mudança diferente, tudo era extensamente discutido. Se os participantes da experiência encontrassem um número importante de sintomas correlatos, poderíamos chegar à conclusão de para que serviria aquele remédio e depois gastaríamos horas e horas no seu preparo, até se conseguir a dinamização correta. Feito isso, assim que o remédio vai para as farmácias, ah, a gente começa a buscar verbas para a próxima viagem.

Ainda assim, mesmo dos lugares mais remotos por onde andei, tinha mandado notícias ou telefonado duas vezes por mês, pelo menos. E mamãe me escrevia a cada dois dias! Como é que não tinha percebido a gravidade do estado do pai? Fechei os olhos mais um pouco, antes de ir vê-lo, o sono me derrubando. *Rápida, a cobra sempre surge de uma abertura escura para cuspir morte ou vida antes de retornar ao invisível.* Ouvi a mãe dando escândalo:

– Mas eu lhe imploro, meu filho, imploro que viaje menos e não adianta, peço que participe mais da família e não adianta. E agora não lê minhas cartas!

Li as cartas dela, mas não adiantava contestar Dona Madalena. Li – depois da pesquisa terminada, na volta para o Brasil. Antes de pegar a balsa para a Ilha de Gozo, fui para a caixa postal dos correios e retirei um pacote com mais de uma centena de cartas! O volume era sempre tão grande que eu as lia do meu jeito, não todas, nem inteiras. Olhava as que podia e queria. Desta vez tirei uma só do bolo, ao acaso, já no avião de volta. Não gostei do tom. Parei de lê-la lá pelo meio e rasguei.

Se a tivesse lido na íntegra ela diria:

“Meu Mateus: lembra de mim? Sua Mãe? Não tem um pingão de vergonha para me escrever ou mandar algo mais do que mensagens eletrônicas, não é? Sei o que vai dizer, que me ensinou a mandar e-mails, mas o computador ou está nas mãos do seu pai em suas pesquisas sobre seiláoquê – ou nas mãos de

Breno, que, apesar do que diga, fica horas ligado entre ele e a TV. Seu irmão tem o computador do quarto dele, como você sabe. Mas lá NÃO POSSO ENTRAR. Recentemente decretou que é ele quem cuida até da faxina da sua toca, então, só se houver um milagre e ele sair de casa, caso contrário nem passo na porta do quarto.

Outro dia pedi ajuda ao Breno pois já desesperava de saudades suas, um ano, meu filho, um ano de distância, e ele conseguiu entrar na conta do avô – veja que danado – e me mostrar uma foto de você e a turma, sorridentes, queimados de sol, com uma breve mensagem: “Tudo bem aqui. E aí?”. Apertou um botão de resposta e veio um espaço branco onde comecei a digitar, mas Breno disse que eu parecia uma tartaruga e mandou, “você dita, eu escrevo, vó”. Aí fiquei meio sem palavras, raciocino melhor com caneta mesmo. Depois que Breno enviou umas frases minhas, vi que na mesma mensagem embaixo seu pai já tinha te respondido! E ele nem me comentou nada.

Meu Mateus, tínhamos que falar sobre teu velho. Está difícil ter paciência com ele. Ora está na mesa apreciando minha comida e conversamos normalmente, ora age como se tivesse cem anos, repetindo as coisas, andando de um lado para outro, montando e desmontando a caixa d’água. Ontem tive que bater na porta do quarto do teu irmão, que é o único que consegue tirá-lo de lá. Os dois começam aquela conversa de marcianos sobre o dispositivo da boia do empuxo da água do cano do ar que entrou na tubulação e aí, em algum momento, Marcos apresenta alguma solução ou diz uma frase que o acalma. Ainda que esteja deprimido, ele é calmo e habilidoso, você sabe. Pois teu irmão falou e teu pai desceu, tomou banho e dormiu como se fosse um bebê. Isso já aconteceu outras vezes, sabia? E só quando ele desce as escadas é que fico em paz, vou para a cozinha e começo a mostrar o meu melhor. Gosto que vocês passem horas na mesa, comendo. Mas logo meu olhar acaba se fixando no TEU lugar. Teu lugar vazio. E onde está o meu príncipe? Com certeza tem rabo de saia nesta sua equipe de pesquisas e você não quer me contar!

Só você me ouve, meu filho. E é muito cruel que eu não possa deixar a turma aqui e não tenha um centavo para pagar uma passagem de avião e ir ao teu encontro! Ontem demorou tanto para Marcos convencer seu pai a parar de consertar a bomba d’água, que fiquei muito aflita e fui para o banheiro onde achei um medicamento de 2005 que você tinha dado para ele: mercurius

solubilis. Coloquei duas bolinhas no café com leite dele, pra ver se, sei lá... Depois é que me dei conta que, claro, o medicamento estava vencido. Muitas vezes você foi o médico dele e o meu. Você poderia voltar a fazer isso, não poderia? É o que eu mais queria. Fico aqui com o coração apertado,

A tua,

Mãe.”

Se tivesse ido além do segundo parágrafo teria sabido mais notícias do pai. E lembrado que receitei *mercurius solubilis* para ele quando do anúncio da aposentadoria, pelos sintomas de desistência da vida, do trabalho e de objetivos – perigos que o rondavam. O que não sabia é que, assim que seguí para a Ilha de Malta, o pai parou com o remédio. Como eu havia lhe ensinado, só via sentido em tomar homeopatia se pudesse conversar com seu médico para ir lhe relatando o que sentia. E seu médico era eu, seu filho, tão ocupado em novas e importantes tarefas! Não seria por telefone que o pai iria forçar a barra de uma consulta.

Abri os olhos sem saber de nada disso. Concluí que não tinha outras notícias porque quem atendia ao telefone ou escrevia era sempre mamãe, e ela só fala dela ou reclama de mim. Levantei e fui verificar meu antigo paciente. Agora papai estava sendo cuidado por um clínico geral, depois iria ao ortopedista e ao neurologista. Nem quando era médico alopata achava apropriado ser o médico da família, e agora que estava com o consultório fechado há doze anos, então... Mas queria tirá-lo da solidão de haver se acidentado, queria tranquilizar a sua imaginação com relação ao que teria pela frente, animá-lo dizendo que iria andar novamente. Se conseguisse fazer um pouco disto já seria muito.

Tia Livia me alcançou no meio do caminho:

– Seu pai acordou!

Todos estavam em volta da cama. Papai fechava e abria os olhos, mamãe acariciava seu rosto e cabelo. Tentava sorrir, mas um lado do rosto nem mexia. Cheguei perto e perguntou, numa voz bem fraca:

– E as cobras?

Todo mundo riu. Estava lúcido!

– As cobras vão bem. E você, pai?

Fui tomar seu pulso e medir a pressão.

– Dói. Tudo dói. Eu caí?

Papai perguntou olhando para mim e Marcos. Mamãe, rápida, começou a

versão longa da história:

– Vai manso, mãe – falei, apertando sua mão.

O pai deu mostras de que lembrava quase tudo. Em determinado momento inclinou o pescoço com dificuldade e viu as duas pernas engessadas:

– Vou dar trabalho. Não queria isto – estava com os olhos cheios de lágrimas.

Mamãe cortou:

– Ah, mas o Marcos aqui disse que vai cuidar de você!

O pai não estava entendendo.

– Todos nós, pai – interrompeu Marcos. – Nós vamos cuidar de você. E já contratamos enfermagem para o banho, estas coisas.

Ele tossiu e pensei que tinha que tirar mamãe dali bem rápido. Fui dar água para ele e ela puxou Marcos para a janela. Embora tivesse baixado a voz, todos ouviram:

– Nós vamos cuidar dele, Marcos? Sério? Em dez dias viajo para o retiro de Carnaval. Não é melhor você pedir para o seu irmão se mudar para cá? Afinal, ele é o médico.

A obsessão dela com a minha profissão! Sorri para o pai, que tentou sorrir de volta. Lembrei do slogan que ele criara, do seu método de controle de mente: “transformar a angústia numa oportunidade criativa.” Mas nada de criativo me vinha, só ódio.

– Puta que me pariu, mãe! Que inferno!

Não consegui xingá-la alto. Não, minha mãe não era uma puta, era uma doida. Uma doente que, ao contrário do meu pai maníaco que subia na caixa d’água sem parar para consertar um defeito inexistente, ou do meu pai derrubado, caído, como o via ali, cultivava uma desordem mental desde que me entendia por gente. Uma desordem com ênfase na capacidade da fala, sempre impensada, sempre irrefreável. E durante toda a adolescência a xinguei muito – para que todos ouvissem – quando ela vinha com aquela adoração cega, sufocante. Papai sempre dizia: “tenha paciência, sua mãe é carente. Se dedica muito a nós três.” Tia Livia era mais direta: “minha irmã sempre se sentiu menor, tem um buraco dentro dela, uma carência que sei lá. Será que é porque começou como secretária do Dante? Era mais promissora que isso. Quando jovens, os dois, ela e seu pai, tinham outros planos.” Nada daquilo me importava mais. Faz tempo que tinha conseguido me

libertar. Mas por um minuto queria sacanear, queria que ela se sentisse mal, queria me vingar pelo meu irmão e pelo pai, queria contar que tinha uma viagem de trabalho já na Semana Santa. Desta vez para longe. Desta vez, África.

2.2.1.

Ir, ver – e, só então, ensinar

O pai – quinto filho de uma tradicional família campineira – foi uma criança tão asmática que quase não “vingou”, como diziam os mais velhos. Talvez por ter tido uma infância de saúde frágil, assim que se firmou resolveu viver a pleno vapor. Aos 18 anos já tinha sido expulso de todos os colégios de Campinas (SP), quando meu avô lhe deu uma passagem de avião só de ida para os Estados Unidos. De lá ele voltou para morar e trabalhar no Paraná e nunca mais parou. Suas duas regras de ouro eram que nossa mãe viajasse com ele pelo menos uma vez por ano (de preferência por mais de um mês e se possível para a Europa) e, durante as viagens menores, nunca passar um único final de semana longe dos cinco filhos. O pai era um alegre inquieto, que sempre repetia: “A cidade de São Paulo não é o Brasil, vocês têm que conhecer o Brasil”, coisa que nos levou a fazer assim que pode. Nas férias viajavamos por muitos estados brasileiros de carro e moramos quase cinco anos no Nordeste antes de nos estabelecermos na cidade do Rio de Janeiro.

Outro de seus mantras: “Vocês não têm ideia do quanto são privilegiados. Estudem e arrumem um jeito de dividir isto com quem tem menos.” Então, não mudávamos só de estado ou de moradia, mas de classe social. Dos mais miseráveis aos mais abastados, não havia lugar para a exclusão em nossa família. Para meus pais, católicos de esquerda, a divisão era prática: trabalhar uma ou duas vezes por semana na Favela do Mata Sete (palafitas sobre um mangue que tomava grande área da zona sul da cidade do Recife nessa época), dar aulas do Mobral no quintal de casa todas as noites, além de infindáveis visitas a instituições de caridade ou a pessoas com deficiências físicas – sempre conosco ajudando.

A experiência das constantes mudanças geográficas e sociais de meu pai fizeram dele um autodidata que aprendeu tudo o que sabia pela experiência, e foi empresário bem-sucedido que falava várias línguas, sem nunca ter frequentado a universidade. Esta frase é do aventureiro Amyr Klink, mas poderia ser do pai, que

aprendeu, sobretudo, viajando:

Um homem precisa viajar para lugares que não conhece para quebrar essa arrogância que nos faz ver o mundo como o imaginamos, e não simplesmente como é ou pode ser; que nos faz professores e doutores do que não vimos, quando deveríamos ser alunos, e simplesmente ir ver. (Klink, 2000, p. 25)

Quando o pai empreendeu sua mais longa viagem – morreu aos 50 anos, bem longe do Brasil –, eu tinha 16.

Encontrei paralelos da vida do meu pai com autores fundamentais para esta dissertação. O idealismo de Benoit Mure, filho de família abastada e tradicional em Lyon, França, também começou por um problema de saúde: tuberculose. Sua família tinha dinheiro e acesso a todos os médicos, mas, em 1832, aos 23 anos, ele estava desenganado pela medicina tradicional. Foi enviado para a Sicília, Itália, em busca de um clima mais quente já moribundo. Lá leram para ele o *Organon*, primeiro livro de Hahnemann traduzido para o francês. A leitura o abalou a ponto de voltar para a casa dos pais e exigir que fosse cuidado por um discípulo francês do homeopata, Doutor Des Guidi. Considerado curado um ano depois, Mure começou a distribuir seus remédios entre outros tuberculosos e a viajar pela Europa reunindo médicos homeopatas e estudando com eles. Em 1837, já formado, segue para combater a cólera em Palermo. Trabalha com populações carentes em Paris, Cairo e Malta.

Em 1840, aos 31 anos, vem trazer a homeopatia para o Brasil. É logo apelidado de Bento e, apaixonado pelo que encontra, acredita que aqui é o local para inaugurar uma comunidade ideal, uma cidade de sonho igualitária, que possa tratar a saúde dos escravos e excluídos. Procura o Imperador Pedro II, de quem obtém terras para fundar a Colônia do Sahy, em Santa Catarina, para onde leva cem colonos franceses e brasileiros. O Sahy se mantém apenas por dois anos. Em 1843, Mure volta ao Rio de Janeiro, onde já haviam sido fundados vários ambulatórios populares (assim como no resto do país) que atendiam gratuitamente a milhares de pessoas. Um ano depois ele inaugura a Escola Homeopática do Rio de Janeiro e isto enfurece a Faculdade de Medicina, de origem portuguesa, que, por três oportunidades, acusa os homeopatas de envenenamento. A história de

Benoit Mure é a de uma luta política heroica e desgastante para mudar o pensamento do Império em prol de uma medicina social, tendo ele, para isto, dilapidado a fortuna do pai, que nunca aceitou ou compreendeu seu projeto.

Outro francês, o romancista Jean Marie Gustave Le Clézio teve a carreira profundamente marcada pelo espírito aventureiro e humanitário do pai, como ele relata no livro em sua homenagem, *O Africano*. Este médico inglês, contrariado com a medicina elitista que se exercia no começo do século XX na Europa, opta por ser voluntário na África. Diante da Segunda Guerra, deixa a mulher, o futuro romancista e seu irmão na Europa, para trabalhar numa imensa região, a partir de Lagos, Nigéria. Le Clézio só vai reencontrá-lo quando está com oito anos de idade. Na África compreende que o pai é o único médico disponível em centenas de quilômetros de uma região muito isolada onde não havia outros brancos ou europeus. Durante 22 anos ele pratica ali uma medicina precária, com poucos equipamentos e nenhum apoio, antes do surgimento da penicilina. Faz isto por compaixão pelo povo africano, com quem se identificava imensamente. Por isto o autor o batiza de *O Africano*.

Meu pai, Bento Mure, o Africano e talvez Mateus, o personagem de *Leite de cadela*, tentaram criar uma nova terra onde viver. Isto se faz primeiro mentalmente e depois geograficamente. O historiador da arte Aby Warburg, nascido na Alemanha, mais velho de sete irmãos, rompeu com muita coisa para inventar uma profissão e uma vida para si. Primeiro abriu mão de seus direitos de primogenitura. Saiu do círculo dos negócios e começou a encontrar algumas das referências mais fundamentais para seu trabalho quando, em 1895, visitou a Smithsonian Institution em Washington. Ali entrou em contato com antropólogos que o orientaram na busca dos povos ameríndios, iniciando pesquisas rumo ao Oeste e Novo México. Em suas viagens para a região dos *pueblos*, observando danças de antílopes e outros rituais, Warburg repensou o que conhecia sobre história e obras de arte. Ele escreveu em 1907 a James Mooney, seu amigo e antropólogo americano: “Sempre me senti profundamente grato aos índios. Sem o estudo da cultura primitiva deles, eu nunca teria criado condições para dar uma base ampla à psicologia do Renascimento” (Michaud, 2013, p. 187).

Este movimento de atravessar barreiras mentais ou geográficas só se completa, como bem sabia Warburg, quando se pode fazer “uma exposição” do que se viu e ouviu, do que se imaginou. Pode-se reunir imagens sobre o assunto,

relacionando-os (o inacabado Atlas Mnemosine); falar ou escrever. A própria palavra escrita sobre qualquer experiência não tem pertencimento. Uma vez publicado o livro ou postado o blog, ela é do mundo – nômade.

2.3.

África. Uma viagem cheia de detalhes que fariam Dona Madalena se apavorar e deixar o pai encantado. Sempre o entendi. Um homem simples, ingênuo, um trabalhador incansável. Que até o fim dos anos 80 tinha segurado a onda de manter sua empreiteira no compasso de uma concorrência desleal com as empresas gigantes da área, sustentadas desde o regime militar pelo favorecimento político. Meu ídolo estava envelhecendo mal. Dona puta Madalena parecia ter mais força. Olhando os dois agora, depois de um ano ausente, parecia que ela andava roubando a energia do pai.

Precisava conversar com Marcos sobre eles.

Bati na porta do quarto dele. Lembrei da vergonha que sentia, desde o começo da adolescência, sempre que percebia que a mãe me privilegiava. Procurava mostrar o quanto achava aquilo deplorável – livrar nosso relacionamento dos “delírios da mamãe”, como eu e ele debochávamos. A gente já tinha passado por aquilo mil vezes, às vezes em brigas horríveis e discussões, às vezes dando risada, mas sempre sentia um certo constrangimento. Uma sensação tão conhecida minha: de que ela me usava para perturbar todo mundo.

Agora Marcos não abria a porta – será que tinha ficado chateado? Comecei a gritar o nome dele e a bater com força. Quando abriu, tirava os fones de ouvido.

– Me conta aí o que é que houve na minha ausência. Tô meio impressionado com Dona Madalena, tá mais absurda, sério.

Ele sorriu, desanimado:

– Ah, você conhece. Começou a cozinhar para fora, ficou mais feliz, mas mais controladora também, quer que tudo funcione como se ela estivesse aqui. Fica me telefonando dos retiros. O pai tá sentindo falta dela.

– Os dois estão envelhecendo rápido. Nunca tinha visto mamãe chorar, que coisa.

– Também não, mas ela tá melhor que ele – diferenciou –, só que você chegou. Ela continua revoltada por ele ter se aposentado e quer que você saiba

disso!

Concordei. Marcos via os dois com mais clareza do que eu.

– Quer chamar minha atenção... e já ouvi ela reclamar para caralho nestes dois anos em que estava no Pantanal. Cada vez que telefono, você sabe.

Ele fez um gesto de impaciência:

– É diferente. Moro aqui.

– Claro.

Pensei em acrescentar um “porque quer”, mas estava com saudades dele, queria ouvi-lo.

– Até um ano depois de terminar a obra da casa parecia tudo normal – revelou Marcos. – Só então ele contou para ela que estava fechando a empresa, se aposentando, acredita? Antes, quando ia comprar os materiais e tal, ela achava que ele estava indo para o escritório! Quando soube, falou pra caramba.

– Como é que você aguenta?

– Quando fica impossível vou para o bar da tia, levo o Breno junto. Ela é louca por ele, estão cada vez mais grudados.

– Nunca vi papai assim, tão submisso. Desde quando ele tem medo dela?

– Ficou muito sem chão aposentado e, depois, com o fim da obra. Aliás, se depender dele, a casa nunca fica pronta. Já mostrei todas as soluções lógicas para o problema da água. Trouxe colegas engenheiros, empreiteiros, bombeiros. Tentei tudo, cara. Até entender que ele gosta de ficar testando um sistema atrás do outro sem nunca encontrar o ideal – riu. – É o passatempo dele.

– Você tem muita paciência ...

– Noite destas – começou Marcos, cauteloso. – Noite destas sonhei que pegava uma espingarda e atirava vários cartuchos na caixa, que, toda furada, provocava o maior dilúvio, molhando tudo.

– Bom, pelo menos em sonho...

Marcos acusou a alfinetada, ameaçando recolocar os fones de ouvido. Fiquei um tempo em silêncio mas acabei fazendo outra provocação:

– Talvez a aposentadoria dele tenha sido a segunda maior decepção da vida dela.

– Já que a minha separação vem sempre em primeiro lugar, não é? É impressionante, ninguém se cansa de falar nisto.

Marcos recolocou os fones, aumentando ainda mais o volume da música,

mas eu quis ficar e retomar a conversa. Olhei em volta. Entrar ali me doía, pois o Breno ocupava um cantinho no antigo quarto do pai, onde a cama e os brinquedos se acumulavam. E com meu velho quarto ao lado vazio, como o mausoléu de um menino morto. Com aquela atitude, mamãe demonstrava que achava que Marcos estava com eles provisoriamente – e lá se iam sete anos.

Reparei numa poltrona e um pequeno sofá, espremidos num outro canto.

– Nem tinha visto esta novidade – aponteí.

– É, veio lá do apartamento.

– Você não deixou todos os móveis num depósito?

– Vendi tudo.

– Tô surpreso. Pensei que estava guardando para montar uma nova casa, tanta coisa linda.

– Não, não queria nada daquilo pra mim. Só peguei isso aí.

– Porra, Marcos, e quando você se mudar daqui vai começar do zero?

Ele fez que sim com a cabeça. Tive raiva. Por que não se mudava? Por que, já que tinha decidido ficar ali, não invadia meu antigo quarto, na marra? Por que não se impunha, não fazia nada?

Olhei para ele, que continuava calado. Decidi amenizar. Arrisquei:

– Mas você tá se sentindo bem assim? Como é que você está?

– Indo.

– E a empresa?

– Tem cinco anos que vendi, te contei!

– Tô perguntando das dívidas. As dívidas da empresa.

– Paguei tudo.

– Jura? – E, na falta de um gesto melhor, dei um tapinha no ombro dele. – Ótimo, ótimo!

Genial ele não dever mais dinheiro, mas o que me vinha à cabeça quando falávamos na empresa era que suas principais invenções, tudo aquilo com que ele ambicionou a imortalidade, nunca tinham saído do protótipo. Ele se sustentava pelos direitos da venda da única criação que tinha se tornado realidade, um painel de lâmpadas de *led* para estádios de futebol. O resto, máquinas bem mais importantes, tinha vendido para um sócio. Não saberia dizer quanto dinheiro meu irmão ainda tinha, mas grande parte havia sido torrada no processo contra Norma, a ex-mulher, para garantir a guarda de Breno.

Ele também não aceitava qualquer oferta para desgrudar dos velhos. Na época da separação ofereci meu apartamento. “Muito pequeno e longe”, como mamãe condenou, mas vazio por meses, às vezes anos – o que lhe garantiria independência e privacidade. Depois Tia Livia cedeu espaço para eles em seu apartamento, mas ele também negou. E, mais recentemente, eu e a tia encontramos um apartamento entre a escola do Breno e o bar dela, mas ele nem se moveu. Negou os convites e sugestões com um fio de voz e uma atitude que entendi não apenas como tristeza, mas, sim, vergonha. Meu irmão mais velho, meu ídolo em criança, estava humilhado diante de nós. O filho que não dava trabalho, o primogênito que cresceu ouvindo e aconselhando o pai profissionalmente – quando deveria ser o contrário –, nada mais tinha a dizer.

O divórcio tinha sido uma enxurrada que não terminava de levar o Marcos que eu conhecia para longe. Em todas as outras dificuldades antes daquela, durante toda a vida da gente até ali – até mesmo quando ele ficou no hospital, em criança –, cuidou de mim. Isto até o dia em que a tia me telefonou na Itália, pedindo que voltasse. Do aeroporto fui direto para a casa dele. Uma cena parecida com aquela agora: fiquei esmurrando a porta e telefonando até que abrisse. Em horas de visita, só ouvi dele um pedaço de frase sem sujeito: “me largou.”

Dizia aquilo como se estivesse caindo da bicicleta no instante em que me ensinava a andar.

E quando Marcos se sentia daquele jeito – e a separação foi a primeira ocasião em que o vi assim tão ferrado –, não adiantava o que dissessem ou fizessem. Era um misto de autoexigência, humilhação e culpa. Talvez só o papai – ali a partir dos 12 anos, depois da crise de apendicite de que eu não lembrava direito – conseguisse quebrar aquele ciclo. Mas voltando da Itália, na situação inédita de ajudá-lo ao invés de ser ajudado, não soube o que fazer. Depois de uns minutos em que ele não abria a boca, fiquei bem nervoso, achei que tinha surtado. Só quando fui pedir ajuda a um colega, médico psiquiatra, pelo telefone, que Marcos concedeu, como num espasmo:

– Me largou.

– Mas te largou por quê, cara? O que aconteceu? Fala!

Ele emudeceu novamente. Pelo menos tinha dito algo. Mudei de tática, resolvi dar um tempo. Ia fazendo as coisas e anunciando: “Vou ficar por aqui, tá?”; “Fazer um café pra gente”; “Tenho que tomar um banho, deixo a porta

aberta, ok? Se precisar, grita”; “Vou sentir seu pulso antes de entrar no banho. Não?”; “Deixa ver o fundo do olho. Não posso te examinar por quê, cara? Fala comigo”; “Olha, e se depois do banho a gente fosse dar uma volta no quarteirão, quer?”; “Você já comeu? Vou pegar um leite pra mim, quer?”, e assim por diante. Uma hora lá ele deitou no sofá e cochilou. Lembro que telefonei para a tia, que estava ainda mais enrolada:

– Tá começando a ficar um inferno aqui com o Breno. É, a babá cuida, fralda e coisa, mas na hora de dormir, o bichinho chora até cansar. Está estranhando, claro. Não acredito que Norma não vá voltar. É uma crise, uma crise. Expliquei isso para a babá. Ela tá com cada olhão arregalado... toda hora repete que neste final de semana é a folga dela, pode? Tô levando ele de volta, tá? Levo para aí ou pra sua mãe? Não é melhor chegar logo lá com o Breno e ir contando tudo, hein, Mateus?

Contar tudo para mamãe. Aquela que fala mais do que a serpente no Jardim do Éden. Se ainda hoje ela não consegue entender a decisão da nora e lembra do abandono do filho como se tivesse acabado de acontecer, na época – por mais lentamente que lhe fossem revelados os fatos – cismou que Norma estava com “estresse pós-parto”. Bem retardado, já que Breno tinha um ano, como cansei de argumentar. “Ou doida. Norma está doida”, mamãe repetia.

Mamãe lutou como uma leoa para proteger o filho e o neto, reduzindo Marcos, pela primeira vez na vida, a uma criança indefesa – só que agora, na aparência e na gravidade, ele era um adulto. E, quando ela entendeu que Norma não voltaria, afiou as unhas e a língua: “Como é que você me casa com uma mulher destas” foi uma frase muito ouvida então, e “No meu dicionário, mãe que abandona o filho merece cadeia” era outro clássico.

Marcos reagiu aos gritos uma ou duas vezes. Mas tinha que cuidar de brigas mais violentas, ocupado entre advogados de vara de família e os da empresa. Breno também demandou muita atenção, que mamãe supriu bem. O único pensamento que me aliviava naquela época é o de que tudo seria passageiro. Mas lá estava o meu irmão, o caranguejo no buraco da areia, exposto àquela constrangedora situação de ter a Dona Madalena no controle.

Aquele não era o momento de desistir:

- E quais são seus planos agora, cara?
- Já consegui guardar algum dinheiro.

Marcos juntou o polegar com o indicador, mostrando o quanto era aquilo.

– Que ótimo!

– Já sei o que você vai perguntar – adivinhou. – Quando eu vou me mudar.

Não é a melhor hora para me mudar.

Pensei em dizer “nunca vai ser a hora, se os velhos estão ficando cada vez mais velhos”, mas fiquei quieto. Olhei o relógio. Tinha que ir ver o pai. Me levantei, e aí foi a vez dele:

– E você? Vai ficar por aqui?

– Não gosto, você sabe. Amanhã já teria que ir para o laboratório e o ideal seria que dormisse hoje no meu apartamento, que é do lado, não pego trânsito...

Marcos fez uma careta.

– Mas claro que não vou – emendei –, claro que não. Fico aqui uns dois dias.

Levantei e fui até a porta, em dúvida. Já com a mão na maçaneta, cedi a um impulso:

– Preciso te contar uma.

– O quê? Não entendi o que você falou.

– Preciso te contar uma coisa – voltei, sentei na cadeira e puxei-a para perto dele.

– Conta – temeu Marcos.

– Vou viajar de novo. Agora, na Semana Santa.

– Jura? Pra onde?

– Longe. África!

Para quem nos últimos anos não saía do Brasil, nem da cidade, nem mesmo de casa, sequer do quarto, se o irmão ia para a Itália, Pantanal ou África, pouco importava. Ele sempre daria força.

Já quando fui para minha primeira pesquisa de campo, na Ilha de São Francisco, em Santa Catarina, Marcos resumiu para o pai, naquela conversa de poucas palavras que os dois sempre mantinham:

– Meu irmão conseguiu juntar trabalho com divertimento e ação social. Lê este e-mail dele, cheio de tesão porque encontraram o tal mulateiro-da-várzea,⁵ que vai produzir os remédios antioxidantes.

– Gerei dois gênios, dois inventores – falou Dante com orgulho. – Mas

⁵ Planta antioxidante da família do café.

acho que Mateus hoje é mais feliz no trabalho que nós dois juntos.

O primogênito ficou com aquilo na cabeça. Na época estava num limite muito sério – do enfarte ou coisa pior. Chefiava um grupo de dez engenheiros do mesmo nível que ele, que tinha se formado em Elétrica e Mecânica ao mesmo tempo. Estes se dividiam entre duas invenções, um complexo eólico que funcionava em mar aberto e um navio que transportava plataformas de petróleo inteiras.⁶ Subordinados aos grupos, outros times, de técnicos, secretárias e administradores, e, mais recentemente, um escritório de advocacia para patentear os inventos, o que estava sendo o mais difícil.

Já Dante gostava de pensar que, comparado aos filhos, nada tinha de criativo. Era um Engenheiro Civil animado, inspirado desde a mocidade por uma única palavra: transformação. Em 1965, aos 18 anos, conseguiu estágio em uma grande construtora e logo pediu que o mandassem ver pontes, estradas, viadutos – tudo o que o país que vai pra frente precisou para se aproximar e se conhecer. Por três anos viajou, acampando nas estradas de terra antes de ali deitar asfalto e entrando por morros e matas que mais tarde derrubava ao chão. Sua disposição se tornou conhecida em todos os grupos por onde passou e logo foi promovido – para ficar mais tempo dentro do escritório. Em 1968, quando conheceu Madalena – sua secretária – estava numa destas funções em que se reunia e planejava muito, mas pouco ia ver o desenho virar realidade. Isto o deixava inquieto e infeliz, mas já tinha 21 anos, o que, na época, era idade suficiente para casar e ter família – e foi o que ele fez. Depois de desenhar e construir a pequena casa para dentro da qual carregou Madalena vestida de noiva, conciliou as funções de engenheiro projetista com algumas viagens a campo. Até que seus chefes acreditaram que poderia usar o carisma que tinha com os técnicos e peões para negociar contratos em Brasília, em pleno governo Médici.

Marcos admirava tanto o irmão por ele ter largado a medicina alopática para a qual se achava pouco talhado quanto o pai por não ter talento para as negociatas. No fundo, os dois nunca tinham dado atenção ao dinheiro – viver e cuidar das pessoas era o que eles achavam mais importante. Talvez, como o pai havia dito, Mateus fosse o exemplo mais bem-sucedido de que as coisas importantes podiam ser conseguidas com pouco ou nenhum dinheiro. Nem sequer no tempo Mateus pensava, se suas descobertas iriam se concluir agora ou muitos

⁶ Ambos existem. Todo meu respeito aos seus inventores.

anos depois de ele estar morto. Se seu nome iria ser lembrado ou não.

Marcos havia tido fama e dinheiro. Tinha acumulado tanto, que não conseguia explicar a ninguém por que agora morava com o filho num quarto dos pais. Havia ganhado mais prestígio e prêmios do que imaginara, sustentado uma empresa ousada e uma vida confortável para ele e Norma. Mas aquilo era o passado. Estava esgotado em “transformar a angústia em oportunidades criativas”, como o pai ensinava. Era feliz por ver o irmão conquistar o que queria, indo para a África ou sei lá onde. O irmão era solteiro, livre – finalmente longe do controle da mãe. Se lhe perguntassem quais as coisas boas de sua vida no momento, diria que a realização do irmão era sua realização também. E ter conseguido a guarda do filho. Isto: criar Breno, apoiar o irmão e dar algum conforto ao pai eram missões mais que suficientes para ele.

– África? – Marcos sorria. – E o que é que tem lá que aqui não tem?

– Vou para uma floresta no Congo, floresta tropical, como aqui. É lá que vive o que eles chamam de cobra coral verdadeira, do gênero *microrus*, cujo veneno é ainda mais potente contra a malária...

Estávamos nisso quando tentaram abrir a porta. Pela insistência, era Madalena. Marcos mantinha o quarto trancado por causa das intromissões dela.

– Já volto, aí a gente conversa mais – prometi. – Preciso ver o papai.

Assim que cheguei para vê-lo, ela veio atrás:

– É verdade isto, Mateus?

Me virei em sua direção, pedindo silêncio. Ele estava sereno, de olhos fechados, mão quente embaixo da minha. Marcos entrou em seguida e a tirou do quarto. Demorei para ir encontrá-los:

– Verdade o quê, mãe?

– Que na Semana Santa você já está fora daqui... África!

Olhei para ele e sorri. Que bom que tinha me poupado o trabalho de contar.

– Tenho que trabalhar.

– O que você tá fazendo da sua vida, meu filho? Você é um nômade! Para um pouquinho...

O mesmo papo de sempre. Difícil explicar qualquer coisa para ela. Fui me afastando. Ela me segurou pelo braço.

– Não pode pedir uma licença? Dizer que teu pai tá doente?

– Quero ir. Quando a verba sai, temos que aproveitar. É a conclusão de um

trabalho importantíssimo. Você vai morrer de orgulho quando ler nos jornais.

– Se não fosse tão longe... – choramingou e abriu os braços para me abraçar. – Mas tem que ser longe e perigoso, né? Tem que ser num lugar que eu nem sei onde fica! Achei que você já tinha acampado o suficiente quando garoto, Mateus! Você rejeita a gente... Teus pais estão velhos, querido. Mas pode deixar que depois do Carnaval não aceito mais cozinha nenhuma, fico aí... – Disse, espichando os olhos em direção ao seu quarto.

– Mãe, olha o drama. Eu vou ficar aqui – interveio Marcos.

Ela deu as costas para ele, procurando estreitar o abraço de que me livrava:

– O Marcos tá falando, mãe, ouve – virei-a na direção dele.

– Tô ouvindo! Só o que faço é ouvir e atender a todo mundo! – desabafou.

– Então por que você fala que vai ficar sozinha se tem meu irmão? – Gritei. – Você é mãe dele também!

Marcos se aproximou e me segurou pelo ombro.

– Não ouse me lembrar das minhas obrigações, Mateus – enfatizou. – Sou mãe, e uma mãe ama seus filhos!

Tinha minhas dúvidas. E por isso fui embora, só voltando alguns dias depois.

2.3.1.

Viajar e dançar

“Você é herdeira do seu avô paterno e de seu pai. Viajar e dançar são coisas que você precisa fazer.” O diagnóstico, feito por um iridologista americano de quem não lembro o nome,⁷ me surpreendeu. Estava há um mês ouvindo esotéricos de todas as vertentes possíveis para uma matéria de capa da *Revista Domingo*, do *Jornal do Brasil*, e dois já haviam passado atestado de charlatães ao dizerem “você foi uma rainha em vidas passadas”. Nem queria ouvi-los a meu respeito, meu papel não era consultá-los, mas entrevistá-los. Só que todos tentavam me impressionar. Este pediu licença, aproximou-se, olhou minha íris e resumiu tudo nesta frase.

A mãe sempre dizia que ninguém tinha mudado mais de escola de que eu,

⁷ Não lembro o nome, mas recordei que seguia os ensinamentos do homeopata Ignatz Peczely. Peczely era uma referência em terapias naturais no Ocidente do século XIX.

a exemplo do pai. Antes de fazer sete anos já tinha passado por cinco estabelecimentos diferentes – e vomitado de nervoso em todas eles. Por isto, a conselho do pediatra, fui deixada um ano em casa (para revolta dos irmãos) e, depois, matriculada numa das primeiras escolas Montessori de São Paulo. O pai também buscou caminhos alternativos, como o pai dele. O avô rompeu com toda a família ao desdenhar a herança, desistir de ser fazendeiro de café e montar uma pequena indústria de seda. Nunca saiu de Campinas, São Paulo, mas sabia que aquele mundo era pequeno demais para meu pai, pois lhe deu um convite de ida sem volta quando ele tinha 18 anos.

Minha família paterna nunca precisou estar numa guerra para se mudar: migraram para se salvar do tédio, das relações familiares e para ter liberdade. Muito diferente do que relata o romancista francês Jean-Marie Le Clézio sobre os seus. Seu pai médico deixou a Europa pressionado pela II Guerra e foi viver na África, deixando para trás mulher e dois filhos, que foram viver num pequeno apartamento junto com os avós. Ele imprimiu no filho autor a marca da contestação e do nomadismo.

Vivi a tristeza do sul da França nos anos da Guerra (...) tinha crises e ia me esconder debaixo dos móveis para não ver a luz (...). A angústia da guerra, um mundo fechado, sombrio, sem esperança (...). O bombardeio que me jogou no chão e me deixou sem sentidos, a ferida na perna de minha avó (...). Tudo isto desapareceu ao chegarmos em Ogoja (...). Foi neste cenário que vivi os momentos de minha vida selvagem, livre, quase perigosa. Uma liberdade de movimentos, pensamentos e emoções que nunca mais conheci depois (...). Nós não íamos à escola. Não tínhamos clube, nem atividades esportivas, nem regras, nem amigos, no sentido que se dá a essa palavra na Inglaterra ou na França. (...) Os dias de Ogoja tinham se tornado então meu tesouro, o passado luminoso que eu não podia perder. (Le Clézio, 2007, p. 19)

Depois de Ogoja, cidade da Nigéria, Le Clézio, viveu no México e no Panamá. Hoje, laureado com o prêmio Nobel em 2008, se divide entre as Ilhas Maurício, Nice e o estado americano do Novo México. Profundo crítico da

sociedade urbana moderna, ele já recebeu os apelidos de “escritor nômade” e “índio da cidade”. Sua experiência com os índios, relatada no romance *Hai*, demonstra um elo de ligação com estes povos selvagens, semelhante ao de seu pai com os africanos.

Não sei muito bem como é possível, mas a verdade é esta: sou um índio. Não o sabia antes de ter encontrado os índios, no México e no Panamá. Sei-o agora. Não sou talvez um índio muito bom. Não sei cultivar o milho nem afeiçoar uma piroga. O peiote, o mescal ou a chicha mastigada sobre mim não exercem grande efeito. Mas quanto ao resto, quanto à maneira de andar, de falar, de amar ou de ter medo, posso dizer o seguinte: quando encontrei esses povos índios, eu, que não julgava por aí além ter família, senti-me como se de repente tivesse conhecido milhares de pais, de irmãos e de esposas. (Le Clézio, 1970, p. 11)

Parece que, tendo migrado uma primeira vez, não se consegue mais voltar ao local de origem. O filósofo Gilles Deleuze diz isto em *Mil platôs*, “assim é a terra natal, uma vez perdida, sempre perdida” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 401). O nômade foge de sua história, e ganha em geografia, conquistando espaços novos. Após vivermos quatro anos e meio em Recife, meu pai pediu, em parte brincando, que escolhêssemos o próximo lugar onde morar. Optamos pelo Rio de Janeiro. Três anos depois, um pouco antes que falecesse, tinha fechado contrato para trabalhar – levando a parte feminina da família, pois os irmãos não queriam deixar o Rio e iriam ficar no apartamento com minha avó materna – em duas cidades da Europa. Ele com certeza sabia que, como defende Michel Maffesoli, o sociólogo francês que inventou o conceito da tribo urbana, “(...) é o caminhar que salva, e não o enraizamento” (2001, p. 190).

3

Parte dois: 1997 a 2012

3.1.

– Tudo certo – falou Marcos para si mesmo.

Olhou o relógio. Ainda eram 17h40 e já tinha até dado o nó da gravata. Mateus saía do banho molhado, ouviu algo, se enrolou na toalha e foi ver o irmão, que estava diante do espelho.

– Tá tudo bem – repetiu.

– Senta aí, noivo, está cedo para irmos para a igreja, relaxa.

Marcos terminou de conferir seu fraque e procurou por uma poltrona, onde sentou e fechou os olhos. Mateus voltou ao banheiro.

O dia de seu casamento. Como se sentia? Absurdamente feliz e muito tenso. Mais feliz do que quando recebeu o primeiro prêmio da Associação Brasileira de Engenharia quando ainda era estudante, ou do que no dia da formatura. Sua pequena empresa ia tão bem que ele já tinha conseguido ajudar os pais de Norma a pagarem o salão de festas e o bufê. Mas pensar na velocidade e na quantidade de conquistas dos últimos cinco anos – em que também havia conhecido aquela com quem iria se casar dentro de uma hora e meia – dava angústia. E quando o irmão falou lá do banheiro “Será que a gente vai ver a mamãe chorar pela primeira vez na vida?”, ele sentiu que isto poderia acontecer não com ela, mas com ele, e ficou aflito.

Não respondendo a Mateus, tirou o paletó, que dobrou cuidadosamente, unindo ombro com ombro, alisando as mangas. Afundou na cadeira e, embalado pelo som da lâmina que escorregava no queixo de Mateus, procurou relaxar. Visualizou a si mesmo subindo em uma árvore. Ao chegar lá havia uma casinha de madeira. Abriu a porta. No único cômodo deste abrigo feito por toras, havia muitas almofadas, um computador e uma pequena tábua onde apoiá-lo. O quadro negro continha números e equações. Algumas toscas prateleiras de tábua de construção apoiavam livros. Marcos sentiu-se entrar no mesmo lugar do que quando criança, sentar nas mesmas almofadas (já não tão macias), fixar os olhos em um ramo da árvore que entrava pela janela e respirar fundo. Respirou uma,

mas não duas vezes.

– Me ajuda aqui com a gravata, a sua ficou tão boa – interrompeu Mateus.

18h15. Hora de ir se casar. Queria chegar antes das 19h na igreja. Só quem poderia ser mais pontual que ele era seu pai. E o pai foi a primeira pessoa que viu, em pé, a postos, ao lado da mãe, no resto do altar vazio. Ao vê-lo, Marcos lembrou da casinha na árvore, que o pai lhe havia ensinado a criar e que tinha revisto a poucos instantes. Seguiu pelo corredor até o altar, sentado na almofada da casinha contemplando a árvore e respirando; árvore e respira, árvore e respira, árvore.

Parentes e amigos iam ao seu encontro enquanto avançava, ele os olhava rapidamente e sorria, mas era Mateus quem falava com eles. Sentia que o irmão o guiava, segurando em seu antebraço, rumo ao altar. Ele também olhava e não reconhecia mais da metade das pessoas presentes, a família ou os amigos de Norma. Meses antes da cerimônia ela lhe mostrou fotos e falou sobre os inúmeros primos e amigos de infância, mas ele não saberia citar um só nome ou reconhecer alguém. O número de convidados para a cerimônia tinha sido um cabo de força entre os dois, até que ele simplesmente parou de ouvir o que ela dizia. Só concordava com a cabeça. O importante é que, ao final de tudo, Norma seria sua esposa.

A mãe saiu da sacristia para encontrá-los, mas ele evitou o abraço dela como se não quisesse amassar o fraque e, depois disso, foi incapaz de dizer o que aconteceu. Via o irmão e a mãe falando, animados, mas não os ouvia. Até que olhou para a porta da igreja e lá estava ela. De braço dado com o pai, tão diferente, luminosa, na contraluz da porta com o entardecer lá no fundo. Linda, e não irreconhecível como tantas noivas. Percebeu que ela sorria para ele. Sentiu um impulso de correr ao seu encontro, para ir embora dali naquele mesmo instante. Fugir. Se saísse correndo naquele instante... No meio da fuga poderiam parar para comer o galetto com farofa de banana de que tanto gostava no caminho, só os dois, deixando toda a imensa festa para trás.

Norma apareceu novamente em algum momento da confusão sem o véu mas com uma saia justa e blusa maravilhosamente decotada, arrastando-o para a bancada montada pelo bufê, onde pediu um café.

– Para de me beijar um instantinho e toma isso aqui, que esta recepção ainda vai longe. Tá todo saidinho o meu marido!

Das mãos de Norma passou para os braços da mãe, que o intimou a dançarem juntos. Assim que a viu, quis dizer algo e não conseguiu:

– Mãe, as meias escorregam e a sola dos sapatos também. Meus dedos estão doendo, batem nesta merda de sapato duro. Não posso...

– O quê, meu filho? – disse Madalena, afastando-o para olhar seu rosto e entender seu falar engrolado em meio à música alta, enquanto o rodava, começando a dança.

Marcos tentava falar dos pés, mas já não os sentia. Sendo muitos centímetros mais alto que a mãe, abraçou-a debruçando-se sobre ela, que pensou: “meu menino está muito bêbado” Os dois agora se moviam lentamente pelo salão e o filho aproveitou para ver os convidados com calma: Mateus e um grupo de jovens médicos paquerando as amigas de Norma, que dançavam sós numa roda.

Elas o viram, e apontaram, cochichando e rindo.

Girou a mãe para o outro lado, onde estavam seis ou sete casais mais velhos, dois vizinhos dos tempos em que era criança e sua tia Livia. Encostada no bar, ela entretinha os engenheiros de sua empresa com uma coqueteleira nas mãos. Todos estendiam copos vazios na direção dela, que parecia estar dizendo algo engraçado. No balcão, enfileirados, outros copos vazios e, atrás dele, um garçom atento comandava garrafas de conteúdos coloridos, potes com gelo e frutas. Movendo os ombros por sobre os da mãe, reparou que todos os colegas de trabalho, embevecidos por Livia, estavam de terno e sapatos novos, e alguns ostentavam cortes de cabelo diferentes.

“É o placar que pagou tudo isto”, pensou.

“O placar do Marcos”, como Dante batizara, já tinha sido comprado por todos os estádios brasileiros, alguns da América Latina e dois da América do Norte. Mas como invento, era primário: um grande retângulo de lâmpadas de *led*⁸ onde o patrocinador poderia escrever o que quisesse sob o comando de um programa de computador. Um sistema que ele imaginou aos 14 anos de idade para uma Feira de Ciências. Lembrou dele num dia em que foi ao Estádio do Maracanã, ver um Botafogo X Flamengo justamente para esquecer do trabalho. O jogo estava muito chato até que um painel de madeira com propaganda cedeu ao peso das pessoas apoiadas nele. A queda do painel colocado na vertical da

⁸ Esta invenção existe e foi inspirada num painel eletrônico que mostra o número da camisa dos jogadores que entram e saem de campo, criado, em 1996, pelo cearense Carlos Eduardo Lamboglia.

arquibancada foi a única coisa que despertou o público. E, logo depois do susto, Marcos pensou: por que não um painel mais moderno fixado dentro do campo, rente à grama?

Saiu do estádio achando a invenção primária óbvia. Alguém já deveria ter pensando naquilo antes, claro. E como iria chegar na empresa e dizer aos engenheiros que largassem todos os inventos com que vinham trabalhando e fossem montar um sistema de acendimento de lâmpadas? Mas no dia seguinte bastaram cinco minutos no escritório, sentado em sua mesa, para perceber que a ideia não era assim tão idiota. Os inventos iam bem, mas eram pirâmides grandes e ambiciosas, e o escritório precisava fazer caixa. Ele então explicou a necessidade do painel para os colegas, que, como mais uma vez ele percebeu, o obedeciam com admiração.

Em pouco tempo as luzes que escreviam nomes de bebidas energéticas, bancos e planos de saúde tinham financiado seu casamento e a vida de todos no escritório. Ele, que tinha a veleidade de criar algo revolucionário, era conhecido hoje por uma bobagem que qualquer eletricitista faria, e não pelas joias de alta tecnologia que ele e seus pares vinham desenvolvendo desde a faculdade.

Marcos se sentia um pouco enjoado. Arroto.

Sua mãe desfez o enlace e perguntou:

– Está tudo bem, meu filho?

E ele respondeu, usando a clássica e universal mentira masculina:

– Tudo bem.

E vomitou no espaço entre ele e Madalena, que se esquivou, mantendo o filho seguro pelos ombros.

O que Marcos só soube mais tarde é que no mesmo instante em que era retirado do salão por sua mãe e irmão, Dante explicava para um grupo de engenheiros da sua construtora sobre o filho:

– Há dois anos o Prêmio Talento em Engenharia Estrutural teve que abrir uma exceção. Marquinhos foi o mais jovem na história do prêmio, e suas ideias foram consideradas na construção do maior complexo hidroelétrico deste país.

No banheiro, o filho premiado estava totalmente fora de controle, o que era inusitado e divertia Mateus. Marcos vomitou pela segunda vez:

– Não é o *apêndice*? – Alarmou-se.

– Como, maluco, aquele que você tirou? – Riu o médico – Você ainda tá

bêbado.

Mateus começou a limpar a gola do paletó de Marcos, até que, vendo que ele ia ficando ainda mais sujo, tirou o seu próprio e trocou com o dele. Ia ficar só de camisa e, enquanto dobrava os punhos dela e o irmão descansava sentado na privada, sem que soubessem, lembraram a mesma coisa: o dia da crise de apendicite.

Era o sábado da festa dos 12 anos de Marcos. Ele acordou sentindo-se pesado. A barriga lhe doía na altura da bacia direita e ele pensou na bolada que tinha levado no vôlei da aula de Educação Física da escola. Enquanto escovava os dentes, a dor o fez relembrar o ódio por aquelas aulas. Mas a barriga incomodou mais quando ele viu a comida do almoço. Disse à mãe que não queria provar nada, e ela, apesar de achar aquilo atípico, acreditou que o menino tinha sentido o cheiro do brigadeiro pegando o ponto na panela, ou visto o bolo, e estivesse planejando comer apenas açúcar. Afinal, seu filho era gordo.

– Nada disso, meu filho, almoce normal. Seus amigos só vão chegar daqui a umas quatro horas.

Ele não quis. E Madalena foi ficando irritada. Com o almoço já na mesa e nenhum dos filhos por perto, Madalena passou a chamar alto por eles. Marcos estava no quarto e não quis descer. Mateus de nada sabia, brincava no jardimzinho atrás da casa. Passava horas ali e só entrava se o chamassem. Naquele dia tinha tirado uma lâmina do aparelho de barbear de metal do pai e seccionava minhocas. Fazia isso para ver quanto tempo seus pedaços independentes se mexiam e depois anotava, numa folha de papel, os números do seu experimento.

Mateus observava uma das minhocas, que, cortada dois dias antes, estava regenerando o pedaço amputado. De repente a mãe surgiu, quase gritando:

– Tô chamando faz tempo! Lava a mão e vem pra mesa. E, por favor, vai chamar seu irmão lá no quarto que ele tá se fingindo de surdo.

– Mãe, a minhoca tá *ressuscitando*.

– Passa álcool na mão antes de comer e aproveita e chama seu irmão.

– Peraí, olha só a minhoca, mãe, peraí.

– Não estou pedindo, estou mandando!

Mateus guardou a minhoca que tinha saído do estado letárgico num vidro à parte e foi subindo a escada bem devagar. De repente, da cozinha, Madalena ouviu gritos e subiu, rápida, pulando degraus. A porta do quarto que eles dividiam estava

entreaberta:

– Vai embora, queridinho da mamãe, sai daqui! – gritava Marcos, esticando a perna para chutar o irmão. – Diz pra ela que não vou ...

Madalena empurrou a porta no mesmo instante em que em que Mateus se esquivava do chute e a porta bateu na testa do caçula com força. A porrada foi forte, o menino caiu sentado no chão do quarto. A mãe agarrou o mais velho pelo ombro:

– Seu idiota! – gritou, abrindo a mão com toda a força em seu rosto.

O barulho do tapa e o choque – bater no cara era expressamente proibido naquela família, onde os adultos nunca chamavam ninguém daquele jeito – fez com que todos se olhassem.

Madalena se recompôs:

– O pai de vocês não pode saber disso, entenderam? – Exigiu.

Foram quatro horas bem difíceis até que o primeiro convidado tocasse a campainha. Quando colocou a torta preferida do filho na mesa para os parabéns e ele saiu correndo rumo ao banheiro, Madalena o seguiu com o coração apertado. Tentando evitar que as crianças entrassem, viu que o filho nem conseguia ficar ereto. Olhou seu rosto e entendeu que ele estava doente, se contorcendo de dor, e dali já saiu com o filho para a rua, fazendo sinal para um táxi, rumo ao hospital. Normalmente Dante os levaria dirigindo, mas Madalena gritou para que ele e o irmão ficassem com as outras crianças.

No hospital, assim que o médico pediu que o menino dobrasse a perna direita e ele não conseguiu, as coisas começaram a ser feitas numa velocidade espantosa.

– Apêndice. E supurou – disse o doutor para a mãe, enquanto a enfermeira colocava Marcos na maca.

– Rompeu, Dante, o apêndice dele espalhou a infecção. É grave, entendeu? Levaram nosso filho para a mesa de operação – repetiu ela no telefone público do saguão.

Vinte minutos depois, Dante chegou com Mateus no hospital.

– Ele tinha que vir? – Madalena apontou o caçula.

– Quanto tempo um apêndice leva para romper? – Perguntou em resposta.

Os pais não sabiam.

– Foi o único jeito de sair de casa. Ficou implorando para vir – amenizou

Dante.

– Culpa minha, não dei bola para o que ele dizia, desde cedo estava reclamando, achei que só queria comer besteira como sempre – interrompeu Madalena. – Fui ao seu lado na maca, mas na sala de preparo para a operação não me deixam entrar.

Ela abraçou Dante e assim ficaram. Mateus achou que não era a hora de pedir para ver a sala da cirurgia ou contar o que tinha acontecido mais cedo, afinal, tinha um galo debaixo da franja e o irmão ficou com a cara vermelha um tempão! Quando os pais se desenlaçaram, implorou para ir ao centro cirúrgico, centro cirúrgico, centro cirúrgico, mas nem foi ouvido. A mãe mandou que fossem buscar uma mala com o que ela e Marcos precisariam, e que Mateus lá ficasse com a tia.

Na sala de cirurgia, um sujeito apertou a mão de Marcos e se apresentou dizendo seu nome. Explicou que iria colocar uma máscara de avião em seu rosto, por onde sairia um gás que o faria dormir, para depois acordar sem seu órgão “e se sentindo muito melhor!”. O médico falou isso e cobriu a própria boca com uma máscara de pano verde clara, o que impediu o menino de ver se o cirurgião estava sorrindo ou não.

Marcos respirou fundo quando lhe mandaram e logo sentiu uma garota muito pesada sentada em sua barriga. Ela parecia ser uma menina do nono ano de que gostava, só que em tamanho GG. Era enorme como ele. Tinha o mesmo cabelo preto e comprido, bonito, o corpo superdesenvolvido da colega da escola. Mas, reparando melhor, as mãos dela eram garras. O peso era impossível, algo cedeu, como uma cama de armar desmontando. Caído, ele esticou o pescoço para olhar, mas ela tinha sumido, agora só via o buraco que tinha na barriga, por onde passava uma intensa luz. Nem mesmo seu umbigo existia e todo o bolo de aniversário, mastigado, estava no chão. Marcos começou a lutar com força para, pisando nos pedaços de bolo, ficar em pé e subir os degraus de madeira pregados na árvore onde estava seu “refúgio de boa energia”, que o pai o havia ensinado a criar.

Foi visitando o irmão, aos nove anos, que Mateus resolveu que iria ser médico. O que o atraiu não foi exatamente a medicina, mas o fato de que ninguém no hospital respondia suas intermináveis perguntas:

– Se o apêndice não serve para nada, como a mamãe está dizendo que o

médico falou, então porque a gente tem um?

E foi isso que Mateus lembrou ao limpar o fraque do irmão ali no banheiro do salão de festas. Mesmo que Marcos pudesse ter morrido pelo apêndice supurado e que a operação o tivesse salvo, em algum lugar da cabeça do futuro médico ficou marcado que aquela intervenção tinha sido uma violência. Talvez porque Madalena sempre insistisse para que Mateus comesse e Marcos não. Talvez porque tanta proibição para que Marcos não ingerisse muito açúcar o tivesse feito comer muito açúcar. Mas, com certeza, pelo tapa na cara, pelo galo na cabeça, pelo silêncio que tinham sido obrigados a manter. Tudo tinha sido uma violência sim. Uma violência, no mínimo, para o humor de Marcos. Uma violação de sua mãe, embora este fosse um pensamento que nunca conseguiu dividir com o irmão, mas que guardava para si e com o qual, de tempos em tempos, se aborrecia.

3.1.1.

A memória da água

Os irmãos Mateus e Marcos, no casamento deste último, lembram de algo marcante da infância: a operação de apêndice de Marcos. No momento da rememoração, inclusive, Marcos está tão tonto que se esquece de que retirou o órgão, coisa de que Mateus sempre se lembra, pois interessou-se pelo evento do ponto de vista do médico que viria a ser e das circunstâncias familiares que o envolveram. A memória é assim: afetiva, distorcida, incontrolável. Varia de acordo com o ponto de vista de quem lembra.

O médico psiconeuroimunologista Luis Fernando de Mello Campos, que estuda as ligações entre o corpo e a mente, diz que o corpo de qualquer mamífero traz memórias de que às vezes ele nem se dá conta.

Imagine uma zebra. Mesmo que ela tenha sido criada no seu quintal, sem nunca ter visto uma leoa pela frente, assim que ela avistar uma, seu banco de imagens relaciona a leoa ao perigo e todo o seu corpo se preparará para correr (...). (Camargo, 2000, p. 27)

A zebra sabe que a leoa irá atacá-la, pois seus ancestrais reagiram e isto ficou gravado no seu DNA. Da mesma forma, as células da nossa pele, cabelo e unhas, sabem como confeccionar um novo cabelo – se você raspou o seu – igualzinho ao anterior, porque têm memória. O médico homeopata Paulo Rosenbaum diz que a vulnerabilidade fundamental do ser humano está na memória, ou melhor, no fato de não se tomar consciência de dados registrados no corpo/aparelho psíquico. Por isso o médico tem que conversar muito com seu paciente – para que ele possa se recordar.

Um dos grandes debates em torno da homeopatia questiona o que das matrizes animal, vegetal ou mineral fica nos remédios, já que estas substâncias são tão diluídas e dinamizadas. Segundo Hahnemann, ao contrário do que se pensa, é através destes processos que a solução adquire a força e a potência da matriz que a nomeia. No entanto, muitos cientistas acreditam que isto não é possível, desafiaria qualquer lei da física ou da bioquímica.

A explicação para a permanência das moléculas e a eficácia dos remédios homeopáticos pode estar na teoria da “memória da água”. Esta teoria, levantada pelo imunologista Jacques Benveniste nos anos 1980 e sustentada pelo virologista francês Luc Montagnier (responsável pela descoberta do retrovírus do HIV), diz que o DNA de bactérias pode deixar “marcas” na água, mesmo após muitas diluições. As moléculas da água teriam uma suposta capacidade de reter propriedades do que quer que se misture a elas, mesmo quando esta substância já não se encontra mais presente.⁹

Trata-se de uma teoria que não cabe discutir. O que interessa é seu inegável caráter poético: a água tem memória. Ou melhor: a água mantém os efeitos curativos de todas as substâncias nela diluídas. Isto já inspirou uma peça de teatro: *The memory of water*, escrita pela inglesa Shelagh Stephenson em 1997. O título da peça toma a teoria científica como metáfora das relações de hereditariedade e dramatiza a tomada de consciência da memória. O texto, uma comédia de humor negro, foi encenado no Brasil em 2002, com direção de Felipe Hirsch. Fala sobre três irmãs que se reúnem numa cidade do interior da Inglaterra para o funeral da mãe. Enquanto elas discutem, uma delas experimenta um vestido da mãe e as outras param de falar para se espantar com a semelhança da irmã com

⁹ Em 2001, outros pesquisadores publicaram na revista *New Scientist* que se depararam com o mesmo efeito “não explicado e inesperado”. A mídia chegou a divulgar que a descoberta ‘comprovava’ a teoria homeopática (Nassif, 2011).

a falecida. Começam então as lembranças as mais disparatadas e dolorosas possíveis. Ao final da peça, quando todos se encaminham para o funeral, a que se veste como a mãe diz ao amante que acha “que aquele cara francês estava certo” (referindo-se ao imunologista Jacques Benveniste). Ele não entende a referência. Ela esclarece:

Aquele que disse que a água era como uma fita magnética. Minha mãe é como o fantasma dentro da máquina. Ela passa por nós como o vinho passa pela água. Quer a gente queira ou não. Nada termina definitivamente. (Stephenson, 1997, p. 70)

Nada termina, principalmente se está no nosso DNA. Mesmo quando desconhecemos ou negamos nossas heranças, elas estão em nós.

3.2.

Já Marcos, naquele mesmo instante, oscilava. Ficava ainda mais tonto quando tentava coordenar as ideias e só um tempo depois de o irmão ter dito que ele já tinha sido operado é que conseguiu apalpar a própria barriga e verificar que a cicatriz estava ali no lugar do apêndice. Depois sua mente vagou pelo “refúgio da boa energia”, logo ficou irritado com a lembrança do painel de *led* e, de repente, parou em Norma.

– Quero ir ver a Norma.

Mateus concordou. Norma era seu atual refúgio.

– Está na hora de acabar esta festa. Você vai dormir muito na lua –de mel – riu o irmão.

Antes do porre no dia do casamento, Marcos só havia tomado um outro. Foi quando decidiu se declarar para sua atual esposa. Ela sentia que o pedido estava próximo, esperava por ele, mas Marcos era tímido e demorou. Uma noite, antes de descer do carro, ao fim de um passeio, mencionou o aniversário próximo com uma ponta de desgosto na voz:

– Não vou ter 23 anos para sempre.

Ele sorriu e não conseguiu dizer nada. Deu um beijo de despedida triste,

como se nunca mais fossem se ver. No dia seguinte aquilo ressoava: ele também não teria 24 anos para sempre! E Norma estava indo para um hotel, mergulhar num congresso importante, para depois se candidatar a uma bolsa de doutorado no exterior, o que, levando-se em conta sua trajetória no mestrado, era quase certo conseguir.

Às 7h30 acordou pensando nisso, ideia que ruminou até as 11h. Quase meio-dia se jogou num táxi, decidido a entrar no hotel e falar com ela antes do fim do dia. Foi barrado logo na entrada:

- O senhor não tem crachá? Então não entra.
 - Esqueci o crachá – mentiu.
 - E qual o seu nome? – emendou o porteiro, sacando uma lista.
- De nada adiantou.
- O senhor pode esperar no bar, à esquerda.

Sentou e pediu uma cerveja. De onde estava conseguia ver o banheiro feminino e se fixou nele até que, horas depois, reconheceu a figura longilínea de Norma no vão da porta. Levantou-se e sentiu tudo rodar – da cerveja tinha cedido às caipirinhas. Marcos se esgueirou por entre uns vasos de plantas antes que o garçom visse que ele saía do bar sem pagar. Conseguiu abordá-la quando ela abria a porta para voltar ao auditório:

- Marcos! O que houve? – Assustou -se.
- Preciso falar com você – agarrou-a pelo pulso.
- Vai embora, por favor. Depois a gente fala – estranhou. O que pode ser tão urgente?
- Vestido lindo...
- Veio até aqui só para falar nisso? – Riu.

Foi quando ele viu, pelo canto do olho esquerdo, que o garçom corria em sua direção com a conta:

- Não, vim te pedir uma coisa: casa comigo?

Nos anos seguintes, sempre que Norma contava esta história com prazer, Marcos não podia deixar de pensar que aquilo tinha sido tão atípico seu: um momento em que sua ousadia científica transbordava para a vida. Nos anos seguintes, inúmeras vezes, ela pedia que ele fosse romântico como naquela tarde, e se expressasse. Então Marcos se esforçava para, no meio do expediente, pegar o telefone e:

– Telefonei só para dizer que te...

– ... amo, também te amo muito – completava ela.

Os telefonemas foram ficando mais frequentes, porque, embora Norma tivesse desistido do doutorado no exterior, logo sua agenda como professora de psicologia, responsável por inúmeras bancas de mestrado, a fazia viajar sem parar. Mas se o trabalho de Norma era intenso, e ela, uma profissional respeitada, Marcos, ainda na faculdade de Engenharia, era considerado um gênio. No terceiro ano tinha projetado, com um grupo de colegas, invenções surpreendentes. Antes da formatura, duas já estavam premiadas, e dali para frente, foi só conseguir uma sede fora da universidade para crescer. Ele não era o mais enérgico dos chefes, mas sua capacidade acadêmica fazia dele um líder natural. Seus antigos colegas, agora sócios, esperavam que ele tivesse um plano incrível atrás do outro.

O problema é que, se aos 24 anos ele tinha tantas ideias quanto energia para o namoro e o sexo, aos 29 sentia-se esgotado por estar com os principais projetos nas mãos de advogados que pleiteavam direitos autorais e patentes. O desejo que tinha colocado no trabalho não estava sendo o suficiente para ver nenhum plano concretizado. E isso foi afetando sua libido como um todo.

Muitas vezes, a proximidade dos trinta anos é a melhor fase para os homens e, ao contrário, uma época complicada para as mulheres, mas não para Norma. Até ali, ela, aos 28 anos, tinha trabalhado e namorado intensamente. Os dois usufruíam de uma situação financeira melhor que a maioria dos amigos, e pouco pensavam em filhos, ocupados em se divertir. Mas, a cada ano, as amigas passaram a falar mais e mais em ter filhos, até que começaram a não ter outro assunto, e, quando ela intuiu que o último invento do marido demoraria mais do que ele desejava para virar realidade, previu tempos difíceis. E esta foi a primeira vez em que a vontade de ser mãe a perturbou.

A esta altura, Madalena já tinha perguntado várias vezes quando eles lhe dariam um neto. No começo do casamento, Norma ainda tinha a faculdade de Psicologia na ponta da língua, e analisava tudo o que a sogra dizia para Marcos com aparente compreensão: “Sua mãe é muito proativa para ser só dona de casa, então ela nos pede um neto”; “Sabia que o neto costuma substituir o fim do apogeu sexual dos nossos pais?”, entre outras superficialidades. Marcos, sempre discreto, a tinha alertado para que não levasse tão a sério o que a mãe dizia, porque ela “falava demais”. Mas, passado o desconforto dos primeiros encontros

em que se sentiu testada, Norma ficou amiga da sogra – e vice-versa. Passou a chamá-la de Madá, e Madalena, que nunca tinha tido um apelido, aceitou e gostou da intimidade.

Norma a encarou como uma espécie de “estudo de caso”, um tipo de mulher da geração de sua mãe, mas diferente. Madalena não trabalhava fora desde o nascimento de Marcos e ela se solidarizava com a solidão daquilo. Achava graça no arauto da família que, rapidamente, colocava em palavras tudo o que os homens insistiam em calar. Na habitual visita dos finais de semana, ela era sempre engraçada:

– Ih, lá vão eles visitar a amante, que mora em cima da escada: a caixa d'água.

Marcos e Dante pegavam duas cervejas, subiam até o telhado e dali só desciam quando o almoço era servido. Madalena ouvia Norma falar sobre o trabalho e também contava para ela, repetidas vezes, sobre seu tempo como secretária. Considerava a nora um modelo de independência feminina e ambição. Depois de dar aulas de psicologia social, ela estava investindo em psicologia organizacional e se transformando numa executiva, com melhor salário e os benefícios da multinacional em que fora contratada. Norma era realmente muito independente. Talvez independente até demais. Madalena perguntava:

– Mas agora você trabalha mais do que quando era professora, quando vai ter tempo para ser mãe?

Enquanto conversavam, a nora a ajudava na cozinha. Ia perguntando o que podia fazer e cortando, lavando, tirando as coisas da geladeira. Nunca quis saber cozinhar, afinal, não tinha aprendido em menina; e, diante dos talentos de Madalena, era melhor nem começar. A sogra não entendia o que exatamente o filho comia quando longe dela:

– Mas como a empregada só faz salada de alface e tomate, Norma? Não sabe cortar um repolho, uma cenoura? É assim, ó – ria Madalena, demonstrando.

– É só lavar a faca!

– Não sei. Não me importo. Marcos come legumes nos restaurantes perto do escritório e quando vem aqui, não é?

A nora estava decidida a não cair numa cilada tão óbvia quanto aquela: a de cozinhar, e entrar num terreno em que o jogo já estava ganho. Aos poucos ia na direção contrária ao da dona de casa e mãe. Agora que já fazia jornadas de até dez

horas na empresa, nos finais de semana não era sempre que queria se divertir com o marido ou ir ver os sogros. Havia aderido aos jantares e festas corporativos, “porque é ali que as pessoas relaxam e entendo a dinâmica dos relacionamentos”, justificava.

Marcos teve medo. Será que tinha se enganado e esperado demais do casamento? Talvez. Não estava preparado para que Norma mudasse. Havia se casado com uma professora de psicologia, e agora era uma executiva com especial apego ao novo salário. Às vezes, quando chegava em casa às 22h esperando encontrá-la, era recebido por um jantar feito pela empregada, que comia solitário. A primeira briga feia que tiveram, aos quatro anos de casados, foi quando ele foi contar para Norma sobre um problema no trabalho que o angustiava. Tentava patentear seus inventos e os advogados prometiam um desfecho favorável para breve, mas ele teria que pagá-los do próprio bolso, já que a empresa não tinha verba para isto.

Esperou-a chegar:

- Precisamos conversar.
- Muito cansada. Pode ser outro dia?
- Não.

Logo caíram naquela clássica disputa sobre qual dos dois tinha trabalhado mais e precisava de atenção. Onde estava sua melhor ouvinte? Ele não sabia. Na véspera de depositar o primeiro vultoso cheque aos advogados estava muito ansioso. Norma se vestia para ir a mais um coquetel e ele começou a questionar o que estava lhes acontecendo:

- Amanhã tenho que dar um passo decisivo e você nem fica em casa.
- Se você me pedir para ficar em casa, fico, a gente conversa – falou, irritada.
- Claro que quero.
- Faz tempo que não ouço sua voz, Marcos, e isso é muito ruim.

Marcos tinha sido espontâneo novamente, e isso ela adorava. Ela voltou atrás e eles se sentaram e conversaram até a madrugada, como faziam quando se conheceram. Beberam uma garrafa de vinho e ele lembrou, em retrospecto, de toda sua vida, da faculdade até agora. Aquele era um momento importante, em que teriam que ser corajosos. E por que não?

- Mateus largou tudo de estável. E meu pai, mesmo ele, sobreviveu com

um negócio próprio à concorrência das grandes empreiteiras durante vinte anos... Você também está fazendo o que quer, só não sei se quer se aventurar nesta comigo.

Norma questionou todos os detalhes. Marcos disse o que imaginava que iria acontecer. Ela sempre precisava de mais garantias do que ele.

– Mas se eu não fizer isto, vou fazer o quê? São quase dez anos desenvolvendo estas máquinas, não posso vendê-las e ficar como um empregado, eu as criei. São elas que vão nos dar independência.

Disse isso com tanta força que Norma o abraçou. Sim, ela queria continuar com ele, embora intimamente temesse aonde aquilo os levaria. Só pedia que ele falasse sempre o que estivesse sentindo, o que quer que fosse, na hora em que lhe viesse à cabeça; que não fosse mais o bicho do mato com quem vivia ultimamente. Se Marcos procurasse se esforçar, com ele iria até “o fim do mundo”. E aí ele falou. Falou em filhos. Ele gostava da ideia. Foi a primeira vez em que abordaram o assunto com seriedade. E ela concordou que sim, que lhe daria um filho.

Três anos depois, Breno nascia.

Nos anos seguintes, Marcos se lembraria várias vezes daquela noite. Não sabia de muitas coisas então, e nem tinha como saber. Havia mencionado a empresa de Dante como exemplo de sobrevivência, e o pai tinha entrado com o processo de dissolução dela naquela mesma semana e iniciado sua aposentadoria. O fim honrado de uma batalha do chefe da família contra o governo brasileiro. Uma luta que, mal comparando com a sua, lhe parecia mais difícil, pois, nas obscuras relações entre o regime militar e as empreiteiras, não havia regras claras, nem fiscalização, nem cobrança por parte da imprensa – que estava censurada. Desde a construção de Brasília, quase tudo se tratava de favorecimentos entre famílias, com preferências subjetivas e injustas.

Dante realmente não tinha talento para intermediar tantas e tais obras, mas foi levando como podia, até que, em 1979, teve energia para começar a própria empresa – menor e sempre na dependência de algum colega que o contratava para funções técnicas. Isso até um deles o chamar para “ganhar na loteria esportiva”, como disse à época. O novo Eldorado era fora do Brasil. Consistia em fornecer engenheiros e mão de obra para construções no Iraque.

Marcos já tinha 14 anos quando viu o pai se envolver na exportação de

seus serviços. Nesta época desejava ser inventor, engenheiro ou físico. Seu refúgio era a garagem da casa, onde sempre estava desmontando as coisas – ventilador, espremedor de fruta, bicicleta. Um dia Dante foi ajudá-lo. Acabou contando ao filho sobre aquele país do Oriente Médio.

– Mas lá existem outros brasileiros?

– O Brasil agora compra petróleo deles. E eles compram nossos carros, frangos, outras coisas. Faço parte do grupo das “outras coisas”, entendeu? Mas não fala para ninguém. Por enquanto é só uma ideia.

– Mas e a guerra, pai? Lá tem muita guerra, não tem?

– E é justamente porque a mão de obra local está no exército que eles precisam da nossa!

O filho ficou entusiasmado. Dante pegou um Atlas Geográfico e ficou mostrando a ele onde estavam e aonde ele pretendia ir. Depois pegou um compasso e traçou círculos que partiam da casa deles para o resto do mundo. Desenhou sete círculos de onde estavam em direção ao resto do Brasil. Atingiu o mais longe que já tinha ido até então:

– Roraima. Só não conheço a parte mais a oeste da Amazônia e o Acre.

– E agora, vai conhecer o Iraque! É tão longe – apontou Marcos, traçando uma curva com o dedo, que passava do Oceano Atlântico, cruzando o Mar Vermelho.

Mas antes que Dante pudesse fazer tão longa travessia para o país que Saddam Hussein tinha assumido, seus funcionários e parte da maquinaria o fizeram. E quando, em 1987, o país entrou em guerra química contra o Irã, tudo parou – e as obras também. Dante quis ir salvar seus operários, e os outros engenheiros que também tinham bens e funcionários lá riram dele. Foram dois anos de muitas tentativas políticas e diplomáticas para que as empreiteiras se mantivessem no local. Até que o prejuízo veio: as obras não seriam concluídas, todos os brasileiros (só de operários eram vinte mil) teriam que voltar. Ninguém pagaria aqueles danos. Dante não era uma peça essencial naquele xadrez, não tinha sido convidado, como os donos das grandes, para ir conhecer o ditador. Mas achava que, se o governo brasileiro lhes havia convencido e assegurado que eles poderiam ir, tinha que pagar pelas obras. E aí ele voltou para onde sempre detestava ir: Brasília, agora de pires na mão.

Marcos considerava que o pai tinha conseguido lutar todo aquele tempo

graças a seu espírito positivo e crédulo. Que, segundo o próprio, se mantinha pela mania de ler e seguir livros de autoajuda, títulos como *No que pensam as pessoas felizes quando estão sendo felizes* ou *Gotas de saber, chuva de positividade*. Mas nada se comparava à época em que resolveu criar seu próprio método de controle da mente. Assim que o fez, no auge do entusiasmo, se chegava do trabalho e via alguém cabisbaixo, melancólico ou simplesmente quieto, começava com o que sua mãe e tia Livia chamavam entre si de “Sistema Dante de Controle da Mente e da Nossa Paciência”. Sua frase predileta, dita mil vezes, nas ocasiões mais variadas, era:

– Temos que transformar a angústia em oportunidade criativa!

Como conseguir isso? Reprogramando a mente, fazendo-a pensar só coisas boas:

– É uma meditação objetiva. Cinco minutos por dia e você supera todos os medos – incentivava.

Pensar em coisas boas era fácil, o desafio era focalizar coisas boas nos momentos ruins. Os meninos se machucavam no futebol e, quando voltavam para casa aos prantos, o pé uma bola preta e pulsante, Dante corria para aplicar gelo e para pedir foco num mundo cor-de-rosa, longe do sofrimento:

– Se concentra, meu filho, fecha os olhos e pensa que esta dor não existe.

Qual a melhor coisa que você gostaria de fazer agora?

– Cortar meu pé fora.

Ou:

– Matar aquele atacante filho da puta.

O pai se calava, esperando melhor oportunidade. Era tão paciente e prestativo, correndo atrás dos remédios e das massagens, a parte ativa do processo de cura, com atitudes e providências, enquanto Madalena ficava nervosa demais para ajudar o marido e, na primeira oportunidade, levava-os ao hospital em desespero. Mateus não gostava de nenhum dos dois tratamentos, pois, por ter crescido cercado por um excesso de cuidados, queria era se refugiar longe de casa. Às vezes a perna estava bem inchada e lhe doía de verdade, o corte era fundo e o sangue demorava a estancar, mas ele já ia longe. Sentava no pequeno quadrado de jardim e curti sua dor. Ao primeiro movimento vivo – um besouro que passasse –, se esquecia de tudo. Era da natureza que ele precisava. Marcos, ao contrário, quando se machucava ou ficava doente, se via enredado entre os diferentes

humores dos pais. Só muito tempo depois, exausto de ouvir eles baterem boca, é que se escondia no seu lugar preferido da casa: a garagem.

Um dia Dante conseguiu ser ouvido por um dos membros da família. Marcos, a criança “pronta”, como a mãe gostava de apontar para não ter que se ocupar muito dele, após a operação de apêndice aos 12 anos mudou muito. A imagem do menino atropelado, que logo depois faleceu, o assaltava. Foi ficando mais ensimesmado, tenso e propenso a enjoos de estômago. Logo que se recuperou da operação e voltou às aulas disse ao pai que “odiava” matérias que não fossem exatas. Se sentia mal em quase todas as aulas e os professores começaram a notar. E depois havia a van, os garotos da van. Qualquer coisa seria o motivo, mas, no caso de Marcos, ele era muito quieto e invejado por sua inteligência em Matemática, Física e Química.

– O veado do Marcos nem precisa estudar enquanto a gente se fode, é um veado mesmo.

Algumas vezes os garotos chatearam tanto que ele teve que descer no meio do trajeto para vomitar. Marcos sabia se impor, embora apenas num pequeno grupo de garotos com habilidades parecidas com as dele. E nunca agredia ninguém, nem mesmo Mateus tinha sido atingido por ele: era só ameaça quando brigava. Os garotos da van sabiam disto e pediam um soco no meio da cara, o que ele nunca cogitou.

No fim do ano, quando estava quase sendo reprovado em Português, o pai começou a cercá-lo para falar, mais uma vez, sobre o “Dante Mind Control”:¹⁰

– Toda vez que algo te aborrecer ou der medo, filho, feche os olhos e crie um lugar onde se abrigar. Invente o melhor abrigo do mundo, pense em todos os detalhes e mande sua mente para lá.

Marcos achava chato. Não ouvia o que o pai dizia. Concordava com a cabeça já saindo do ambiente, fugia assim que houvesse uma chance. Mas quando ia completar 14 anos sofreu um choque. Uma noite, antes de dormir, Mateus contou para ele que já tinha beijado uma menina. Na boca.

– Como assim, pirralho, você só tem dez anos – riu Marcos.

– Foi naquela excursão da turma para Minas Gerais.

– Da primeira vez que você sai de casa já arrumou namorada?

¹⁰ O nome Dante Mind Control cita o Silva Mind Control, sistema criado por José Silva, um mexicano naturalizado americano nos anos 1940, que fez muito sucesso no Brasil nos anos 1970.

– Não, foi só muito beijo mesmo, fiquei sentindo uma coisa engraçada aqui no peru.

– É mentira, não acredito. E como o professor não viu?

– A gente tava prestando atenção às explicações do professor e ficou rindo de uma piada que ele fez sobre Tiradentes.

– A gente quem, pirralho?

– Eu e a Letícia. Depois ele dormiu, sentamos lá nas últimas cadeiras do ônibus e ficamos se beijando.

– Tô bobo, pirralho, a mamãe sabe disto?

– Não, não conta pra mamãe. Marcos, promete? E nem pro papai. Marcos, promete?

Naquela noite, Marcos demorou a dormir. Ele só tinha três amigos na escola e nunca havia conversado com uma garota. E agora seu irmão! Quase duas horas da manhã desceu para a sala. O pai ouviu o barulho e foi ver o que estava acontecendo. Marcos inventou que estava com fome. Desceram juntos e fizeram um lanche. Depois Dante fez com que ele deitasse no sofá da sala, bem confortável, e fechasse os olhos:

– Imaginar uma cabana na árvore eu consigo – disse o menino enquanto o pai ia fazendo as perguntas do passo a passo no relaxamento induzido: “Já criou o piso? E ele é feito de quê?”

Talvez pela presença do pai ao seu lado, relaxou e dormiu rapidamente. E, nos outros dias, sem conseguir tirar da cabeça a ideia de que seu irmão não era mais BV e ele sim, lá ia ele fechar os olhos e respirar, várias e várias vezes, cada vez mais lentamente. Seu “refúgio da boa energia” era uma infantil casa na árvore, chave de ondas cerebrais mais calmas e constantes. O esconderijo era seu e nele não cabia ninguém, nem estudo (mais tarde, trabalho), nem namoradas, ou o irmão, ou mesmo seus três amigos. Ninguém poderia saber que Marcos tinha um truque para conseguir tranquilidade. Só Dante intuía que tinha ajudado o filho de alguma forma, por isso criou um código familiar: “Deixa, ele vai relaxar” era a senha.

Conforme ia crescendo, os motivos para fechar os olhos aumentavam. Na noite em que o pai disse que iria para o Iraque, por exemplo. Marcos não conseguia dormir, pensando se deveria contar aquele segredo para a mãe ou a tia. De madrugada, insone, depois de passear por seu refúgio, pegou no sono e teve

um pesadelo em que o pai se encontrava com Saddam Hussein e lhe dizia “Temos que transformar a angústia em oportunidade criativa!”, antes de ser metralhado pelo ditador em pessoa.

Acordou assustado e, no caminho para a escola, dividiu o segredo com o irmão. Mateus ficou mais fascinado pela possibilidade de ter um parente indo para o outro lado do mundo do que preocupado. Marcos alertou-o com tudo o que sabia sobre a Guerra Irã-Iraque, e os dois passaram a acompanhar o noticiário da TV juntos, conversando em segredo sobre o que aconteceria.

– E se ele tiver que ir e só puder levar uma pessoa da família? – falou Mateus.

– Leva a mamãe e a gente fica com a tia, não acha?

– Mamãe nunca iria. E de jeito nenhum ia deixar que me levassem. Ia dar um ataque. Mas posso pedir para ir com ele!

Um dia Marcos leu no jornal que o Iraque estava devolvendo os brasileiros. Assim que ficaram a sós na garagem, o filho perguntou os detalhes ao pai, que confirmou:

– É isso mesmo. A guerra ficou pior, não são apenas os brasileiros que têm que voltar.

De noite comentou com o irmão que se sentia aliviado.

– Pois tô chateado. Queria que todo mundo fosse viajar – decepcionou-se Mateus.

Só um ano depois daquilo é que Marcos soube, pela mãe, que o pai estava correndo atrás do prejuízo financeiro em Brasília:

– Coisa que só ele, com seu otimismo, acha que vai conseguir – explicou Madalena. – Mas vamos torcer, não é?

E o filho torceu. Achava o pai um herói por estar brigando com gente que aparecia nos jornais mandando e desmandando. Políticos de quem os professores do colégio falavam com cautela e medo. Caprichou no pensamento positivo: antes de dormir ou na condução, subia as escadas e se escondia na sua casinha de madeira, onde mergulhava em notas e mais notas de dinheiro trazidas por Dante, que não iria mais falir, e ainda seria indenizado pelos aborrecimentos.

Em 2003, quando Marcos o citava como exemplo para Norma, o pai tinha recebido a última parcela do que o governo lhe devia – nada que desse para encher o refúgio imaginário de ouro, como ele projetou quando criança –, pois o Governo

pagou em 180 parcelas, mas o pai se sentia vitorioso por fechar a empresa sem dívidas.

Marcos não se sentia assim tão confiante. Da noite em que ele e Norma tinham feito o acordo em diante, foram anos difíceis. Progressivamente as ações se estendiam, indo tirar dinheiro do orçamento doméstico. Os advogados eram unânimes em animá-lo e dizer que os processos eram assim mesmo. Já tinham dado entrada com o registro de patente do navio há cinco anos, mas facilmente o governo levaria mais três nesta análise. E ainda o registro de patente do complexo eólico tinha sofrido oposição, pois um concorrente filho da puta, que posteriormente o havia copiado, estava tentando conseguir uma indenização. Tudo demandava tempo, dinheiro e novas fontes de renda que não apenas o painel de *led*. Ser dono do próprio negócio estava custando altíssimo.

Não escondia nada de Norma – além do fato de que penetrava numa casinha imaginária de quando em quando –, mas a cada notícia nova que ele lhe participava, ela ficava mais apreensiva. E, no meio desta incerteza, ficou grávida.

Começou a ter dúvidas, enquanto os hormônios se alteravam. Tinha trabalhado até ali – ia diminuir o ritmo, mudar a vida? Já entendia o suficiente sobre manutenção, orçamento doméstico, leis trabalhistas e empregadas. Agora tinha que aprender sobre bebês e enfermagem. Enfermagem sim. Enfermeira. Palavra que sua mãe e especialmente sua sogra estranharam muito:

– E por que meu neto tem que ter enfermeira? Basta você trazer ele aqui antes de ir trabalhar – riu Madalena.

Norma tinha planos de voltar ao trabalho com três meses do bebê nascido. Não era o que os manuais de psicologia aconselhavam – e ela estava lendo vários –, nem o que tinha aprendido na universidade. Mas era o que as colegas executivas faziam e recomendavam, “para não perder o pé do emprego”. E este era o plano dela, forjado com muita agonia e insistentes pedidos para que a ginecologista liberasse “um calmantezinho”. Mas se Marcos tinha se mantido calado até então, ouvindo mais do que falando, desta vez resolveu se aconselhar com a mãe e a tia. Muito raro falava com a mãe a sós, pois a intensidade dela o assustava. Tia Livia era mais sensata.

– Estou ficando com medo do que vem por aí. Temos que reformar o quarto do bebê, botar cama para a enfermeira, que irá *morar* conosco. Todos os dias Norma traz um produto novo: esquentador de mamadeira, triturador de

comida. Olha que sou inventor, mas, nossa, é assim mesmo?

As duas sentiram pena dele. Não, não precisava ser assim. Mas quando Breno nasceu, Marcos ficou tão eufórico que não reclamou de nada. Foi uma época cansativa, claro, naquela espiral em que se mergulha quando um recém-nascido entra na família, mas no futuro, sempre que perguntado sobre aquele momento delicado, ele diria não ter notado os indícios, não ter reparado em nada atípico ou alarmante. E, mais ou menos um ano depois do nascimento de Breno, Norma saiu de casa.

Aconteceu sem aviso prévio. Numa semana ela despejou sobre ele uma série de reclamações e, dias depois, avisou que iria para a matriz da empresa em Londres, deixando o bebê. Aquela atitude o surpreendeu mais do que qualquer coisa que pudesse imaginar. Olhando em retrospecto, Marcos só lembrava dos momentos em que tudo se distendia, com os dois embevecidos por Breno e um pelo outro. Ela reclamava de cansaço, mas ele achava ter sido o melhor pai e marido possível, atendendo a tudo o que a nova mãe pedia. Passou a acordar muitas horas mais cedo para ficar com o bebê enquanto ela dormia. Mas depois tinha que trabalhar. E voltava tarde, claro.

Logo que ela mencionou Londres ele perguntou se ela tinha um amante, um colega com quem iria se encontrar. Seria a única razão possível. Norma negou. Estava sendo promovida e precisava receber treinamento na matriz. O que iria receber como salário seria uma garantia de futuro. Durante alguns meses, então, ele alimentou a ideia de que aquilo era provisório:

– É só um treinamento, gente! – tentou convencer a Tia e o irmão.

– Treinamento? Não sei. Não sabemos – desafiou Lívia. – Aqui no bar já escutei algumas histórias assim. Elas vão e... às vezes não voltam.

– Deixando os filhos?

Teria feito qualquer coisa para que seu casamento durasse para sempre, queria estabilidade e segurança. As pessoas se casavam uma vez e pronto, não poderia ser assim? Por isso, por ser um homem de sentimentos simples, é que não conseguia esvaziar sua mente da vergonha por ter sido largado junto com o filho. Nem que decidisse ir definitivamente para a casinha de madeira e ficasse ali pelo resto da vida. Mas esta certeza, a do abandono, ele só teve depois de um ano de esperanças. Antes, foi a depressão. Uma depressão que, como acontece com tantas outras pessoas, Marcos desconhecia. Nunca tinha se sentido daquele jeito. Não

conseguia nomeá-la. Até Mateus demorou em reconhecer que o irmão sofria dela.

É verdade que, sempre que ele lhe contava sobre o trabalho e os inventos, Mateus pensava em medicá-lo com *arsenicum album*, o remédio dos ambiciosos autoexigentes que enlouquecem no seu perfeccionismo quando não atingem as metas que impõem a si mesmos. O *arsenicum* também era usado para a depressão – a depressão dos que acreditam num mundo sem falhas.

Mas voltando ao abandono de Norma, depois dos primeiros dias, em que Marcos nada dizia e Mateus não desgrudava dele, Breno voltou para a casa com a babá. E o pequeno andarilho de fraldas foi o motor que, com seu passinho curto, fez com que o pai reagisse. Logo sua tristeza era diferente. Marcos tomou vinte dias de *ignatia amara* – o remédio dos que não conseguem assimilar e chorar suas perdas – antes de conseguir dar a notícia para os outros membros da família. O pior momento foi revelar o que estava acontecendo para Madalena, que, de cara, decretou que Norma sofria de depressão pós-parto. Mateus riu da ideia e acabou convencendo o irmão de que aquilo era mais uma ilusão. Antes de ir para a Itália, também foi contra a volta do irmão para morar com os pais:

– Mamãe é muito repressora. Vai grudar no teu filho como grudava em mim, lembra? *Clerodendron thomsoniae* – alertou.

– O quê?

– *Clerodendron*, conhecida como lágrimas de cristo, uma flor que é um cipó, bonita, mas quando gruda na árvore ninguém tira. Lembra, Marcos, como ela enlouquecia a gente?

3.2.1.

Ninguém me escuta nesta casa!

A anamnese, que o dicionário define como “recordação” – e também como “relato dos padecimentos feito pelo doente ao médico” –, é central na consulta homeopática (e demora bem mais do que na consulta com um alopata). Dr. Paulo Rosenbaum dedica vários capítulos explicando aos futuros médicos como ouvir o paciente. Saber ouvir é, para eles, uma arte crucial. Acreditam tanto no poder da escuta que acham que há uma melhora produzida pela consulta em si, e procuram não prescrever remédios depois do primeiro encontro. Pedro Lain Entralgo,¹¹

¹¹ Pedro Laín Entralgo (1908-2001), médico, autor, historiador e antropólogo da medicina.

médico espanhol especializado em antropologia médica, diz em seu livro *A cura pela palavra na antiguidade clássica* que poesia e discurso são mais vitais para uma compreensão acurada da atividade médica do que saber prognosticar e identificar patologias. Rosenbaum conclui sobre Entralgo: “De novo porque os discursos, os diálogos, o cuidado de si mesmo são funções que exercidas através da linguagem.”

Ouvir, atitude rara e nada fácil. Falar, e falar quando se sente dor, menos ainda. No livro *O médico doente*, Dr. Drauzio Varella narra sua transformação de médico famoso para paciente quase terminal, vítima da febre amarela. Antes da doença, julgava que muitos pacientes sofriam de “falta de objetividade” ao explicar o que sentiam. Mas esta foi logo uma de suas primeiras dificuldades, quando ainda não tinha diagnóstico:

Quando me perguntaram o que sentia, respondi que (...) estava muito indisposto. ‘Indisposto de que forma?’ os colegas perguntavam. ‘É um mal-estar geral’. ‘Como assim?’, insistiam. Tentei ser o mais explícito (...) O fato de ser médico há tanto tempo não me qualificava sequer para fornecer informações claras que pudessem auxiliar meus colegas a chegar ao diagnóstico. O sofrimento físico tem o dom de igualar estudiosos e iletrados. (Varella, 2007, p. 33)

Este equilíbrio entre quem fala/quem escuta muitas vezes está rompido quando o paciente vai ao consultório. O médico homeopata e pesquisador da Unicamp Matheus Marin sempre faz uma conexão clara entre as aflições da mente e as do corpo em seus textos e palestras: “Cada um adocece de acordo com a sua qualidade de resposta ao desamor”, escreve (2009). Qualquer clínico identifica, entre seus pacientes, aqueles que sofrem, acima de tudo, de abandono ou solidão. Não estavam sendo ouvidos em nenhum outro lugar, seja na família ou no trabalho.

O que seria do talento do historiador da arte Aby Warburg se, como relata Philippe-Alain Michaud no texto *Aby Warburg e a imagem em movimento*, o

Rosenbaum o cita várias vezes em *O outro código da Medicina: Homeopatia* (PubliFolha, 2015, p. 80).

irmão e a cunhada não o tivessem socorrido no surto psicótico? E se ele não tivesse sido incentivado a proferir uma palestra (*Imagens do território dos índios pueblos da América do Norte*) contando as conclusões de uma viagem feita 27 anos antes, sobre a qual mantinha silêncio? Michaud escreve:

A conferência diante dos pacientes e dos médicos da clínica não teve por função apenas esclarecer a análise do Renascimento italiano: possuía uma significação mais profunda. Foi apresentada pelo autor como um testemunho de sua cura (...). Warburg atravessou sítios arqueológicos indígenas como se fossem anamneses – que o reconduziram, no entanto, a outro passado. (Michaud, 2013, p. 181)

Falar sobre o que viveu entre os índios, mesmo quase trinta anos depois, ajudou Warburg a recuperar o equilíbrio. Talvez porque o personagem Dante nunca pudesse falar na própria casa, onde imperava a voz da esposa, ele tenha fugido para perto do telhado, onde concentrou suas preocupações na caixa d'água. Dr. Paulo Rosenbaum ensina aos alunos a procurarem obsessões e manias como estas no que dizem seus pacientes, mas sem questioná-los se aquilo seria real ou imaginado – se foi dito, está valendo como sintoma

Por que o paciente tem dor de cabeça às 16h em ponto?
Por que a falta de ar vem somente no escuro? (...) O complexo doente-doença está estruturado sob um pano de fundo imaginário, as metáforas obsedantes (...). (Rosenbaum, 2004, p. 217)

O inusitado é o que faz o doente ser excepcional e interessante, assim como acontece aos personagens no mundo da ficção.

3.3.

Marcos lembrava. Madalena às vezes se transformava numa mulher assustadora: no notório episódio do fusca, no evento dentro do cinema, tantas

outras histórias. Mas ficar com a mãe seria provisório, era o que conseguia fazer enquanto corria para salvar sua empresa e o casamento. Sim, porque durante alguns meses ele acreditava que Norma voltaria. Até que recebeu o telefonema do advogado dela, pedindo o divórcio e a guarda do filho. A fuga para Londres durou só oito meses. Norma estava voltando para o Brasil para ficar com Breno e o apartamento. Marcos se preparou minuciosamente para aquele encontro, estava certo de que conseguiriam chegar a um acordo. Mas ela falou mais do que ele, se queixando sobre a “eterna” falta de diálogo. Repetiu que, apesar das promessas feitas mutuamente antes de Breno nascer, ele “nunca dizia nada”.

Ela não sabia, por exemplo, o que o fazia ficar várias noites por semana transitando entre o quarto e o escritório no meio da noite.

– Tive certeza de que era uma amante. Você conversando com ela, de madrugada, pelo computador – chorava Norma.

– Amante? – riu. – Dívidas, Norma. Trabalho atrasado. E a urgência dos inventos...

– E por que você não me contou?

Se sentiram imbecis. Mas não admitiram. Norma logo aumentou o tom e retomou o espírito de briga. Tinha uma lista:

– E também não gosto que você sempre chegue tarde da noite e vá para a cozinha, comer um... pão com qualquer coisa.

Nos anos seguintes, quando ficava dias remoendo as acusações dela, o que não lhe saía da cabeça era a reclamação de que ele comia um pão *com qualquer coisa* quando chegava do trabalho ao invés de jantar. O que é que um pão *com qualquer coisa* tinha a ver? Isso lhe doía mais do que ela o haver chamado de “perdedor”. Fazia isso por ser muito tarde e estar muito cansado, evitando fazer barulho na cozinha. Quanto mais tentava um acordo, mais os argumentos de Norma ficavam débeis e estranhos. Tanto assim que ele saiu do encontro achando que ela não tinha condições de cuidar do filho. Norma, preocupada porque ele comia pão com manteiga, pão *com qualquer coisa*?

Saiu daquele primeiro embate decidido a lutar pela guarda do filho, alegando abandono da mãe. Ela exigia ficar com o menino, mas dizia que passaria a trabalhar entre dez a doze horas por dia, entre visitas frequentes a Londres, para onde seria *impossível* levar Breno.

Madalena não soube os detalhes – embora perguntasse muito –, nunca foi

participada de como quase dez anos de relacionamento e um filho tinham se transformado em impaciência, acusações – e pão. Para ela estava claro que a nora tinha optado pela carreira, por mais dinheiro e também liberdade.

Para Madalena, o abandono de Norma também tinha um significado íntimo, que ela não queria dividir com ninguém. E como tinha que calar sobre aquilo que sentiu quando a nora abandonou a família, às vezes culpava, justamente, o filho:

– Ele demonstra pouco afeto e mal fala, Livia. Que mulher aguenta isto?

E pelo menos uma vez por semana, quando Marcos e Breno iam ao bar da tia para descansar da intransigência materna, Livia procurava dar apoio aos sobrinhos. Entendia que o afilhado às vezes ficava com a alma e a cabeça longe e transformava-se num estranho. Mas o aceitava assim. Repetia então para ele uma frase que tinha lido em num clássico de juventude, cujo nome do autor lhe escapava:

– Os homens de poucas palavras são os melhores.

Realmente, Marcos não era o mais hábil em demonstrar afeto e, algumas vezes, quando mais moço, chegou a pensar que não queria gostar de alguém. Agora demonstrava amor: imensa e desmesuradamente pelo filho, em primeiro lugar. Para ele, Breno havia sido marcado pelo pior dos problemas. Tinha saúde, era inteligente, havia se desenvolvido. Mas a mãe o havia esmagado como se esmaga a um mosquito quando o deixou. Todos os dias da vida do filho até ali o pai o olhava pelo menos uma vez – em geral ao acordar – e pensava: “Espero que ninguém pergunte pela mãe dele.”

Era o que mais perguntavam. Na sala de aula, nas festa da escola, nas festas fora da escola, no Dia das Mães, no parquinho. Logo depois que Madá saía, alguns garotos provocavam: “a sua mãe é velha, né?”, ou queriam saber se ele era adotado. Mas o ponto de vista do menino era diferente. Sentia falta da mãe, claro. Mas não achava tão difícil assim de responder sobre o assunto. Primeiro porque Madá estava sempre ao seu lado. Depois porque ela o havia ensinado a responder: “Minha mãe mora na Europa e eu, com meu pai e avós.” Uma frase a que, conforme foi ficando mais velho, acrescentou um final por conta própria: “E eu vou morar com ela quando estiver grande, para fazer faculdade lá.”

E pronto.

Mas, para o pai, Norma poderia ter lhe arrancado a pele e o deixado em

carne viva, dado um tiro no centro da sua testa, poderia tê-lo traído com dez homens de uma vez e postado as fotos na internet, tudo menos atingir Breno. E por isso ele a desprezava.

Para Madalena, o abandono de Norma aconteceu quando ela, pela segunda vez, cogitou deixar marido e filhos. Foi um pensamento tímido e malparido, um relâmpago que lhe cruzou a mente e que ela tinha medo de alimentar, mas que agora lhe provocava sonhos recorrentes junto com os últimos calores da menopausa. O gatilho para que ela comesse a se perguntar, pela segunda vez na vida, “e se eu não tivesse me casado com Dante?” começou com um acontecimento tolo, mas determinante, que Madalena gostava de contar e recontar exaustivamente. Em 2005, quando Mateus anunciou que iria viver alguns meses no Arquipélago de Malta, insistiu para que a mãe aprendesse informática e criasse um endereço de e-mail através do qual se comunicassem. Ela protestou, preferia ouvir a voz do filho pelo telefone, mas ele lhe ensinou que o computador também poderia trazer imagem e voz. E quando ele dedicou algum tempo a criar perfis nas redes sociais para ela é que ela aceitou e gostou.

Foi através de uma dessas redes que Madalena reencontrou uma amiga, que lhe pediu notícias e a receita de uma lasanha vegetariana que havia feito a sua fama nas festinhas dos anos 70 – muito melhor que os estrogonofes de carne de segunda disfarçados por muito creme de leite de que todos os anfitriões de então lançavam mão. Ela achou graça e respondeu, mas nunca revelava suas receitas, então a amiga teve que convidá-la para cozinhar no jantar de aniversário dela, para o qual havia convidado seis outras companheiras de escola, duas das quais a cozinheira mal se lembrava.

O que era para ser descontraído, deixou Madalena tensa, talvez porque ela não cozinhasse para ninguém além da família há muito. Na ida ao supermercado de sempre para comprar os ingredientes havia uma degustação de um vinho branco novo, que ela, tentando dissipar uma apreensão mal definida, provou num copinho de plástico. Depois foi transitar pelos corredores empurrando o carrinho de compras, ainda nervosa. Aquilo tudo seria simples, era só ir lá reencontrar com a amiga que não via há 35 anos e cozinhar, como sempre! Mas depois de passar duas vezes pelo mesmo corredor e dar de cara com os mesmos pacotes (os insistentes pacotes de farinha de trigo que a olhavam sem piedade) foi, novamente, beber do vinho. Quando ia pedir a terceira prova, uma senhora mais

idosa, ligeiramente sua conhecida, reparou nela e a saudou:

– Madalena, não é? Moro um quarteirão acima do seu! Veio beber com a gente? Aproveita, boba. Venho aqui todo dia, quando tem álcool é uma beleza.

Saiu do supermercado correndo. Quase cinco horas antes do evento entrou num táxi com duas geladeiras de compras que seriam divididos por todas. Às 20h tinha feito uma enorme quantidade de comida. Só então sentou para conversar e tomar um vinho bem melhor do que o do supermercado. E quando estava na segunda taça, uma surpresa. A campainha toca, um homem entra.

– Mas não era uma reunião de mulheres, gente? – espantou-se.

Ele lhe era vagamente familiar. Reconheceu-a. Lembrou do cabelo comprido e preto que ela, jovem, trazia sempre preso por uma faixa vermelha. Era o irmão da amiga.

A observação destes detalhes abalou Madá, que sorriu, tímida, na flor de seus quinze anos. Largou a bebida de lado e foi para a cozinha. Segura no seu refúgio, voltou a ter a idade de sempre, servindo e atendendo. Sua receita ganhou aplausos ainda mais calorosos que na época em que a comida não tinha assim tanta importância na vida de todas aquelas senhoras. Na hora de ir embora, no hall do elevador apertado – ela com as mãos cheias de utensílios e ele, ajudando-a –, o senhor continuou com os elogios. Eles agora escorriam dos cabelos, para os quais ele olhava como se ainda fossem compridos, até as mãos; mãos, ele afirmava, “de fada”. Disse isso entre outras frases sobre seu talento culinário que ela teve dificuldade em ouvir.

Na hora em que foram se despedir, um desentendimento entre cabeças, que procuravam se encontrar para os tradicionais dois beijinhos, terminou com um selinho nos lábios. Madalena abaixou a cabeça envergonhada.

– Tinha pensado em te beijar, mas depois desisti – riu ele.

E embora algo nessa frase fosse destruidor, foi raro o dia em que, depois disso, Madalena não pensou naquele momento. Da frase ela esqueceu. Mas o rápido encostar de lábios, o fato de haver alguém que recordava do seu cabelo preto e volumoso preso por uma faixa de tecido vermelha... Madalena não se salvava, não se poupava. Sua imaginação começou a fazê-la refém. Ela, que antes nunca dava espaço para fantasias, pensava agora no quase beijo antes de dormir e no banho. E aquele momento a fez se lembrar de outros – com Dante. Recordou fases de sua vida para entender como tinha chegado até ali, quando um encostar

de lábios seco e um elogio cafona tinham agido de forma intensa sobre ela.

Lívia percebeu que algo abalava a irmã logo que falaram pelo telefone, alguns dias depois. Decidiu visitá-la. Ao chegar, o cunhado lhe disse que, em uma semana, ela havia cozinhado todos os pratos do enorme caderno de receitas dos anos 70 – inclusive um *fondue* com muito vinho, que serviu para a família, embora fosse um verão daqueles. Depois Marcos reclamou com a tia que a mãe, após tentar obrigá-lo a provar toda aquela fartura, não parava de falar “numa tal lasanha com sei lá o quê”. Lívia já tinha ouvido o relato do sucesso do prato no aniversário pelo telefone, mas bastou que a irmã a visse para repetir tudo.

– Vocês precisam ver como eu cozinhei a berinjela! Refoguei daquele meu jeito, com muito alho. Depois a massa integral que eu faço tem um segredo, este eu não conto, mas peguei a massa assim, ó, e fui...

Nos anos que se seguiram, até o dia em que Madalena faleceu, ela repetiu esta história. Uma história que parecia ter sido a senha para a abertura de um novo mundo. Lívia ouviu-a, desconfiada. Estranhou a ênfase com que a irmã recontava “e o irmão da minha amiga? Que não gostava de lasanha? Repetiu o prato duas vezes! Logo ele, que detestava lasanha!”. Mas ao invés de perguntar sobre o que fazia um homem num jantar só de mulheres, Lívia quis saber como a irmã se sentia.

– Muito bem, não fossem os calores da menopausa e o fato de que quase não durmo à noite, além de uma taquicardia constante.

Lívia decidiu então incentivar Madalena a usar seu talento para ganhar dinheiro. Foi com ela a mercados de produtos naturais, comprou livros de receitas e, a pior parte, provou-as. Para quem nunca pensava em comida, muito menos em comida saudável, foi uma prova de amor:

– Creme de tofu frito não é comida. Parece nuvem, a gente fecha a boca e acaba. Nem gosto tem, nada que valha a pena atravessar a cidade para provar. E agora, o que é este matinho que você quer me dar?

Da primeira vez, antes desta, em que Madalena se pensou fora do casamento, ela tinha 28 anos e Marcos era um bebê. Tinha conseguido o que tinha planejado com Dante, dez anos antes: casar, trabalhar, ter um único filho e poupar. Com algum dinheiro assegurado, realizariam o sonho da vida dela: um pequeno restaurante de comida caseira. Mas quando estava terminando a licença-maternidade ela sentiu que o marido relutava em prosseguir com o que haviam

combinado. Ele não queria que ela voltasse a ser secretária. O salário era baixo, oras, mas era dela. E mais um ano no emprego, juntando o pouco que conseguia, com a ajuda dele, não era assim que conseguiria abrir seu negócio?

Durante anos o plano de abrir um restaurante havia sido um plano concreto. Sempre que conseguia ajuda com o bebê, Madalena ia para a cozinha treinar, anotando suas experiências num caderno. Um caderno que na contracapa trazia uma lista de nomes para o novo empreendimento, que eles tinham sugerido e anotado juntos. Quando Marcos fez dois anos e Madalena começou a procurar uma creche para o pequeno é que o marido reagiu e argumentou: “talvez Marquinhos seja muito pequeno. Quem sabe ele não está com febre pois estranhou a mudança? Será que não seria melhor que você pedisse demissão do emprego para adaptá-lo com mais calma?”, e por aí vai.

Como era do seu feitio, assim que Madalena entendeu que o marido estava com mais medo do que ela, tentou superar estes sentimentos falando alto e extrovertidamente sobre eles. “Foi você quem disse que é um crime que meu talento culinário fique entre quatro paredes” era um dos seus golpes mais baixos, e “você sabe que se eu deixar de trabalhar e for só dona de casa, enlouqueço em uma semana”, o golpe final. Foram meses de conversas calmas, e outras nem tanto. Da primeira vez em que Dante, questionado pela esposa, endureceu e confessou que, sim, preferia que ela não trabalhasse fora, pois estava ganhando melhor e poderia sustentá-la, ela ficou sem dormir. Normalmente ele cedia ao que *ela* queria – o que era aquilo de *sustentá-la*?

Umas semanas depois, num dia qualquer, ainda que continuasse magoada, seu filho foi considerado “totalmente adaptado” na escolinha e todos os minutos do relógio trabalharam a seu favor. Madalena recebeu Dante tão leve – segura em lhe dizer que ia voltar para o escritório e abrir o restaurante quer ele quisesse ou não – que ele, animado com o bom humor dela, abraçou-a um pouco mais. Ela retribuiu. O clima continuou depois do jantar e, sem que Madalena dissesse o que estava pensando, eles terminaram na cama.

Nove meses depois, nascia Mateus.

Só passado muito tempo, quando o neto nasceu, é que Madalena se deu conta do quanto, desde sempre, Dante havia desejado ser pai pela segunda vez, ou mesmo ter quantos filhos viessem sem planejar, ao contrário do que costumava dizer. A ficha caiu num dia em que ela estava na cozinha terminando de lavar a

louça e chovia muito. Dante entrou correndo segurando um caixote de papelão que parecia pesado e, sem que ele precisasse dizer o que continha, imediatamente ela lembrou de uma cachorrinha com filhotes que ele havia recolhido de um terreno baldio na semana em que soube que estava grávida de Mateus.

– Você deve estar brincando – disse.

– Por quê?

E ficaram se olhando, com o marido pensando que era impossível que ela soubesse o que aquela caixa continha. Por que não seriam os fios e aparelhos eletrônicos quebrados que ele vivia levando para lá e para cá nos seus consertos domésticos? Ela nunca olhava aqueles caixotes.

– É um bicho – declarou Madalena.

– Como é que você sabe? – riu.

Madalena teve certeza do conteúdo, mas não saberia explicar o porquê. Nem relacionou ao fato de que, segundos antes, enquanto lavava a louça, pensou em quanto tempo Norma e Marcos levariam para lhe dar um neto. E quando se voltou para olhar o marido com o caixote nas mãos teve esta epifania: Dante não queria esperar para ser avô. Como não quis esperar para ser pai novamente.

Tinha adotado um bicho, de novo!

E ia ter que se livrar dele naquele mesmo instante.

Da primeira vez em que um cachorro entrou em sua casa, quando ficou grávida de Mateus, estava tão enjoada e nervosa que considerou a presença do animal uma agressão, uma piada de mau gosto. O deboche teve seu clímax no dia em que a cadela pariu. Dante fez questão que a esposa viesse ver. A pequena viralatas marrom dava à luz com rapidez e diligência: os bichinhos saíam envoltos em placenta, ela os lambia e lá vinha outro. Fez isso uma, duas, três, quatro vezes e ficou cansada, mas era improvável que quisesse ajuda, pois já estava muito agitada com os seres humanos em volta, e ia ficando difícil manter todos os filhotes juntos de si. Quando o quinto saiu, começou a ganhar de aflição. E aí Madalena, cheia de repulsa, teve que ajudar o marido a estender mais jornais velhos para cobrir a pequena área de serviço. Fez isso sem olhar na direção dos ganidos e logo se refugiou na sala, horrorizada. Tinha vontade de gritar. Mas lembrou do escândalo que já tinha dado com Dante e o animal pela manhã. E da promessa dele, de que tiraria aquela família dali assim que os cachorrinhos nascessem. Decidiu se conter.

De noite Madá não conseguiu dormir logo. Tinha proibido o marido de falar no assunto, mas ficou difícil não ouvi-lo anunciar que eles eram oito. “Oito”, pensou com a cabeça no travesseiro, “para quantas tetas?”. Em seguida se recriminou com a preocupação: “ridícula!” Lá pelas duas da manhã, depois de cochilar mal, resolveu beber água. Assim que deu o primeiro gole, um sentimento de raiva espantou completamente o sono. “Já não estou dormindo bem e agora acordo por causa de uma cachorra! Vou lá me livrar dela!” Andou determinada em direção ao piso de jornais na área de serviço mal iluminada. De repente preparou o pé e, com toda a força, deu um bico no monte de pelos marrons. A bicha ganiu e se encolheu, Madalena temeu que Dante tivesse ouvido lá do quarto. Ficou ali se sentindo mal, a adrenalina disparada, tonta. Achou que tinha colocado seu bebê em risco e que iria desmaiar. Até que começou a ouvir um som, como se a cadelinha continuasse a lamber as crias. “Continuam nascendo sem parar! Vão para o terreno baldio agora!”

Acendeu a luz, olhou, e não discerniu muito daquela montoeira de pequenos ratinhos marrons que disputavam as tetas da mãe em meio a secreções brancas e gosmentas. Acendeu outras luzes. “Será que matei algum filhote?”, temeu. Cheia de nojo, foi olhar mais de perto. A cadela tinha um pequeno rabo para fora da boca e ela demorou uns segundos para entender, Era um fio? Um lixo do chão da cozinha?

Um rabo. Ela mastigava uma das crias!

Correu para o quarto, acordou o marido:

– Ela tá viva! – gritou.

– Quem, Madalena?

– A cadela!

– Ainda bem, né? Você teve um pesadelo?

– Não, não, ela tá viva e comeu, comeu um dos filhotes. Vai comer todos, corre!

Dante correu. Mas não viu nenhum indício do filicídio. Resolveu contar os filhotes. Sete. Um deles tinha sumido ou havia contado errado? Passou algum tempo varrendo e limpando a área de serviço. Fazia isso olhando para a cadelinha, que achava extremamente simpática, e chegou a pensar que gostaria que ela falasse, para lhe contar de onde tinha vindo e para onde ele deveria devolvê-la – e também o que tinha acontecido ao oitavo filhote, ele tinha certeza de haver

contado oito deles.

Ao voltar para o quarto deu com a esposa sentada na cama, olhos arregalados. O filhote sendo mastigado pela cabeça, sendo engolido, e só aquele rabinho de fora da boca. E ela preocupada por ter sido cruel, imagine!

– Que coisa. – Dante estava inquieto. – Será que o filhote nasceu defeituoso e ela achou que ele poderia prejudicar os outros?

Madalena não queria ouvir:

– Não sei. Quero ela fora daqui. Cachorros são sujos, traiçoeiros.

– São irracionais!

– Foi comer os seus filhotes! Sabia que ela era ruim, sabia.

– Estranho. Fiz uma cama para eles, dei água e comida para ela. Acho que ela sentiu a sua rejeição...

Madalena não deixou que terminasse, envolveu a barriga com os braços, deitou na cama, deu as costas para o marido e fechou os olhos. Omitiu dele e de si mesma que tinha bombardeado a família de quatro patas. Durante meses e até anos, contou e recontou aquilo de muitas maneiras, fez vários discursos, mas nunca mencionava o pontapé. A dona de casa não sossegou até que a cadela se foi. E, depois disso, proibiu o marido de trazer mais animais.

Não falaram mais nisso até que Mateus, aos cinco anos de idade, teve uma paixão incurável por bichos. Até então Madalena não havia lhe negado nada. Mas, dos cinco aos oito anos, quando ele só tinha o desejo de ter um cachorro e pedia isso insistentemente, o assunto a perturbou muito.

Primeiro ela comprou um bicho de pano para que o filho dormisse com ele. “Mãe, eu não sou mais neném”, Mateus devolveu o brinquedo. Em seguida, conseguiu um álbum de figurinhas com todas as raças caninas e ele se demorou um pouco naquilo, mas ficar sentado numa escrivaninha manejando cola não era uma atividade para a qual tivesse paciência. Das idas ao jornaleiro para comprar as figurinhas já passava na casa do vizinho e os dois ganhavam a rua.

E, na rua, só o que via eram os cachorros dos outros, os terrenos por onde passearia com o seu filhote, as raças que queria ter e as que não lhe serviriam. Antes de dormir, o menino ficava olhando para o teto sentindo a língua grande, quente e úmida lambendo-lhe a orelha; o peito peludo que iria abraçar; as patas grandes, que poderiam ser brancas, se não conseguisse o labrador preto de que tanto gostava. Porque poderia ser também um vira-latas, tinha visto dois vagando

pela avenida, três ruas abaixo da sua! Assim faria um bem que iria agradar muito a seu pai: tirava um cachorro da rua e não gastava dinheiro comprando um filhote de raça, era isso! Mas a imagem do enorme labrador preto, amigo e sorridente, sempre lhe voltava à mente antes que fechasse os olhos para dormir.

Uma noite, ao jantar, como não tivesse outro assunto além de:

– Eu quero é um labrador preto, de pelo bem brilhante, na rua de baixo tem dois, eles ficam só presos e eu tenho pena, nunca, nunca que vou deixar o meu preso, eles ficam com cara de quem tá com saudade do tempo em que eram soltos e corriam por aí, é muito triste o olhar do labrador que tá preso, eles ficam com aqueles olhinhos assim ó, eu passeio com eles todo dia mãe, três vezes por dia, juro, limpo o cocô mesmo que seja mole, juro mesmo que limpo todo tipo de cocô porque eu não tenho nojo como a senhora e agora vamos pensar num nome para o meu cachorro, seriam legal dois porque eles fariam companhia um para o outro, cada um fala um nome, o Marcos escreve no papel, a gente vota, ou eu escolho. Fala pai, qual o nome de que você mais gosta?

Madalena cortou:

– Ninguém fala em nome nenhum. Esquece o cachorro, meu filho! Está proibido falar na palavra cachorro aqui em casa!

Dante achou radical, Marcos ficou com raiva da mãe, e Mateus declarou que passaria a morar na rua:

– A cozinha vai ser o único lugar onde vou entrar e só para comer alguma coisa, Marcos, ou você vai lá pega uma comida pra mim, e nunca ninguém vai saber para onde eu vou, porque não quero que você diga nada para a mamãe, jura?

E assim foi. Mateus chegava do colégio, passava pela cozinha e ia para o próprio jardim ou o do vizinho. Logo descobriu um terreno baldio na rua e ele, o irmão e o amigo fizeram um furo na cerca para chegar até lá.

Quando Madalena conseguia alcançá-lo, Mateus tinha que explicar onde tinha ido e o que tinha feito. Mas era como se falasse uma língua estrangeira, pois ele achava que a mãe não entendia nada. E ela ia brigando por causa dos arranhados e dos carrapichos na roupa e não queria saber das formigas e nem queria ver seu carregamento de mamonas. De noite, quando o pai chegava, ia procurá-lo onde quer que estivesse e convencê-lo a entrar, comer alguma coisa e ir dormir. Dante sempre tinha sucesso, pois só o que o filho pedia é que pudesse comer na cozinha a sós ou com ele ou Marcos e que depois do banho fosse para a

cama. Às 5h30 já estava de pé, se esforçando para fazer tudo longe da mãe.

Uma noite Marcos telefonou para o trabalho do pai, agitado:

– O Mateus tá falando que uma cobra pegou ele, pai.

Os dois o encontraram no banheiro, a pele da perna direita toda vermelha, do joelho para baixo. Esfregava ali álcool puro.

– Não foi nada, pai, eu tava no terreno baldio, meu amigo falou “não entra aí que tem buraco”, mas a gente já tinha arrancado todas as mamonas pra jogar de estilingue, a gente faz guerra um no outro, então eu fui assim onde o terreno é alto, só tinha mamona lá, aí senti minha perna apertar. Onde? Do joelho para baixo, não, eu tava de calça, né, pai? Olhei, a cobra tava enroladinha na minha perna e eu gritei pro meu amigo “chama o Marcos!” e chutei, chutei, mas ela lá, com a cabecinha no laço do meu tênis bem calma e apertando, apertando, aí eu peguei ela e puxei, e ela veio desgrudando bem devagar e saindo pela frente do meu tênis e eu já olhei no meu livro, chama quebra-casco, não, casco, pai, e não precisa ir no médico, ela não tem veneno, ela queria me quebrar, mas eu pedi pra ela não, ela quebra muito bicho pequeno, eu sou maior que um gambá grande, aí ela foi embora, ninguém viu, nem meu amigo, mas eu tô falando que sim, eu tô falando que ela não me mordeu, vocês acreditam? Foi assim sim, pai, tô dizendo que ela não mordeu, enrolou e apertou e fiquei com a perna vermelha.

Dante teve que olhar no livro e examinar o filho duas vezes antes que voltasse a respirar, enquanto Marcos distraía a mãe na cozinha pedindo uma segunda dose do jantar.

Mais tarde Dante foi, com uma lanterna na mão, ao terreno baldio. Era uma área grande e abandonada, com uma pequena elevação cheia de pés de mamona, como o filho havia dito. Na hora de dormir, o pai sentou ao lado do filho e começou a falar dos perigos de ficar o tempo todo na rua. Insistiu para que ficasse mais em casa. A certa altura, como Mateus continuasse muito agitado e não parasse de dizer que ali era sem graça onde nunca podia fazer nada legal, que o irmão era chato porque só queria ficar na garagem brincando com parafuso e que no terreno não havia perigo, Dante foi até a cozinha, enrolou um pequeno pedaço de miolo de pão em forma de comprimido, pegou um copo de água e explicou:

– Engole isso rápido, que amanhã tudo melhora.

3.3.1.

Pequenas bolinhas brancas

Não sei dizer quantas vezes engoli um miolo de pão enroladinho, com água e “bem rápido”, conforme meu pai ou mãe pediam, sempre que não conseguia dormir, me sentia doente ou não queria ir para a escola. Só soube que aquilo não era remédio já bem grande. As bolinhas de pão sempre funcionavam. Só entendi o porquê depois de ser mãe. Criança doente demanda muita atenção e, muitas vezes, independente do micróbio ou da bactéria, a criança precisava parar, sofrer e pensar. Para poder superar. Quais eram os fatos difíceis que faziam com que ela tivesse que reunir forças? Tinha mudado de escola? Estava com ciúmes?

Compreendi então um ditado que minha avó dizia: “Criança doente, um passo para trás e depois dois para a frente.” Se a criança tem, digamos, dez anos, ao ficar doente se comporta como sete. Demanda cuidados, preocupa, e, quando já estamos mortos de cansaço, subitamente se recupera. E volta à rotina como se tivesse recém completado treze anos. Por isso é que, às vezes, apenas o gesto de dar um remédio, o gesto de carinho de um miolo de pão enrolado, funciona.

A palavra placebo deriva do latim, do verbo *placere*, que significa “agradar”. Há várias tentativas de explicação, mas nenhuma esclarece de verdade como aquilo funciona, porque, em muitos casos, a pessoa se sente melhor – o que deve causar um certo mal-estar entre os médicos. “Placebo é qualquer tratamento que não tem ação específica nos sintomas ou doenças do paciente, mas que, de qualquer forma, pode causar um efeito no paciente”, diz o Dr. Felipe Fregni (2010).¹² E esta é apenas uma das definições que, na verdade, deixam o fenômeno um tanto indefinido.

Talvez o miolo de pão funcione porque, ao tomar o que se acredita ser um remédio, surge a expectativa da melhora. Ou a expectativa de melhora nos distrai da dor ou do que quer que estejamos sentindo. Isto, em outros termos, se chama fenômeno da atenção seletiva e pode ser observado sempre que alguém sofre um acidente e, preocupado com outras pessoas envolvidas ou tentando entender o que aconteceu, demora a perceber os danos que o evento causou no próprio corpo. A discussão sobre o que é o placebo e como ele funciona é bastante extensa e longamente observada, desde os tempos bíblicos. Hahnemann escreveu sobre a

¹² Dr. Felipe Fregni é professor-assistente de neurologia da Harvard Medical School.

primeira consulta com o homeopata ser tão importante que o médico deveria se isentar de prescrever nesta ocasião, só para avaliar os efeitos desta conversa. Mas o médico alemão também considerava o placebo:

Hahnemann qualificava o placebo como um verdadeiro “presente divino” justamente por aplacar, fazer o indivíduo melhorar, quando ele demanda alguma medicação e o médico julga que não é o momento certo. Contudo, tal melhora é superficial e fugaz. (Rosenbaum, 2015, p. 30)

3.4.

No dia seguinte, Mateus não saberia dizer se tinha melhorado. Lembrava de um sonho com cobras, em que elas o levavam para ver onde moravam. Foi para a escola chateado por não poder contar que uma quebra-cascos havia tentando estrangulá-lo. O pai tinha pedido discrição, com medo que a mãe viesse a saber. Só ia contar para dois amigos, que saco.

Um dia ia andar por onde tivesse vontade, entrar onde quisesse – e falar sobre o assunto com todo mundo.

Talvez Dante pudesse ter aplicado o mesmo placebo, um miolo de pão bem enroladinho e pequeno, para que Madalena ficasse calma e esquecesse a ideia de ter um restaurante. Ela bem que tentou. Decidiu que a gravidez com filho pequeno e sem trabalho fixo tinha que passar rápido. Redecorou o quarto de Marcos – que ia receber o irmão – e a casa. Trocou o mais velho de escolinha e ainda se envolveu num sem números outras de tarefas. Mas nenhuma incluía cozinhar para o marido. Ele almoçava no trabalho, de noite comia o que havia na geladeira. Ela entrava na cozinha só para alimentar a si e ao filho. Demorar ali mais do que o necessário a fazia lembrar do seu projeto, e ela ainda não aceitava a ideia de que suas receitas não iriam virar seu emprego.

Quando Mateus nasceu – de cesariana, ao contrário do primeiro parto –, ela se encantou: além da cabeça perfeitamente redonda, ele era um bebê menor. Uma perfeição em miniatura, tão bem acabada, que ela e Dante, quando o viram, não conseguiam tirar os olhos dele, fascinados. O encanto com aquele “boneco”,

como o pai logo o batizou, no dia seguinte começou a dar lugar a uma preocupação. Depois do colostro, não havia leite, e Mateus começou a chorar. O primeiro som, fraco como o de um gatinho, fez os pais sorrirem, mas logo ele ganhava fôlego, e de gatinho se transformou num gato agoniado – finalmente, numa briga de gatos.

No fim do segundo dia de vida de Mateus, Madalena aceitou que uma enfermeira enorme, de mão forte mas jeitosa, ficasse pondo o bico do seu seio na boca do bebê:

– Ridícula esta mulher, como se eu não soubesse fazer isso! – reclamou com o marido, assim que ela saiu, dizendo “vamos tentar novamente mais tarde”.

Tinha amamentado Marcos tão bem até os seis meses, e agora... Teria que aprender uma técnica, uma coisa que se ensina a uma mãe de primeira viagem?

Logo o bebê puxava seu seio com a boca, ao mesmo tempo que a mão bruta da enfermeira massageava o peito de Madalena a partir do ombro, ladeira abaixo, com a força de quem amassa um pão. Mas o leite não descia.

No terceiro dia Mateus urrava.

Madalena e Dante já saíram da maternidade com receitas de chás para a mãe e fórmulas de leite em pó para o filho. Foram 45 dias e noites com poucos minutos de sono em que tentaram as mais variadas experiências. Mateus bebia um pouco da fórmula, cochilava, mas logo se remexia, com fome novamente. Na primeira pesagem tinha perdido mais gramas do que poderia. E a esta altura Madalena já estava tomando hormônios, para ver se era por falta deles que o pouco leite que tinha estava empedrado e lhe dando febre. Isso, até que alguém – da rede infinita de mulheres que nestas horas aparecem para dar palpites – lhe sugeriu procurar um médico homeopata.

Homeopatia era uma coisa de que Madalena só tinha ouvido falar. Mas andava tão zozna e insone que foi para a consulta. No futuro jamais se lembraria do nome, ou de alguma característica do médico homeopata para contar a Mateus, o seu Mateus, que, ao contrário daquele momento de desnutrição, havia se transformado num homem alto, grande e com muito mais massa muscular que o irmão. Só do que Madalena se recordaria é que o doutor ficou muito impressionado quando ela lhe disse que tomava hormônios. Depois teve que responder a dúzias de perguntas – algumas bem estranhas, como de que lado da cama ela dormia – até que ele lhe receitou *lac caninum*.

– *Lac caninum* – disse Dante na saída da consulta tentando animá-la – quer dizer leite de cadela.

– Cadela? O remédio tem leite de cadela?

– Pelo que entendi é o leite de uma cadela.

– Uma cadela deu o seu leite para que tenha o meu?

E aí então a imagem da cachorrinha marrom, amamentando e depois comendo o filhote, lhe atingiu com força renovada.

– Foi pra isto que vim aqui? É nojento, *lac caninum*, o que é isso? Simpatia?

3.4.1.

Experimentos animais

O pai acreditava que para fazer um filho forte emocionalmente ele teria que ver as coisas como elas eram. Eu tinha sete anos quando duas pessoas da minha família faleceram – e, no que diz respeito ao meu avô, tive até tempo de me despedir, porque passou seus últimos dias deitado em sua cama. Depois, como adorava bichos e ainda não era considerada forte o suficiente, pude ter quantos quisesse. A ideia era a de que, ao cuidar deles, me empoderasse e desenvolvesse habilidades. Quando vivi numa grande casa em Recife, cheguei a ter um canil. Deu mais ou menos certo: assim que um deles aparecia envenenado ou fugia e quebrava a pata, depois de tomar todas as providências, passava a noite com febre e vomitando.

Os bichos já viveram no meio dos homens, eram a vida e a morte, a utilidade e o carinho e a companhia. Eram as galinhas do galinheiro da minha avó (em plena cidade de São Paulo) que ela ia buscar, torcer e cortar o pescoço. Eram os pintinhos que comprávamos na feira todas as semanas – um deles veio meio morto, minha tia tentou reanimá-lo com duas gotas do uísque dela dadas no bico dele, via conta-gotas. Foi minha tartaruga que, meus irmãos juram até hoje, saiu boiando numa tarde de enchente e nunca mais voltou.

É claro que neste distanciamento progressivo o que nos resta são os animais domésticos – o que é triste e deformante. De qualquer forma, conviver com um animal nos lembra a condição de apenas ser. Como diz o crítico de arte e romancista John Berger em *Por que olhar os animais?*, “Os animais foram

intercessores entre o homem e suas origens porque eles eram, ao mesmo tempo, similares e dissimilares a nós”. Dissimilares porque nossa noção de consciência envolve a fala, prerrogativa humana. Os animais evidenciam sua consciência por outros meios de expressão.

O labrador dourado saltando com a criança na grama; o balé acrobático do sagui; a liberdade alada da arara-azul cortando o céu sem nuvens – quem nunca sentiu inveja dos animais que não sabem para que vivem nem sabem que não o sabem? Inveja dos seres que não sentem continuamente a falta do que não existe; que não se exaurem e gemem sobre sua condição; que não se deitam insones e choram pelos seus desacertos; que não se perdem nos labirintos da culpa e do desejo; que não castigam seus corpos nem negam os seus desejos; que não matam os seus semelhantes movidos por miragens; que não se deixam enlouquecer pela mania de possuir coisas? O ônus da vida consciente de si desperta no animal humano a nostalgia do simples existir: o desejo intermitente de retornar a uma condição anterior à conquista da consciência. (Giannetti, 2016, p. 40)

São graves as consequências de, como diz John Berger (2010), os animais terem desaparecido gradativamente nos dois últimos séculos: “(...) Hoje nós vivemos sem eles. E nesta nova solidão o antropomorfismo deixa-nos duplamente desconfortáveis.” Os animais desapareceram pela mão do homem e mais grave será tirá-lo desta arrogância, que o faz viver da morte e do sofrimento de tantos bichos. O homem acha que é agente da vida e da morte dos animais irracionais – e assim finge não fazer parte da natureza.

Não sei o que dizer de minha avó – nascida em 1898 – que podia nos ouvir batizar uma galinha, brincar com ela, e cortar seu pescoço no instante seguinte. Num mundo menos populoso, em que os humanos estavam mais próximos da natureza, ela matava apenas o que íamos comer, dentro de um ciclo que me parece mais integrado e sem crueldade que os de hoje. Em velocidade crescente nas últimas décadas, nossas relações com a natureza foram rompidas e tratamos os

animais domésticos como gente; os de comer, como máquinas. E estas são apenas duas das faces mais patéticas desta distância.

3.5.

Naquela mesma noite, decidida a não tomar o remédio, Madalena fez uma das séries de procedimentos que conhecia: tomou um banho morno, deixando a água escorrer pelos seios, sentou-se com calma ao lado de uma garrafa d'água e, entre goles, se ordenhou. Três gotas surgiram aqui e ali e no final de vinte minutos – que pareceram horas, pois o filho estava chorando – ela já substituíra a massagem gentil por pequenos socos nas próprias mamas. Inútil. Seus seios estavam quentes e se sentia febril. Às duas da manhã, quando Mateus já tinha chorado muito e ela nem tinha fechado os olhos, agarrou o pequeno frasco de vidro marrom e rótulo branco com esperança. Resolveu provar. Uma bolinha pequena, branca e com gosto de açúcar, o tal leite da cadela. Inofensivo, desdenhou. Até que, seis bolinhas de açúcar depois, um filete de leite começou a molhar sua blusa. E ainda que aquele leite não fosse suficiente e que ela o tivesse que complementar com o produto em pó, foi a melhor alimentação que o filho teve durante quatro meses.

Na fase em que Mateus já tomava um prato de sopa batido inteiro, a família ainda estava se recuperando daqueles primeiros dias. Os meses sem dormir cobravam o seu preço; o que Madalena achava estranho é que ainda acordasse e dormisse tão exausta. Marcos ia bem na escolinha e já era mais maduro que qualquer outro menino de três anos, um verdadeiro rapaz – afinal, ele tinha perdido o colo da mãe e a atenção integral do pai. E foi num dia relativamente calmo que Madalena decidiu que seu cansaço não era normal e telefonou para o doutor homeopata. Ele pediu que ela marcasse nova consulta e, como ela recusasse, lhe fez algumas perguntas. Foi bem firme em dizer que ela deveria voltar ao consultório pois, ao que parecia, não só ela não poderia parar o remédio, como teria que comprá-lo numa diluição ainda mais forte. Ela disse que não iria mais tomar outro vidro de *lac caninum*. “Para ter mais leite para quem?” Mas o doutor insistiu. E depois completou: “é para sua autoestima.” Que insulto! Problemas de autoestima! Sentia-se mal por ter um bebê magrinho e menor do que o irmão tinha sido, estava sempre esgotada, e era só.

O assunto voltou a atormentá-la quando Mateus ia completar um ano. Dante pediu uma pequena festa e ela se negou:

– Poucas pessoas e um bolo, o Marquinhos vai gostar de festejar o irmão – disse Dante.

E como ela continuasse a negar e ele insistisse, vaticinou:

– Ele é doente.

– Quem é *doente*?

3.5.1.

Que doença? E qual doente?

O conceito do que é a doença muda de acordo com a cultura e a época. As maneiras de se encarar e tratar as doenças também. Sempre que alguém das novas gerações vem falar em “data de validade vencida” lembro o quão recente esta precaução virou lei.¹³ Também quando os jovens dizem que determinada substância “faz mal”, lembro de que todos meus curativos infantis foram feitos à base de sulfá e iodo. Minha mãe, a conselho médico, tirou radiografia da gravidez de cada um de nós – imagine se hoje algum pediatra em sã consciência aconselharia fazer a radiação de um feto. Uma coisa boa da época em que estava crescendo é que a falta de informação muitas vezes foi uma benção. Em minha família, pais, tios e avós não se assustavam com facilidade. Eles logo perceberam fazer parte de uma família bastante alérgica e que somatizava todas as questões.¹⁴ Nos momentos de crise, dos irmãos com bronquite, da asma do meu pai ou das minhas sessões de vômitos, os remédios básicos eram paciência, conversa, placebo e carinho. E quando o médico aconselhou que trocássemos o clima poluído e frio de São Paulo por um mais quente, nos mudamos para a cidade de Recife.

É claro que nem tudo foi simples. Em vários momentos foi dramático. Mas, numa família grande e repleta de acontecimentos (os bons superando os ruins), não havia tanto lugar para a culpa quanto hoje penso que há. Uma célebre história familiar conta que, assim que minha mãe soube do diagnóstico de câncer de pulmão do pai, aos 67 anos, perguntou: “Mas por que você fumou tanto,

¹³ No Brasil foi em 1952.

¹⁴ “Somático – adj. Relativo ao corpo. Somatizar – ato ou efeito de transferir para o corpo um problema de ordem psicológica” (Aurélio, 1986).

papai?” Ao que meu avô respondeu: “Ninguém disse que fazia mal. Meu médico fuma mais que eu, dividimos muitos cigarros!”

Hoje, além de ter a doença, talvez ele fosse culpabilizado por isto. A escritora e ensaísta Susan Sontag refletiu sobre as doenças e seus estigmas logo após ser diagnosticada com câncer:

(...) Quando descobri estar com câncer, o que me irritava em particular – e me distraía a atenção do pavor e do desespero provocados pelas previsões pessimistas de meus médicos – era a constatação de que a reputação dessa doença aumentava em muito o sofrimento daqueles que a tinham. (Sontag, 1989, p. 46)

Analisando as características da tuberculose, sífilis, AIDS, lepra e câncer, entre outras, ela ressalta a influência decisiva que cada época e seus discursos teve sobre estas doenças. Ao comparar a tuberculose ao câncer, por exemplo, conclui:

Algumas ideias sobre o câncer eram o inverso de concepções sobre a tuberculose, agora completamente desacreditadas. Se a tuberculose antigamente era muitas vezes encarada de modo sentimental, como algo que acentuava a personalidade, o câncer agora é encarado com uma repulsa irracional, como uma diminuição do eu (...) O câncer é visto como uma doença a que são particularmente suscetíveis os reprimidos – especialmente os que reprimem a raiva ou os sentimentos sexuais – do mesmo modo como a tuberculose, no século XIX e no início do século XX (até ser descoberta a sua cura) era considerada uma doença que tendia a atacar os hipersensíveis, os talentosos, os passionais. (Sontag, 1989, p. 62)

Em *O médico doente*, numa reflexão paralela à de Sontag, Drauzio Varela faz um *mea culpa* por não ter renovado sua vacina contra febre amarela antes de partir para uma pesquisa na Amazônia. Escreve que seu único remorso foi o de

“dar trabalho à família (...) por desleixo com uma medida preventiva tão elementar”. E antes que o leitor se surpreenda pelo fato de ele não ter se atormentado com a doença que quase lhe tirou a vida, explica:

(...) Aprendi a jamais cair na tentação moralista que nos acompanha desde os primórdios da civilização: atribuir ao enfermo a culpa de seus males. Não se dizia que ficavam doentes aqueles que descontentavam os deuses nesta encarnação ou em encarnações anteriores? Os que eram tomados por espíritos diabólicos em consequência de suas ações? Que adquiriam lepra os ímpios, tuberculose os devassos, Aids os promíscuos e câncer os neuróticos? Quantos séculos foram necessários para a ciência demonstrar que as doenças associadas aos preconceitos mais odiosos da história da humanidade são causadas por bactérias, vírus e outros agentes insensíveis às virtudes e aos defeitos de seus hospedeiros? As novas gerações são muito onipotentes, acreditam que se pode ter controle total sobre uma doença. Viver é assumir riscos, esses erros são cometidos sob o manto protetor da onipotência, condição ambígua do espírito humano, capaz de inspirar feitos heroicos e de desencadear as piores tragédias. (Varella, 2007, p. 67)

3.6.

E Dante falou tanto no absurdo daquilo – em Madalena rotular de doente uma criança que o pediatra cansava de dizer que era normal – que ela pensou em contar para o marido a quantidade de vezes que olhou para aquele menino mirradinho e pensou em comê-lo! Comê-lo, sim, de volta para a barriga onde ele não era magro nem gordo, estava protegido, era seu. Mas achou melhor se esforçar para não se preocupar tanto. O que a fez, imediatamente, passar a achar que Marcos, aos quatro anos, estava gordinho e “viciado em açúcar”.

Até quase o fim da adolescência dos meninos um dos seus clássicos hábitos era, ao chegar numa festa, assim que a comida ficava pronta, ser a

primeira a se levantar e pegar dois pratos, que depositava um na mão de cada filho. Fazia isso explicando, alto:

– Vamos, pessoal, vamos garantir o nosso.

– Culpa – sentenciou Dante. – Você sente culpa com estes meninos. Agora, culpa de quê?

– Fácil para você ficar indiferente, mas quem cozinha sou eu. Não é estranho que, cozinhando as comidas mais incríveis, não consiga que nenhum dos dois se alimente direito?

– Não é estranho, minha irmã, é óbvio – disse Livia quando ela lhe contou a discussão.

– Agora explica, Livia, vai, você que sabe *tudo*.

E Livia se calou, pois sabia que a irmã menosprezava as suas opiniões sobre educação de crianças, já que não tinha filhos. Mas como gerente geral de uma marca de cosméticos, só o que ela ouvia em seu ambiente de trabalho eram mulheres falando. Acima de tudo, sobre os filhos. A interminável ladainha das mães. Mães incansáveis. Mães que nunca estavam satisfeitas. Se o filho ia bem na escola, reclamam que ele não fazia esportes, se ele ia bem nos esportes reclamam do desempenho escolar, se melhoravam de saúde eram péssimos em comportamento, e assim por diante. A agenda das mães para seus filhos era infinita. “Mães nunca sossegam, nunca ouvem, nunca confiam, nunca respiram. Por isso não tenho filhos, prefiro jogar minhas frustrações em mim mesma.”

Um ano de remédio homeopático depois é que Madalena poderia dizer que se sentia como antes da gravidez de Mateus, com a mesma energia. Mas não calma no que dissesse respeito ao caçula. E, como se ignorasse que aquele remédio vinha de uma cadela, um cachorro fêmea, uma cachorra – coisa que ela odiava –, passou a tomar as bolinhas em qualquer momento de crise. Crises de consciência. Tolas para qualquer mãe em outra situação, mas imensas para ela. Se outra mãe perguntasse, por educação ou para iniciar uma conversa, qualquer coisa sobre a infância de Mateus, por exemplo, ela dizia:

– O começo foi muito ruim. Quase não mamou, pulou do leite para a comida de sal. Foi um bebê desnutrido, de barriga estufada, por pouco não morreu.

3.6.1.

Aqueles olhos

Em sua aversão aos cachorros, a personagem Madalena talvez nunca viesse a se dar conta desta contradição: odeia aquilo que a constitui. Como se deduz do enredo do romance, desde que Mateus nasceu, ela toma *lac caninum*, remédio que contém o leite de uma cadela. Seu organismo se beneficia do alimento que vem daqueles animais que ela considera sujos, intreináveis, perturbadores. Mas pode-se especular por que ela os considera assim.

Logo no começo do casamento seu projeto de vida almejava uma divisão mais satisfatória entre o marido, um filho e a profissão. Do momento em que Dante a pressiona e ela se vê na rotina de dona de casa e mãe de dois filhos, o cachorro é a gota d'água neste copo quase cheio. O cachorro – e não outro bicho. O cachorro com sua carência, seus olhos de pedinte. O poeta Carlos Drummond de Andrade diz algo parecido sobre esta particularidade, que parece ser a mesma no boi. No poema “Um boi vê os homens” há um verso que diz: “Toda a expressão deles mora nos olhos – e perde-se/ A um simples baixar de cílios, a uma sombra” (Drummond, 1979, p. 266).

Os olhos são o traço forte de várias espécies, mas quem suporta o olhar de um cão? Ingemar, o menino-personagem de *Minha vida de cachorro*, romance de Reidar Jönsson, ora entende e se identifica com sua cadela Sickan, ora com Laika, a cachorrinha-astronauta:

Há cães e cães, claro

Mas de Laika todos devíamos ter pena, porque ela simbolizava o progresso humano. Circulou no espaço sem saber por que, entupida de canos e tubos (...) Imagine você circulando em torno do globo, esperando arder (...) Tenho certeza de que ela pediria para ser trazida para baixo – se pudesse.

Eu sempre me perturbo com cachorros. (Jönsson, 1991, p. 51-52)

Depois de um dia entre demandas dos filhos, do marido, exigências consigo mesma e com o mundo, é difícil para uma mulher enfrentar o olhar de um

cachorro, sejam eles Laikas ou Sickans. Os olhos dos cães nos questionam. É, mais uma vez, como o poeta Eucanaã Ferraz (homenageando Drummond) canta sobre o boi (2008):

Que nos pergunta o boi, desde o Antigo Egito?
Que nos pergunta o boi, desde a China?

Os gatos, com sua independência, são mais solidários à condição feminina!

O que os cachorros querem de nós, se eles foram domesticados para nos servir e proteger? Provavelmente nossa companhia. Diante desta reivindicação impressa no DNA dos primeiros lobos domésticos há mais de vinte mil anos, a personagem Madalena traduz seu desgosto considerando-os também sujos, nojentos e capazes de filicídio. É claro que detesta os apelos caninos porque sente-se, também, muito carente. Neste sentido, ela parece ser a cadelinha que, depois de ter parido oito crias, se exaspera.

E aqui podemos lembrar dos poemas que se referem aos cachorros. Em alguns versos do extenso *Cão sem plumas*, título de um livro (e de versos) de João Cabral de Melo Neto, ele diz:

Como o rio/aqueles homens/
são como cães sem plumas/ (...)
Na paisagem do rio/ difícil é saber/
onde começa o rio;/onde a lama/ começa do rio;/
onde a terra/começa da lama;/
onde o homem/onde a pele/começa da lama;/
onde começa o homem/naquele homem.
(Neto, 2007)

Parece, durante todo o poema, que o homem muda, e pode até matar o rio e o cão, transformando-se num não-homem. Cabral se refere à questão social, às condições de vida do Nordeste, mas é possível transferir a imagem dos comportamentos irracionais dos homens para os momentos de crise pessoal de cada um de nós. É o caso da personagem Madalena. Com sua intensa verbalização das coisas ela acredita que está no controle. No entanto, é o contrário.

O poeta Ricardo Domeneck homenageia este poema de Cabral dando o título de *A cadela sem logos* a um livro de poesia seu. O eu lírico diz, num verso:

Esta sou eu a/
cadela sem/
Logos.
(Domeneck, 2007)

O que seria uma cadela sem *logos*? A sugestão de alguém ou algo num momento de desespero? De momentos como o que imaginei que a personagem Madalena tenha vivido diante do homeopata, com a agonia de não ter leite para amamentar o filho que chora? Talvez seja possível considerar que a homeopatia responda a uma combinação entre as dimensões sensível e imaginativa e a dimensão intelectual (predominante na alopatia). Daí pode ser que exista uma proximidade entre técnicas curativas da homeopatia e os efeitos da arte.

O que Madalena disse na consulta com o homeopata que lhe prescreveu *lac caninum* ninguém sabe. Seus sintomas – nervoso, histeria, falta de leite – devem ter total analogia com o leite da cadela. Afinal, prescreve-se ferrão da abelha de mel (*apis mellifica*) para quem tem edema; café (*coffea cruda*) a quem sofre de insônia. Achei que, se minha personagem por um tempo recusou o filho, ela tinha, também, que enfrentar aquilo que faz parte dela. Ironicamente, o leite de um animal que ela rejeita fez seu corpo resgatar a capacidade de alimentar e amar alguém.

3.7.

Ninguém esperava ouvir a resposta dramática de Madalena. Ela jogava isso na cara do interlocutor e buscava o *lac caninum* na bolsa, tomava-o, duas bolinhas de uma vez. Isso se tornou um hábito – por tantos anos que, quando Mateus já tinha fechado o consultório como alopata e ficou um mês com os pais antes de abraçar a nova carreira, um dia, procurando um par de óculos a pedido dela, encontrou na gaveta da mesa de cabeceira da mãe dois vidros do leite de cadela. Ficou atônito, pois ela tomava o alimento que vinha de um animal que achava sujo. Pensou em aborrecer a mãe a respeito, mas logo se deu conta que ela

o fazia sem ter voltado ao médico. Olhou a data de validade e viu que tinham vindo da farmácia recentemente. Não se conteve:

– Mãe, quem te mandou tomar isto? Homeopatia é remédio. Essa parte a senhora já entendeu?

Levou-a para a cozinha e se sentou ao lado dela. Era conhecido como o único da família que conseguia ser ouvido por Madalena por mais do que uns instantes, mas o segredo, que ele entendeu ainda bem pequeno, era fazê-la cozinhar. Mexendo em várias panelas ao mesmo tempo, cortando e temperando com surpreendente delicadeza, sua mãe praticava filosofia e reflexão. E era este o momento em que as coisas deviam ser ditas.

Madalena ora fingia ouvir, ora se fixava no rosto do filho, admirando-o. Ele notou logo, não se irritava mais como quando jovem, nos momentos em que se dava conta de que estava falando sozinho. Quantas vezes a mãe não conseguia parar de olhar para ele, se aproximava, segurava seu rosto e dizia:

– Que lindo, meu filho, que lindo que você é!

Mas ele continuou. Tinha uma meta, dizer para ela que ela estava doida de tomar o mesmo remédio sem receita, quando e quantas vezes quisesse:

– O homeopata considera primeiro os sintomas mentais, depois os gerais e, por último, os físicos. Os mentais incluem o que a pessoa imagina e, às vezes, se cristalizaram como verdade para ela, porque a mente é capaz de tudo, né mãe?

– A mente de quem é capaz de tudo?

– A nossa, mãe, a nossa mente. Quero dizer que, do meu nascimento pra cá, a senhora já passou por centenas de estados mentais diferentes, então o remédio não pode ser o mesmo.

– Centenas?

– Mais que centenas. Deveria estar contando para o médico sobre essas mudanças todas.

– Aquele médico?

– Qualquer médico! – Levantou a voz. – Qualquer remédio tomado assim com esta intensidade pode dar o efeito contrário!

Então a mãe estaria ficando mais histérica, mas ele não conseguiu lhe dizer isto.

Madalena ouviu o filho. E lembrou-lhe da loucura que foi alimentá-lo nos primeiros meses de vida.

– Aquele médico ficou perdido no meio das mil fórmulas que segui para que você mamasse. Eram grupos de Amigas do Peito me telefonando e querendo que eu fosse frequentar reuniões, chás variados, gente se dispondo a mandar trazer leite de cabra, leite de baleia contrabandeado... todo mundo dando palpites, até que alguém de que não me lembro mais me sugeriu este médico. Ele me deu este remédio e me sinto bem tomando, o que é que tem? Te contei isso numa carta, não lembra?

Mateus não lembrava, pois só tinha lido uma única carta, recebida na Itália, pela metade. E jogado fora todo um imenso lote de outras.

Madalena também não revelava tudo: nada da história da cadelinha marrom. Nada de mais concreto sobre o médico. Nada, a não ser mais um pretexto para terminar questionando o filho:

– E depois você cresceu e virou nosso médico! Teu consultório ia tão bem, meu filho. E a homeopatia é... incerta, não é mesmo? Paga bem menos! Como você pode deixar de clinicar, com um talento destes?

Mateus tinha real talento para a clínica e para a observação das pessoas, mas, de qualquer forma, diante de qualquer paciente, seria impossível lembrar de cor tudo o que os pioneiros da homeopatia – como Hahnemann ou Mure¹⁵ – tinham escrito sobre cada substância sem ler os manuais.

– Dos cinquenta ou mais sintomas para que *lac caninum*, serve só me lembro de insegurança e culpa. Nunca pensei em você como uma mulher insegura, Dona Madalena – brincou. – Por que continua a tomar isto? Tem que se tratar pra valer, mãe.

Inconscientemente, Mateus estava se defendendo de um confronto, pois os primeiros sintomas descritos na indicação de *lac caninum* eram “tendências histéricas” e “pessoas que superam sentimentos atuando agressivamente”.¹⁶ Mas o filho preferia pensar que, talvez por não ter conseguido ter uma vida longe da família como sonhou, Madalena misturava sua ignorância do mundo profissional a um sentimento de traição. Por isso analisava tudo, e achava que assim defendia sua família do mundo. Criticava roupas, atitudes, pensamentos, gestos, ideias,

¹⁵ Quando os médicos homeopatas buscam o remédio adequado a cada paciente, olham no que chamam de repertório, escrito por Hahnemann em 1796 e publicado em 1810. Após ouvirem o relato dos sintomas, transformam o substantivo em verbo: dizem que vão “repertorizar o paciente”.

¹⁶ Sintomas descritos no site da Farmácia Homeopática Dias da Cruz. Disponível em: <<http://www.diasdacruz.com.br/homeopatia/73>>. Acessado em: 14 fev. 2017.

emoções – uma máquina de emitir opiniões. Falava do que conhecia e do que não conhecia, tivesse ou não competência. E sempre em voz alta, para quem quisesse ouvir. A quem não a conhecesse mais intimamente, pareceria uma mulher extrovertida, falante, maluquinha e divertida. Mas sua sociabilidade era tensa. E esta tensão era o que a fazia estar sempre chamando a atenção dos filhos e do marido.

Marcos aturava aquilo como Dante: com uma ponta de impaciência e dois dedos de melancolia. Mateus não. Tirava desta característica materna de apontar o dedo acusativo para tudo e todos, o melhor: o mundo era vasto, diferente, repleto dos mais diversos tipos de pessoas e coisas, e ele queria conhecê-lo. Preferiu, então, o mundo à família. Saía por aí de peito aberto fazendo dezenas de amigos – quanto mais e variados, melhor – e isso ela não perdoava.

Enquanto conversavam, a mãe estava cortando um tomate em fatias. Tinha um método próprio em que abria uma tampinha na fruta, sacava dali sementes e o miolo e o punha, vazio, por um tempo, no congelador. Não muito, para que não congelasse, só o suficiente para que saísse dali firme. Depois ela deslizava uma faca bem afiada sobre a pele vermelha, cortando fatias de tomate superfinais.

Pois Madalena estava ali, apontando a faca para o tomate, quase erguendo a lâmina para o filho ou para o próprio peito, explodindo de vontade de confessar o que a maturidade a tinha ajudado a admitir:

– Você não foi planejado, meu filho. Não foi. Não te desejei. Mas quando te vi quis que vingasse mais do que qualquer outra coisa na vida.

Disse isto e calcou a faca tão forte sobre o fruto que ele explodiu para todos os lados. Mateus e ela olharam para a tábua e este foi o fim da conversa.

Naquela noite, Madalena sonhou que uma enfermeira grande a insultava, berrando com ela enquanto agitava enormes mãos de cavalo diante do seu rosto. E, um pouco antes de acordar, com uma cadelinha marrom que nadava e nadava em alto mar, tentando chegar à arrebentação. Quando a primeira onda a empurrava para a praia, um refluxo igualmente violento a levava de volta, afogando-a.

4

Parte três: 2013

4.1.

Os pesadelos de Madalena tornaram-se bem intensos antes de ela partir para trabalhar no retiro de Carnaval. Acordava triste, pensando que deixar o marido naquele estado era negligenciá-lo. Como ele estava dormindo numa cama de hospital perto da dela, ela era a enfermeira da noite. Ter uma mulher quase desconhecida morando em seu quarto, o santuário do casal – onde até os filhos evitavam entrar –, a incomodava. A partir das 7h30 ficava mais fácil, fingia que o santuário se transformava em enfermaria e ia tomar café. Em geral ele já estava coado e a mesa, pronta, pois Marcos já havia saído para levar Breno na escola. Era só neste comecinho de manhã que Madalena permitia alguém na *sua* cozinha sem a *sua* presença.

Outro de seus segredos é que ela não falava o dia inteiro. Logo que saía da cama detestava dizer algo. Dormia muito profundamente, saía do sono mergulhada nele, sempre remoendo. Se os sonhos tinham sido bons, queria continuar a sonhá-los. Mas, com os pesadelos de ultimamente, ia mastigando aqueles restos tóxicos de mau humor, até perder o medo de abrir a boca e contaminar alguém. Agora, até este hábito pequeno, de não falar antes do primeiro gole de café, lhe tinha sido tirado. Mal abria o olho, tinha que responder a um sem número de perguntas das mulheres de branco. Tudo aquilo estava sendo cansativo: aceitar ajuda, dividir os espaços do casal, mudar os hábitos.

Conhecendo a mãe, eu e Marcos tínhamos contratado enfermeiras profissionais, diligentes, rápidas. Ainda assim ela às vezes dava uns gritos. Por nada, só para que mantivessem o respeito. Muitas vezes a bronca nem estava no que mamãe dizia, mas na entonação. Se ouvia da enfermeira “Está na hora do banho dele”, repetia:

– Mas eu *falei* que estava na hora do banho dele!

Manter o pulso da casa em suas mãos era o único motivo que a animava a acordar cedo, tomar banho, vestir-se como se fosse sair e entrar no ritmo das mulheres que se revezavam pelas doze horas do relógio, num compasso de

cuidados pontual a que o papai, metódico, tinha se adaptado no primeiro instante.

Madalena não achava as noites tão ruins, pois o marido tomava calmante e dormia, difícil era vê-lo acordar. Este era o período do dia em que sentia mais dores, a hora em que não estava limpo nem de bom humor, exalando a péssima combinação de muitas horas de imobilidade com os inúmeros remédios tomados no dia anterior, as químicas que saíam pela urina, pelos olhos, pelo hálito. A boca extraordinariamente seca, os olhos grudados e o saco coletor de plástico transbordando xixi, tudo isso era mais difícil para ela do que para ele.

A ideia de acordar vivo o livrava de qualquer reclamação. Acordar inteiro – este era o pensamento mais brilhante, que ele abraçava com força.

Eles dividiam, juntos, aquela hora em que a doença tentava dominar tudo. Madalena ia tratando de cada detalhe pensando que não estava casada com ele porque se acostumara. Amava Dante. Mas reconhecia o desafio de manter a paciência. Paciência com o que vem com a chegada da velhice, que vai cortando nossa dignidade como se fatia um pão. Mas ela se sentia recompensada pelo fato de que ele estava ali, e, mais importante, dependente dela, o que o afastava das caixas e mais caixas de ferramentas, das conversas sobre o empuxo da bomba, o ar que entrou na tubulação, a bomba suporte, as chaves axiais e mistas, a chave-biela, a chave hexagonal, aquele mundo dele, o mundo como um imenso mecanismo à espera da sua coleção de chaves de fenda e de sua perícia com elas.

O marido era tão cauteloso, pensava Madalena enquanto o ajudava. Só bebia cerveja lá em cima junto do filho, nunca desacompanhado. Se subir na caixa d'água era a diversão dele, tinha que ter se transformado num desastre? Gostava de ficar no alto, como o comandante na proa do navio, em silêncio, sentindo o vento, olhando o bairro. Mas por que ia cada vez com mais frequência para o telhado? Madalena não sabia. Um neurologista talvez respondesse.

Ele só não conseguia dormir e subia lá, era isso.

Mas por que ela não se levantou e o impediu? Foi viajar e... Quantas noites ele passou no telhado, o mês inteiro?

– Ele não estava dormindo, por isso caiu de lá, por cansaço. Foi isso, Marcos?

– Às vezes quando acordava ele já tinha feito o café, então não sei – explicou o filho.

– O calor estava insuportável e por isso você foi lá pra cima? Foi isso,

querido?

Ela esperava que, sim, que ele reclamasse do calor de fevereiro.

Seguiu para o retiro exausta de tanto debater consigo mesma e conosco, porque também não tínhamos respostas sobre a madrugada do tombo. Se cozinhar não fosse uma extensão natural, um exercício que adorava praticar todos os dias, principalmente quando tanta gente a elogiava ao final de cada refeição, não teria conseguido. Do confinamento da enorme cozinha telefonava várias vezes por dia para casa para saber como Dante estava. Um dia, antes de ela voltar, coloquei o papai ao telefone – a voz soou bem melhor – e mamãe ficou radiante. Queria voltar. Tinha planos. Um deles, pedir que eu não viajassem e a gente comemorasse os 65 anos de papai, um pouco antes da Semana Santa.

Ao voltar, mamãe ficou ainda mais impressionada. Papai sentado na cama, lúcido, sorridente, otimista, ajudando com o que podia. Era com ele que tinha se casado. Foi correndo deixar a mala no quarto e ficar ao seu lado. Queria evitar a cozinha, onde uma empregada usava *suas* panelas para fazer a comida *dele*. Uma gorda que não parecia limpa, era um esforço se manter longe daquela cena. Mas eu a tinha alertado. Valorizado o fato de que quem ia ajudá-lo a comer era ela. Mamãe lhe deu o almoço e, depois, conversaram a tarde inteira. Insistia em saber do que ele se lembrava, queria uma explicação para a queda:

– Lembro pouco. Não conseguia dormir, achei que você não teria água suficiente na manhã seguinte, subi na caixa... Não sei. Antes do acidente sentia vontade de fazer as mesmas coisas, trabalhar na casa, mas o corpo não me acompanhava, sabe?

Não, Madalena não sabia. Ainda.

4.1.1.

O corpo fala

A primeira vez que recebi um pedido de *off* de um entrevistado (não falar nem publicar aquele assunto, que fica fora da matéria), foi também quando pensei no poder – nem sempre negativo – que a doença dá às pessoas. Em 1982 fui entrevistar Maria Julieta Drummond de Andrade. A filha do poeta lançava *O valor da vida*, volume de crônicas. Antes de encontrá-la, li a nova obra e os dois outros livros dela, que destoavam completamente daquele que seria o objeto da matéria.

– Por que seus primeiros livros são tão angustiados e este é tão radiante?

A autora não respondia.

Depois de muita insistência, concedeu:

– Vou lhe dizer em *off*. Estou com câncer e os prognósticos não são bons. Nem minha família sabe e isto não vai sair no jornal de jeito nenhum. Olha lá, hein?

O texto da matéria ficou bem empobrecido, mas respeitei o pedido que ela, admiravelmente, conseguiu formular a uma jovem insistente até o ponto de irritar. O livro era realmente bom – e solar. A proximidade da morte a fez amar a vida e reparar nela com intensidade.

A dor, a imobilidade e a solidão decorrentes da doença muitas vezes se transformam em energia positiva, quando há melhora. Ao ler *Ecce Homo e Humano, demasiado humano*, de Nietzsche, que ficou doente por dezesseis anos (sífilis é uma das hipóteses), entende-se por que ele escreveu e compreendeu a saúde de maneira diferente do que a maioria das pessoas. Explicando a produção de *Aurora* (de 1881), escreveu: “Em meio aos terríveis sofrimentos produzidos pela cefalalgia (...) conservei uma maravilhosa limpidez dialética e produzi bastante (...)” (2002, p. 37). Depois reporta várias mudanças de humor a partir da doença, comentando: “(...) Foi nos anos da minha mais débil vitalidade que eu cessei de ser pessimista; a necessidade instintiva de restabelecer-me afastou-me da filosofia da miséria e do desânimo (...)” (2002, p. 39). Para ele a doença realmente funcionava como um empurrão para uma mudança de atitude e comportamento.

A autora Susan Sontag – que lutou contra dois tipos diferentes de câncer em 1977 e 1998, ambos com prognósticos ruins, para ser vencida por um terceiro em 2004 – refletiu sobre o assunto nos livros *A doença como metáfora* e *AIDS e suas metáforas* e em diversos artigos. No livro *Entrevista completa para a revista Rolling Stone*, organizado pelo jornalista Jonathan Cott em 1978 (e só recentemente publicado no Brasil), ela – ainda bem frágil após quimioterapia – é confrontada por Cott com um aforismo de Nietzsche sobre saúde. A pergunta do jornalista foi:

Seguindo a ideia de Nietzsche de que “em alguns são as privações que filosofam, em outros as riquezas e as

forças”, parece interessante que, apesar de sofrer de uma doença, suas “privações” não resultaram em uma obra filosoficamente “doente”. Na verdade, você produziu algo muito forte e muito rico. (Cott, 2015, p. 25)

Assim, Sontag respondeu:

Pensei nisso no início... me disseram que eu poderia morrer em pouco tempo, então encarei não só uma doença e cirurgias dolorosas, mas também o que achava que seria a morte dali a um ou dois anos. (...) eu estava muito assustada. Experimentei o tipo mais agudo de pânico animal. Mas também tive momentos de júbilo, de tremenda intensidade. Eu sentia como se alguma coisa fantástica estivesse acontecendo, como se tivesse embarcado numa grande aventura – a aventura de estar doente e talvez morrendo, e é algo extraordinário estar disposta a morrer. Não quero dizer que foi uma experiência positiva porque soa péssimo, mas é claro que teve um lado positivo. (Cott, 2015, p. 25)

Ao criar o personagem Dante para o romance, quis falar da ironia de ele haver criado o *Dante Mind Control* e acreditar na ilusão de controle sobre as coisas negativas de sua vida e casamento. Me baseei no *Silva Mind Control*, que preconiza que, a cada sentimento negativo, imaginemos que estamos isolando estes problemas para longe de nós. Acontece que, como resumiu com propriedade o médico e psicanalista Luis Fernando Orduz, “o corpo sempre diz o que a palavra não pode”.¹⁷ E Dante não consegue dormir. E, infeliz, sobe no telhado para fazer reparos intermináveis, quando, de lá, exausto, cai e quase morre. Só depois dos meses de cama é que ele se refaz, voltando a ter a mente aguçada e otimista. Seu corpo quebrado chamou a atenção da família para tudo o que ele não estava dizendo. O corpo expressou suas dores. O corpo fala – e o corpo resiste.

¹⁷ Frase de Luis Fernando Orduz, psicanalista e médico em “Conte algo que não sei”, *O Globo*, 6 jul. 2016.

4.2.

No fim da tarde voltei do trabalho e mamãe reuniu os filhos e o neto em torno do doente, para falar da comemoração do aniversário dele.

– Vou ter que antecipar minha viagem e ir um dia antes do aniversário do papai, mãe. Em São Paulo encontro parte da equipe. Para chegar na capital, Kinshasa, só via Johannesburg. Johannesburg é longe, mãe. Fica na África do Sul, mãe. Calma, mãe, que já te explico. E da capital para a floresta, nossa, são tantos papéis e carimbos e tantas horas de carro...

– E quando você volta?

Ela andava pelo quarto, angustiada.

– Até agosto não sei dizer. Depende.

La completar com um “não se preocupe”, mas calei a boca. Papai pediu a Breno que buscasse um Atlas Geográfico na estante.

– Os meninos já tinham me falado, Madalena, eles têm que trabalhar. Um dia antes você faz um bolo, o que quiser. Não vou a lugar nenhum mesmo – riu. – Vem, Breno, mostra para a vovó os círculos que fizemos até encontrar a República Democrática do Congo.

– Agora nossa família já vai bem mais longe que no tempo do vovô, olha só, vó – explicou o menino, mostrando o antigo mapa-múndi onde Dante e Marcos há muito tinham desenhado em cima.

– Os círculos partem do centro, que é nossa casa – ajudou o avô. – No meu tempo cobri sete deles, concêntricos. Mas agora com as viagens de Mateus eles são doze. Ganharam intensidade. Quem sabe o Breno não vai dar a volta ao mundo? Vai ser a nossa pedrinha mais redonda, que quando bater na água não para mais!

Durante o mês seguinte, antes que viajasse, observei cenas assim, protagonizadas pelo pai com a família em volta. Ele tinha cada vez mais energia. Se tivesse que receitar algo para ele, não receitaria nada. Já para mamãe, sim. Ela não se conformava com o fato de que eu iria viajar. E a cereja do bolo é que estava ansiosa com a quantidade de convites para cozinhar, depois da repercussão de seus talentos no retiro do Carnaval. Sentia-se bem em finalmente ganhar seu dinheiro, mas dividida. Só ficaria tranquila se eu ficasse em seu lugar.

– Não está na hora de deixar seus pais sozinhos, meu filho.

– Sozinhos? E o Marcos, mãe? Dentro de casa o dia inteiro, disponível. Mas você finge que ele não *existe*.

– Vai de novo dizer que não amo meus filhos? Amo incondicionalmente! Vou até o fim do mundo por vocês.

Saí batendo a porta. “Vai até o fim do mundo, sim, mas só porque acha que nós somos sua propriedade. Qualquer outra mulher que cruze nosso caminho, professoras, babás, namoradas, faxineiras serão decapitadas.” Madalena não existia. Madalena era única. Madalena era a melhor. Madalena amava como ninguém. E cozinhava como uma deusa – este fato, verdade absoluta. Suas críticas, fruto de uma personalidade controladora, eram motivadas por um ciúme cego que tinha da família. Não só ciúme de outras mulheres, mas de tudo. Ciúme do que poderia lhe roubar os filhos. Mas não ia dizer nada, não fazia mais sentido. Tínhamos passado a vida repetindo a mesma coisa.

Lembro quando, na adolescência, entendi que mamãe era parcial e injusta. Injusta para com o meu irmão, sempre fiel. Disse isso para ele.

– Não, cara, sério, se não fosse por você, talvez nunca tivesse arrumado a primeira namorada! – concluí.

A gente gostava de se recordar do que, na família, ficou conhecido como “o episódio do fusca”: depois de ter beijado a menina no ônibus de excursão aos dez anos, me decidi a ter outras namoradas. Mas conhecia poucas meninas. Uma delas era a filha de uma amiga da mamãe que ficava andando atrás de mim sempre que elas se visitavam. Tinha oito anos e era dentucinha. Na visita logo depois da excursão, assim que as mães foram conversar na sala, segurei a mão dela e a levei para o carro da família, que era um fusca estacionado na garagem. Lá nos sentamos – ela no banco do carona –, fechei os vidros, tranquei as portas e fiquei tentando beijá-la. A menina nem gritou, só me empurrou. Ficamos assim durante um tempo, até que mamãe surgiu no vidro da frente do carro, berrando o mais alto que seus pulmões podiam:

– Para com isto, menino! Sai daí!

E como eu me negasse, o que se seguiu foi patético. Tinha que beijá-la, senão, não seria namorada. E ela já me chutando. A mãe dela veio um pouco atrás da minha, sorrindo, achando que a gente tava brincando ou fazendo alguma coisa bonitinha, mas quando me viu impedindo a filha de destravar a porta, foi ficando fora de si. A certa altura, passou a exigir providências urgentes de mamãe. E as

duas mulheres foram ficando tão engraçadas, vistas por detrás daquela tela que era o vidro dianteiro do fusca, que pensei em rir. Um momento, na confusão, quando a menina se inclinou para abrir a porta, dei o que considerei um beijo – uma virada de cabeça violenta no pescoço dela – e o encanto se foi. Já tinha tido meu momento de glória e não poderia ficar ali dentro para sempre.

Mamãe ficou tão furiosa que me deixou um mês de castigo, nem no jardim podia ir. Na semana seguinte, infernizou tanto papai que conseguiu vender o fusca. Aquilo me deu muito medo. Percebia que tinha que ser mais esperto e esconder dela, o quanto pudesse, que estava crescendo e que tinha hormônios. Meu irmão, não, ao contrário, nunca teve dificuldade em manter seus relacionamentos na sombra: a gente tinha certeza de que nem a mãe nem o pai tinham ouvido falar de suas *duas* namoradas antes de Norma. Mas eu! No final do ano em que completei dezesseis anos tinha saído com, pelo menos, dez meninas. As outras mães comentavam, a professora. Numa reunião de pais na escola, após o conselho de classe, alguma mãe mais assanhada falou para os meus pais que eu era “o galã da turma”.

– É só porque você é muito bonito – sorriu mamãe, sem levar o título a sério, afinal tinha certeza de saber todos os nossos passos.

Um dia, tentando fugir da vigilância dela, inventei que precisava fazer o trabalho de grupo na casa de um colega de sala. Logo depois que saí, mamãe entrou no nosso quarto, em busca de alguma coisa. Viu um jornal aberto na página da programação de filmes, em cima da cama. A intuição bateu: tinha ido ao cinema. Rasgou a folha do jornal que continha três possibilidades – para qual cinema iria? –, agarrou a bolsa e saiu. Na porta esbarrou em Marcos, que voltava do curso de inglês e estranhou a correria:

– Aconteceu alguma coisa?

– Vou tirar seu irmão do cinema!

E como a gente tivesse comentado sobre *O Exterminador do Futuro II* a semana inteira, assim que a mãe saiu, Marcos voou para o endereço certo, onde me encontrou com uma garota da escola na última fileira e me tirou de lá.

De noite, na mesa do jantar, mamãe fez o relatório: foi a dois cinemas, comprou dois ingressos, entrou e me procurou de fileira em fileira:

– Tenho certeza de que você estava num deles, e saiu sem que te visse.

Olhei, chamei seu nome, só fui embora porque o público começou a brigar

comigo.

Papai intercedeu. Queria um acordo. Os filhos poderiam ir ao cinema obedecendo as regras: uma vez por semana, de preferências às sextas de tarde – e depois de adiantar o dever de casa de segunda-feira. E era obrigatório avisar onde estávamos. A gente apoiou, mas a mãe não quis ouvir, sentenciou: “Isto não vai funcionar.” E finalizou:

– Vocês não sabem o que é ser mãe. Faço tudo isto por amor.

É claro que a gente não sabia o que é ser mãe – nunca saberíamos.

Eu e Marcos saímos da mesa chocados. Sentia que mamãe me fazia de público, mas agora toda a cidade iria assistir às cenas dela? Ficamos tentando contar quantos garotos e garotas do colégio estavam nas sessões em que ela gritou meu nome. Quantos comentariam. Marcos resumiu logo:

– Mamãe é pior que o Schwarzenegger. Quem sabe não compra e depois vende os cinemas da cidade, como fez com o fusca?

Episódios como estes viraram folclore na família, mas quando aconteceram foram muito ruins para nós. Anos depois, quando fui fechar o consultório, para me aliviar do peso da decisão, resolvi fazer terapia pela primeira vez na vida. O analista me perguntou por que tinha escolhido a homeopatia.

– Acho que quero o processo das coisas, ao contrário da minha mãe. Com ela é sempre tudo radical, intempestivo. Sei que ama a gente, mas, procurando o nosso bem, nossa, destruiu tanta coisa...

4.2.1.

Uma outra medicina

Quando Hahnemann, que também era linguista e tradutor, deixou a medicina tradicional, passou a trabalhar como tradutor de livros científicos e a reorganizar princípios discutidos por aquele que é chamado de “o pai da medicina”.¹⁸ Dois princípios básicos do pensador grego, o da força vital e o da doutrina dos contrários, formariam os pilares básicos da homeopatia. Muito genericamente, força vital é a energia do corpo do paciente que o remédio desperta. Hipócrates fez experimentos e chegou à conclusão de que este despertador, este remédio, não poderia antagonizar-se com a doença. “O

¹⁸ Hipócrates (460 A C – 377 A C), médico grego.

semelhante com o semelhante se trata” foi uma conclusão sua.¹⁹ Outra ideia adotada desta antiga escola de medicina: era preciso estudar o doente, e não a doença. Hahnemann desenvolve isto de forma tenaz e começa a incomodar seus pares dizendo, categoricamente, que a medicina é um conhecimento experimental – que deve ser testada sobre seres humanos, para que estes possam narrar sintomas e sensações. Isto não quer dizer que não exista veterinária homeopática – eficaz, pelo que observei.

A partir destas ideias, Hahnemann começou a diluir substâncias da natureza, ingeri-las e anotar os efeitos em seu corpo saudável. Percebe que, quanto mais se diluem os remédios, a ação dos mesmos é mais eficaz e duradoura – o que até hoje, para muitos cientistas, é uma ideia incoerente. Ele volta a clinicar e sua ação alcança dimensões políticas, chegando a ser diretor de saúde pública de algumas cidades alemãs. Várias de suas descobertas, no entanto, são combatidas. Torna-se um médico itinerante que migra de cidade em cidade, sempre sob ameaças contra ele e sua família. Acaba a vida exilado em Paris.

Mesmo com uma proposta fundamentada em saberes tradicionais, a homeopatia nunca se generalizou como prática médica. É herança de princípios gregos antigos, uma dissidência. Uma vertente que caminhou contra o modo impessoal de atender o paciente e o uso excessivo de tecnologia nos exames, mas que, de modo algum, é contra qualquer outro procedimento. “Em várias áreas, a medicina moderna é imprescindível. Com tantas melhorias e desenvolvimento seria uma ignorância nossa não nos utilizarmos dela quando necessário”, define o filósofo, escritor e homeopata Paulo Rosenbaum. No entanto o contrário não é verdadeiro: ainda hoje, longos artigos de jornais e debates tentam provar a falta de valor da Homeopatia. Ela é indicada como tratamento “associado” pela Organização Mundial de Saúde e só foi reconhecida pelo nosso Conselho Federal de Medicina em 1980.

As anamneses dos homeopata são muito profundas, minuciosas. Em seu livro *A medicina do sujeito – 40 lições de prática homeopática unicista*, Paulo Rosenbaum diz que a medicação homeopática atua na fala humana.

O que define o homem é a fala.(...) Constatamos empiricamente

¹⁹ A ideia de provocar doenças artificiais num corpo sadio para aumentar sua resistência vinha dos experimentos para se criar uma vacina eficaz contra a varíola, desenvolvido por, entre outros, o médico inglês Jenner, no final do século XVIII. Este é, ainda hoje, o princípio da vacina.

que a medicação reedita e transforma a construção frasal e temática de cada sujeito, algumas vezes permitindo o surgimento de um processo criativo que reorienta este sujeito para adquirir o almejado projeto de saúde estável. (Rosenbaum, 2004, p. 45)

Por isso a anamnese é quase sagrada para o homeopata, é onde ele busca os indícios do que se passa com aquela pessoa, sempre levando em conta que não há uma separação entre os efeitos físicos e os psicológicos.²⁰ O historiador italiano Carlo Ginzburg, num ensaio chamado “Sinais: raízes de um paradigma indiciário” (1989), diz que a medicina é uma ciência feita a partir de vestígios, porque não basta catalogar todas as doenças, pois em cada indivíduo ela assume características diferentes: “O corpo vivo era, por definição, inatingível” (1989, p. 166). Ginzburg relaciona o crítico de arte Giovanni Morelli, o escritor Arthur Conan Doyle, e o pai da psicanálise, Freud, para mostrar como os três valorizavam a conjectura e a intuição, trabalhando com pistas que os outros desprezavam, e assim conseguiram ver o que os outros não viam. Morelli analisava detalhes das obras de arte para lhes atribuir a correta autoria; Conan Doyle, através de seu personagem mais famoso, mostrou que é por meio dos pequenos gestos inconscientes dos suspeitos que se chega a alguma pista sobre a identidade do assassino, e Freud tinha um método interpretativo para os resíduos gravados na memória, que os lapsos dos pacientes revelavam.

Não por acaso Conan Doyle e Freud eram médicos. Paulo Rosenbaum une as ideias dos cientistas e escritores acima e considera que a homeopatia é a vertente da medicina que mais se adapta ao paradigma indiciário.

(...) Esse modelo desenvolvido pelo historiador italiano Carlo Ginzburg se ajusta perfeitamente ao nosso trabalho, o trabalho de detetives, vale dizer, a partir de pequenos indícios descobrir os grandes aspectos que estão por trás dos pequenos. O paradigma indiciário bem pode ser um dos critérios da semiologia homeopática: procurarmos o raro, peculiar e característico no detalhe, nos cantos, na

²⁰ “O paciente pode ser levado a achar que está numa espécie de psicoterapeuta, mas não se trata disto. Há outros profissionais para realizar este trabalho. Ainda que não seja psicoterapia é preciso registrar que toda terapia é, em algum grau, psicoterápica. O que o médico homeopata quer fazer é reconhecer uma espécie de 'impressão digital' da personalidade individual” (Rosenbaum, 2015)

periferia. Pois o que nós procuramos, também é a “autoria”: o autor do sintoma, que está por trás da sintomatologia. A palavra “autêntico” vem de “autor”: um sintoma autêntico seria aquele que denota ou aponta para seu autor (...). (Rosenbaum, 2004, p. 116)

Interessante que a palavra anamnese signifique recordação, rememoração, evocação. O bom médico, com calma, “sem induzir ou extorquir”, como enfatiza Rosenbaum (2004, p. 45), tem que encontrar suscetibilidades inscritas na narrativa da memória. “Às vezes o paciente que se diz alérgico a pelo de gato tem crises ao olhar para a foto de um gato” (2004, p. 229), exemplifica. São nossas idiossincrasias, nossas peculiaridades que interessam ao médico homeopata.

4.3.

Se Dona Madalena queria nos ver, saber de nós, conseguia. Diante de qualquer atraso ou história mal contada – situações que ela definia como “de clima traiçoeiro” –, lá ia ela. Foi muito longe por mim – apesar de eu me esconder cada vez melhor. Só não causava mais estragos pelas intervenções do papai e da tia.

Esta gostava de implicar comigo:

– Com minha irmã como mãe, até que você se transformou num cara legal, não é?

Foi no bar dela – que dividia com um sujeito chamado Valter, com quem acabou se casando – que nós tomamos nossos primeiros porres e cultivamos as histórias de amor mais tranquilas. Ela nos acobertava, protegia. Só lá ficávamos até a hora que a gente quisesse, sem sermos patrulhados.

Cinco anos mais nova que a irmã, com quem se parecia apenas por ter o mesmo rosto anguloso e forte, em todo o resto Livia era diferente. Logo que comecei a estudar plantas, minerais e animais, ela me fazia lembrar a *vanilla planifolia*, talvez pelo seu perfume ou pelo cheiro de uma bebida que ela mesma havia inventado, misturando conhaque, chocolate e baunilha, que tomava fria no verão e bem pelando no inverno. Tia Livia tinha um hálito de baunilha, a baunilha que os índios diziam que, uma vez experimentada, nunca seria esquecida. Tinha

optado por não ter filhos, gostava de liberdade, era solar. Não especialmente fã de crianças e jovens, mas com adoração pelos sobrinhos e pelo sobrinho-neto.

Adorava trabalhar e era no dia a dia corrido que se mostrava mais animada. Prática, objetiva, só se estendia na conversa se fosse para rir no final de tudo. Havia se formado em Administração e chegou a ganhar bom dinheiro como gerente geral de uma grande empresa de cosméticos. Se ela pouco falava do seu trabalho, muito menos da vida afetiva. Enquanto estava no ramo de cosméticos, morou com dois dos vários namorados que teve, nada digno de nota. De um deles, nem Madalena soube por que se separou:

– Os motivos são incompreensíveis, indizíveis, impublicáveis – justificava a caçula, cansada das perguntas da irmã.

Isso até que Livia conheceu Valter, dono do bar que frequentava depois do trabalho, o Tebas. Dez anos mais velho, estável, focado, Valter foi o homem que Livia (e também mamãe) achou que mais se aproximava do perfil de um marido, por ele cuidar dela – mas, principalmente, por mandar nela. Este foi o primeiro que conseguiu que ela o respeitasse, mesmo com o estilo de vida e os horários loucos que tinha, por ser dono de um comércio bem-sucedido e sempre lotado. Pena que cinco anos depois que estavam juntos, teve um enfarte e faleceu. E o bar que Valter tanto amava caiu no colo de Livia, pois, apesar de nunca terem sido casados oficialmente, ele o deixou de herança para ela.

Foi uma surpresa. Umas semanas depois do enterro, quando começou a abrir as gavetas do escritório do companheiro, Livia encontrou um testamento. Ela se espantou, mas ele era mesmo organizado, objetivo. E breve. Um testamento de um só parágrafo. E, junto dele, uma carta. Curta também, com um título: “Como Gerenciar o Tebas”.

“Comporte-se, caso um dia eu parta antes de você, e lembre-se de que morri provavelmente dos excessos com a bebida, as preocupações e os descuidos comigo mesmo. Seja esperta: não beba como bebi, não empreste dinheiro como emprestei, não aguarde os frequentadores de que não gosta no bar. Mantenha os estoques como descrevi nas planilhas e contrate um gerente para te ajudar na administração do pessoal, que nisso você sempre foi um coração de manteiga. Caso em seis meses você não consiga equilibrar receita e despesa, venda o meu bar, pois eu o mantive longe de dívidas e queria que ele continuasse assim. Valter.”

A família duvidou. Será que Livia saberia dirigir um bar, controlar a fauna que ali se reunia de terça a domingo? Madalena falou muito, pediu que Dante a aconselhasse. A primeira coisa que Livia fez foi trocar o nome do estabelecimento: batizou-o de Rainhas, e ele passou a ser frequentado pelas dezenas de gerentes da marca de cosméticos que o elegeram a central extraoficial de relacionamentos da empresa. Nos meses seguintes era comum ver ali uma vendedora tomando café da manhã enquanto passava as regras básicas do ofício para as jovens que estavam entrando. Elas também almoçavam, mas o forte era a *happy hour*; a mulherada sempre tinha algo a comemorar.

Atrás de tantas mulheres vieram os homens. Jovens. E, em menos de um ano, Livia havia criado um bar de solteiros. Preocupada com o sucesso ascendente do local, com a ajuda dos sobrinhos, Livia listou os tipos de que conhecia da noite. Ao final, confeccionaram um cartaz, que dizia mais ou menos assim:

“Quando você bebe demais, fica:

Chato(a)-depressivo(a)?

Chato(a)-filosófico(a)?

Carente-falante?

Surdo(a)-mandão(na)?

Machão? Mulher valente?

Romântico(a)?

Tímido(a)-aproveitador(a)?

Seja quem for, pague a conta antes de consumir.”

Os três encheram outros cartazes com dizeres deste tipo, e afixaram perto do caixa. Em seguida, Livia aumentou o número de drinks – o cardápio de sucos era só de criações suas – e reduziu a comida a alguns sanduíches e saladas: “bobagens”. Sua presença e movimentação constantes, bom papo e gargalhada alta é que fizeram a diferença.

Além do “pague a conta antes de consumir”, Livia tinha outra regra: nunca se envolver com os fregueses. Namorava fornecedores, concorrentes, mas nunca a quem servia. Não se sentia sozinha, ao contrário do que a irmã achava. De tempos em tempos Madalena lhe apresentava os homens mais improváveis: amigos de Dante, parentes distantes. Livia nunca recusava estes jantares, só para poder comentar depois com os sobrinhos e rir. E era no meio deles que questionava o fato de a irmã não trabalhar fora de casa.

– Não entendo a vida sem trabalho, agora a vida sem casamento é possível, viu?

A irmã tentava retribuir, pensando qual dos fãs de sua comida que poderia convidar para conhecer Livia – considerava-a tão coitadinha por não ter um homem! Mas para que casar, se a irmã estava sempre reclamando do marido e dos filhos? O que Livia não sabia é que mais recentemente isto não era bem verdade. Madalena estava se reaproximando do marido, sentia-se mais feliz.

Tão feliz que me escreveu a respeito.

Meu MATEUS,

Já estamos em junho. Agosto se aproxima e temos poucas notícias suas. Será que no NATAL conseguiremos a reunião completa da nossa família? No aniversário do seu pai você não foi muito efusivo, porque mandar um e-mail não é o ideal quando se comemora 65 anos. Você não sabe como isto dói para nós.

A falta de notícias mais concretas tuas me dá vontade de pedir que volte para casa, essa situação não pode se eternizar. Uma ou outra mensagem curta de onde está e por onde anda é muito pouco, meu filho.

O que posso dizer daqui de casa? Estamos todos VIVOS. Breno e eu mais que os outros. Embora não possa reclamar do seu pai. Algo mudou. Será que foram os remédios que você deixou? Ele me diz que só toma arnica, e que tudo se deve ao controle da mente, imagine! A memória dele está boa, não se evade mais pela casa (também... como?) e temos dado boas risadas. Não fala mais na caixa d'água – acho que estou livre desta concorrente em minha vida –, não repete mais as mesmas histórias do tempo em que viajava pela empresa. Porque faz muita fisioterapia e fica cansado, tem tido muitos sonhos. Me conta todos. Sonhos alegres, sonhos malucos, sonhos etéreos, fantasias. E eu, que quase não dormia e tinha muitos pesadelos nos dias antes de sair para trabalhar, fiquei mais calma. Quer dizer, acho que fiquei. Os horizontes cá por esses lados depois da escuridão atordoante e alucinante de meses atrás parece que vai clareando. Você sempre me diz que a vida é melhor e mais generosa do que a gente consegue imaginar, Mateus. E de repente eu o escuto.

E você, MEU FILHO? Aquela mocinha que vivia telefonando pra cá foi atrás de você? Aguentou ir para estas lonjuras aí? Olha lá, MATEUS, que estas meninas hoje querem um reprodutor que tenha boa renda – e não um marido.

Lembra da tua ex-cunhada? Vejo mariposas à tua volta.

Por misericórdia, ESCREVE ou TELEFONA.

Tua,

Mãe.

Recebi esta carta um mês depois que ela foi escrita, junto com uma remessa de provisões vinda da capital, Kinshasa. Ri alto quando li o pedido de *ESCREVE*. Estávamos há três dias de viagem da capital, sem internet, nos comunicando por rádio. O acampamento reunia doze pessoas e tinha, como sede, uma barraca de lona com uma mesa de metal que usávamos como laboratório de dia e mesa de refeições, à noite. Ao lado dela, quatro bancos compridos que também tinham dupla função – serviam de assento e maca, caso os voluntários dos remédios testados se sentissem muito fracos. Li a carta deitado num destes. Tinha acabado de anotar os sintomas daquele oitavo dia sob efeito da porção de veneno da coral africana.

1º dia – Comichão no punho esquerdo.

2º – Manchas vermelhas nas bochechas.

3º – Formigamentos generalizados; comichão no couro cabeludo como se piolhos percorressem toda a cabeça; digestão difícil com contrações.

4º – Grande vontade de estudar; grande alegria à tarde; sonho com uma figura negra que voava e toldava o sol.

5º – Dor de contusão como se tivesse sido golpeado por bastão nas espáduas e braços, os quais não consigo tocar; vertigem com impossibilidade de abrir os olhos.

6º – Náusea contínua. Sufocação no peito, das 16 às 18hs.

7º – Sensação constante de ser erguido da terra pelos cabelos.

8º – Noite muito agitada; febril; vesículas sobre os dois joelhos.

Fechei o bloco e a carta da mãe alegre, apesar das dores. Mesmo me sentindo mal, comemorava os resultados da pesquisa divulgada naquela tarde em que vários sintomas de febre, similares ao da malária, tinham sido relatados pelos participantes. Isso mostrava que estávamos no caminho certo. Os estudos iriam se aprofundar, e naquela mesma noite, nós, brasileiros, nos reuniríamos com a equipe de cientistas africanos para decidir o quanto iríamos aumentar da dose do veneno e quando prepará-lo e tomá-lo. Os próximos dias depois da nova dose seriam

difíceis, mas eu não estava com medo.

4.3.1.

Remédio ou veneno? Decente ou indecente?

Desde *Fedro*, diálogo de Platão que fala sobre o *phármakon*, a escrita vem sendo avaliada nesta ambiguidade de benéfica ou maléfica, o que forma um paralelo com a terapia homeopática, que consiste em preparar uma substância natural, dotada de elementos regeneradores e tóxicos, de forma que ela cure e não envenene o paciente. É tudo uma questão de dose. Na história da medicina muitos cientistas demonstraram isto. Depois de Hipócrates, durante a Idade Média, Paracelso²¹ provou que os elementos químicos (zinco, ferro e outros) existiam de maneira orgânica dentro dos seres humanos. Descobriu a cura da sífilis ministrando doses de mercúrio, e chegando à conclusão que “todas as substâncias são venenos. Não existe nada que não seja veneno. Somente a dose correta diferencia o veneno do remédio” (Rosenbaum, 2015). O Dr. Paulo Rosenbaum comenta em *O outro código da Medicina* que “diariamente verificamos esta afirmação de Paracelso na clínica” (2015).

Neste binômio doença/saúde a homeopatia se utiliza da lei dos semelhantes em que uma doença pode ser curada pela substância capaz de reproduzir os mesmos sintomas desta doença. Ora, em *A farmácia de Platão*, onde o filósofo Jacques Derrida estuda o *Fedro*, o deus da escritura é também o deus da medicina. E, da mesma maneira como *phármakon* é um termo que pode ser traduzido tanto por remédio quanto por veneno, a escrita não é sempre benéfica, segundo o deus egípcio supremo, Tamuz:

[...] E disposta de tal modo que o *phármakon*, ou, se assim se preferir, a escritura, só possa aí girar em círculos: é em aparência que a escritura é benéfica para a memória (...) Mas, na verdade, a escritura é essencialmente nociva, exterior à memória, produtora não de ciência, mas de opinião, não de verdade, mas de

²¹ Paracelso (1493-1541): médico, alquimista, físico e bioquímico que revolucionou a história da Medicina provando que o corpo humano tinha metais dentro de si. Foi o primeiro a desenvolver um remédio com algo que não fosse vegetal nem mineral.

aparência. (Derrida, 2005, p. 50)

A escrita pode não favorecer o exercício da memória e, uma vez postos no papel, é possível interpretar os fatos de inúmeras maneiras por quem lê aquele texto... O autor do que está escrito não pode controlar sua recepção. Derrida chega a se perguntar em seu livro: escrever é decente ou indecente?

Assim como na Antiguidade, praticantes de filosofia com orientações diferentes posicionavam-se, cada um a sua maneira, na avaliação da utilidade da escrita para a construção do conhecimento, também a medicina debate o valor curativo das drogas, contrapondo métodos e terapias. Derrida diz que Platão suspeita do *phármakon* mesmo quando se trata de drogas utilizadas com fins exclusivamente terapêuticos, mesmo se eles são manejados com boas intenções, e mesmo se elas são eficazes como tais.

Não há remédio inofensivo. O *phármakon* não pode jamais ser simplesmente benéfico. (...) Depois, mais profundamente, para além da dor, o remédio farmacêutico é essencialmente nocivo porque artificial. Nisso Platão segue a tradição grega e mais precisamente aos médicos de Cos.²² O *phármakon* contraria a vida natural: não apenas a vida quando nenhum mal a afeta, mas mesmo a vida doente, ou antes a vida da doença. Pois Platão acredita na vida natural e no desenvolvimento normal, se assim se pode dizer, da doença. No *Timeu*,²³ a doença natural é comparada, como o *logos* no *Fedro*, a um organismo vivo que é preciso deixar se desenvolver segundo suas normas e suas formas próprias, seus ritmos e articulações específicas. Desviando o curso normal e natural da doença, o *phármakon* é, portanto, o inimigo do vivo em geral, seja ele são ou doente (...). (Derrida, 2005, p. 47)

²² Referência a Hipócrates de Cós, o pai da medicina, mas, mais genericamente, a todo o pensamento médico a partir de suas descobertas. Os médicos de Cos são os que romperam com o pensamento mágico e xamânico que atribuíam as doenças ao poder dos deuses ou das forças ocultas.

²³ *Timeu* é outro diálogo (monólogo, na verdade) de Platão, escrito por volta de 360 a. C.

Tanto nos usos que se possa fazer da escrita como ao ministrar um remédio, nos deparamos com questões ambíguas. Como Derrida analisa no texto do *Timeu*, Platão questionava até se deveria haver interferência num processo de doença. E como definir o que é doença e o que é saúde? Mais uma vez é o impreciso e difuso que nos interessa, seja na escrita ou nos estados do corpo. Da mesma forma, numa família, entre relações de ódio e amor, seus membros se constroem e destroem o tempo todo: tudo depende dos envolvidos, do quando, onde, como e para quem os gestos e palavras são endereçados.

4.4.

No começo, saído do conforto do consultório, via a busca por substâncias naturais de forma fantasiosa. Mas já na primeira excursão pelo interior do estado de Santa Catarina, entendi que nós estávamos procurando agulha em um palheiro. Pesquisávamos muito antes da viagem, e as coisas eram sempre diferentes no local. Um mês antes de ir até o interior da Ilha de São Francisco, a maior de Santa Catarina, por exemplo, tinha conversado com um biólogo da região que tinha visto e fotografado o mulateiro-da-várzea. Quando chegamos no local indicado ele não existia mais. Ecossistemas dizimados em velocidade ímpar nos colocavam num videogame: as possibilidades se abriam e fechavam em segundos.

Mas ali, naquele pequenino cantinho da floresta de Virunga,²⁴ as coisas estavam melhores. Mal podia esperar para ouvir dos africanos os sintomas que eles e seus pacientes vinham experimentando. Um deles já tinha me adiantado que o que iriam contar não era apenas o que havia se passado no corpo, mas também coisas com que tinham sonhado enquanto sob efeito da substância.

– Nenhum homem pode deixar de escutar o que o sonho diz – falou este companheiro que tinha se juntado a nós em Kinshasa.

“Isto foi dito por Hahnemann desde o começo”, pensei. “Que o sonho tem que ser considerado como um sintoma.” Mas os africanos iam além:

²⁴ Dizer que na floresta de Virunga, República Democrática do Congo, país pobre e superexplorado, talvez as condições de pesquisa sejam melhores que no Brasil é pura ficção. Em 2007, nesta floresta, santuário dos últimos gorilas, dez deles foram massacrados pelos madeireiros locais. No entanto encontrei numa *Marie Claire* francesa (edição de 7 fev. 2015) a reportagem “Aux armes pour leur forêt e leurs gorilles”, que falava de um grupo de mulheres jovens que se voluntariaram para serem guardas florestais, protegendo a floresta de Virunga e os gorilas. Disponível em: <www.pressreader.com/france/marie-claire>. Acessado em: 7 nov. 2016.

– Se sonho com perigo, não vou muito longe de casa no dia seguinte. O homem urbano se esqueceu disso e a dimensão que tem das coisas é frágil e rasa. A gente corre riscos não escutando o que a noite traz. A substância que experimentamos fala conosco o tempo todo.

Esta era uma perspectiva nova – inédita. O sonho nortando as ações diárias, o que significava um avanço na noção do sonho apenas como sintoma. Para os pesquisadores africanos, a ideia do inconsciente transformado pela tintura-mãe do veneno da coral gênero *microrus* tinha que ser o guia central da vida do paciente. Fazia todo sentido. E, naquele processo, eles invocavam as cobras o tempo todo. Encontrá-las e extrair o veneno, para eles era apenas um detalhe. Acordavam e ficavam, com uma vareta de madeira na terra, desenhando-as por todos os lugares onde passavam: na porta das cabanas, nos caminhos até o rio. De noite nos contavam histórias que quase sempre incluíam uma cobra, um encontro com elas. Eu saía destes relatos com a impressão de que as conhecia. Não o gênero cobra ou uma cobra qualquer, mas aquela do relato, sua personalidade, suas ações. A cada noite uma delas era personagem.

No dia em que vi um deles riscando o traçado ondulado da cobra coral no chão fiquei emocionado. Pareciam meus desenhos de criança, minhas minhocas, deu vontade de vê-los mais uma vez. Desde que havia começado aquela pesquisa, não parava de sonhar com minhas torturas infantis naqueles anelídeos e com cobras mesmo. O sonho mais recente era com aquele símbolo da Medicina numa parede, o animal enrolado numa taça de vinho. Olho para ela e ela desce dali, fala comigo dizendo que irá visitar os mortos e depois cuidar dos doentes. E só depois ir ao encontro dos vivos e dos sãos. Curioso, porque uma cobra nunca cuida de suas crias nem do parceiro, com uma única rara exceção: a píton, a enorme serpente que choca seus ovos.

4.4.1.

O conhecimento pelos sonhos

O filme *O abraço da serpente*, do colombiano Ciro Guerra, exibido nos cinemas cariocas em 2015, é uma obra instigante cujos ensinamentos parecem não terminar nunca. Nele o também roteirista Ciro Guerra mistura os diários de dois exploradores: o do alemão Theodor Koch Grunberg, que esteve na Amazônia no

final do século XIX, e o do americano Richard Evan Schultes, que foi para o mesmo lugar quarenta anos depois. O ponto de contato entre eles é o xamã Karamakate. Nestas duas épocas ele é o guia dos pesquisadores por uma imutável floresta retratada em preto e branco. O primeiro explorador busca uma planta que possa livrá-lo de sua doença. Já o personagem baseado no americano persegue um vegetal que o fará sonhar, já que ele nunca sonha.

Quase nada conheço sobre a realidade dos povos indígenas brasileiros, mas tive três experiências inesquecíveis – em três momentos e locais diferentes – trabalhando em aldeias txucarramãe no Xingu e, depois, com os índios ashaninka do Acre. As viagens que envolvem o personagem Mateus têm um pouco desta aprendizagem pessoal, em que desconforto, medo, curiosidade e admiração se misturaram. Da primeira vez, 1984, fui para o Parque Nacional do Xingu, Mato Grosso. Acreditava que a missão era jornalística. Mas quando o avião pousou numa clareira no meio da mata, as lideranças (da Funai e indígenas) avisaram aos jornalistas que eles estavam ali “por sua conta e risco” se quisessem observar a guerra que durou 45 dias e definiu as fronteiras do Parque. Durante uma semana testemunhei a briga numa experiência mística e espiritual seminal. Não só por aquilo que vi e ouvi, mas porque, junto com outros colegas, arrisquei a própria pele. Este risco só foi ficando claro para mim conforme fomos voltando para o Rio de Janeiro. Foi no primeiro avião da volta, um *teco-teco*, no fundo do qual me mandaram sentar e ficar abraçada aos equipamentos da equipe de TV que pegava carona com a gente, que pensei: e se este avião cai e morro aqui no meio da floresta?

Este foi um dos motivos pelos quais *O abraço da serpente* provocou tantas memórias e empatia: queria ter tido a sorte de encontrar um xamã com o conhecimento de Karamakate nas minhas duas primeiras viagens ao Xingu. Já em 2005, quando vivi minha terceira experiência numa tribo indígena, vivi o oposto. Os guias índios não nos largavam. Acampávamos na beira dos rios e dormíamos sob a vigilância deles, que ficavam em pé do lado de fora da barraca. Minhas preocupações foram, então, bem diferentes. Nada de onças ou plantas venenosas em que pudesse colocar as mãos ou comidas que me fariam mal. Estava sendo orientada sobre tudo, embora alguns dos conselhos fossem impossíveis de seguir, como não sair da barraca à noite para fazer xixi, coisa que fazia com mais medo dos carapanãs (pernilongos regionais, muito nocivos) do que das onças. Muitas

vezes ouvia estes grandes gatos ao longe ou via suas pegadas enquanto caminhava indo e vindo do banheiro ao ar livre, lanterna na mão.

Outro dos meus medos era de que não conseguisse acompanhar o ritmo dos índios. Fomos convidados para uma festa, por exemplo. Após meia hora de canoa no rio, à noite, sem lanterna para desviar dos imensos troncos de árvore que a água traz, chegamos a uma clareira, onde todos bebiam caçuma. A bebida, que tínhamos sido aconselhados a não recusar, tem teor alcoólico leve, pois é feita à base da mandioca e fermentada com a saliva das índias. Para minha surpresa, em pouco tempo ela deixou os índios ligeiramente bêbados, enquanto nossa equipe não sentia nada. Nas horas seguintes – os índios demoraram quatro horas apenas afinando os tambores – pensei: “Em pouco tempo eles estarão dormindo e voltaremos para nossas redes.” Doce ilusão. Às sete horas da manhã seguinte já tinha dormido e acordado várias vezes no meio da festa, enquanto eles festejavam com a mesma energia. Acordava com as risadas deles, que achavam graça no meu cansaço. Pois a festa durou ainda dois outros dias inteiros.

O grande impacto neste contato é que, nas tribos, tudo é decidido coletivamente e pensa-se sempre no grupo, enquanto os brancos estão focados no próprio umbigo. Desta vez prestamos atenção em não levar comidas da cidade ou impor nossos hábitos. Da primeira – outra tribo, outra época – éramos um grupo de repórteres, fotógrafos e cinegrafistas cheios de bagagem. Todos trazendo a própria comida que, tínhamos prometido à Funai, não daríamos aos índios. Eles, por gestos, pediram para mexer nas mochilas; troquei meu tênis por um colar; sacudiram as latas de leite condensado sem entender como elas abriam. Quando o intérprete chegou perguntei o que eles tinham achado da gente. A resposta foi: “Muito barulhentos e cheios de coisas.” Quiseram saber quantos meses iríamos ficar e eu perguntei o porquê. “Pela quantidade de comida”, o intérprete riu. Senti que ficaram afrontados com nossos hábitos. Nós éramos os hóspedes deles, que comiam um terço do que ingeríamos. Soubemos depois que uma lata de leite condensado furtada e aberta provocou confusão. Nunca esqueci disto. Uma lata – que demorou horas para ser aberta – como símbolo dos excessos (de açúcar, inclusive) por parte dos brancos.

O xamã Karamakate atende, na história bolada por Ciro Guerra, a dois brancos também muito preocupados consigo mesmos. O explorador americano parece até mais doente que o primeiro discípulo do xamã. Ele precisa encontrar a

planta que o fará sonhar para sua pesquisa botânica, mas sente-se mais angustiado pela expectativa de não poder ingeri-la para recuperar a capacidade de sonhar. Como esclareceu o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro num debate sobre o filme:

Outro ponto importante foi a escolha da narrativa do filme em adaptar a diferença epistemológica entre o Conhecimento pelos fatos e o Conhecimento pelos sonhos, ao abordar as diferenças da cultura dos ‘brancos’ e dos indígenas, respectivamente. A percepção ameríndia não se dá a partir da visão do humano para fora, mas sim de fora para dentro, pelas plantas, árvores e montanhas em total harmonia com a natureza, em oposição ao conhecimento classificatório e taxonômico do Ocidente. (Pitanga, 2016)

“Os brancos dormem muito, mas só sonham consigo mesmos”, disse Davi Kopenawa, o xamã e líder dos yanomami no livro que divide com Bruce Albert, conforme citado por Viveiros de Castro.²⁵ Kopenawa considera que “Os brancos só nos tratam como ignorantes porque somos gente diferente deles. Mas seu pensamento é curto e obscuro; não consegue ir além e se elevar, porque eles querem ignorar a morte”. O apego dos brancos aos seus bens materiais teria tomado conta de tudo: “(...) As coisas ocupam o pensamento deles por muito tempo (...) e depois ainda sonham com seu carro, sua casa, seu dinheiro e todos os seus outros bens – os que já possuem e os que desejam ainda possuir. (...) Os brancos não sonham longe como nós. Eles dormem muito, mas só sonham consigo mesmos (...).”

4.5.

Estranhamente estávamos encontrando na floresta de Virunga uma maior quantidade de répteis que no Brasil. A atual excursão, também, era mais bem montada: os auxiliares locais conheciam tudo sobre cada planta, animal ou pedra

²⁵ Os trechos de *A queda do céu*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert (São Paulo, Cia. das Letras, 2015), aqui transcritos, foram citados em *Há um mundo por vir? – ensaio sobre os medos e os fins*, de Viveiros de Castro e Danowski.

que apontávamos. Foi uma surpresa, porque sabíamos de um histórico de devastação e desrespeito nas florestas da RDC, que já tinha passado por doze guerras, todas envolvendo a cobiça em torno de suas maravilhosas riquezas naturais, como metais e minerais. Mas ali, naquele microcosmo onde estávamos, próximo ao monte Nyiragongo, alguém da nossa produção tinha conseguido nos colocar no meio da mais espantosa resistência: as guardas de Virunga. Quase cem guardas florestais femininas que, desde 2012, tomavam conta do local, armadas até os dentes. Vinte delas trabalhavam no entorno do nosso acampamento, garantindo nossa segurança e evitando os caçadores. Era um ambiente inusitado e fantástico. O entusiasmo da nossa equipe era tanto que já tinha decidido em votação diminuir os custos diários para tentar permanecer mais um mês pesquisando. E, na volta, quem sabe, além da cura da malária urbana, não teríamos encontrado outros remédios?

A expedição ia tão bem que estava tendo um caso com outra colega. As mulheres eram poucas nos grupos de pesquisa e, como em muitos outros trabalhos de maioria masculina, mais capacitadas do que qualquer homem. A primeira que tinha namorado, na Itália, e aquela que estava comigo ali estavam neste caso: 30 e poucos anos e já concluindo o doutorado. Só que eu e a colega da Itália havíamos terminado após voltarmos da Ilha de Malta. Esta outra, que havia conhecido em terra, assim que a equipe se formara, parecia ser diferente. Eu a chamava de “minha moreninha”.

– Meu chefe mandou perguntar se sua febre passou – interrompeu, trazendo um copo de água.

– Perto da hora do almoço já tinha passado – falei e agradei.

– Assim que anoitecer ele quer todo mundo aqui. Antes do jantar vamos separar a dose que vocês vão tomar depois de comer um pouco.

– Pode deixar então que arrumo isto – disse, dobrando a carta e a colocando dentro do bloco. Rearranjei os bancos no formato refeitório. Dei uma olhada enquanto ela se afastava.

– Isso, deixa a nossa casinha bem bonita – disse ela, me jogando um beijo com a mão enquanto ia saindo.

Sorri, mas assim que se afastou pensei que terminaria com aquilo antes da volta ao Brasil. Uma pena, pois minha moreninha tinha sido perfeita até ali. Agora eram metáforas demais sobre a vida doméstica, entre outros indícios de que o

relógio biológico tinha começado a bater mais forte. Era ótima moça, que se casasse – mas não comigo. Pensava em mim como um sujeito doce, compreensivo, desde que as namoradas respeitassem o combinado.

O combinado era que a gente transasse quantas vezes quisesse na fase de trabalho em terra, em meio ao dia a dia do laboratório. Depois, em campo, jejum quase total para os nossos sentidos, porque tínhamos que estar afiadíssimos para os outros – pessoas e ambiente. E este foi um bom arranjo. Que funcionou com a minha moreninha até ali, porque intuí que ela conseguiria se dividir entre estes momentos tão diferentes. O último “período de engorda” – como eu chamava a época em que comia mais e melhores refeições, fazia muito sexo e alimentava minha pesquisa com os dados recolhidos no campo – antes de irmos para a RDC tinha sido perfeito.

Entrava em casa e, às vezes, ela já estava lá, providenciando algum jantar. Tinha lhe dado uma cópia da chave do apartamento, coisa que não me lembro de ter feito com nenhuma outra mulher. Ela me passava confiança e gostava de entrar e sentir o cheiro da casa transformado. No ar condicionado fortíssimo do laboratório não conseguia perceber, mas, em casa, o perfume dela me enchia as narinas. Um cheiro de banho recém tomado, de cabelo ainda úmido exalando xampú. Tudo ficava melhor ainda quando os aromas dela se misturavam aos do refogado. Aspirava ela e ainda azeite, alho e cebola, até a hora de irmos dormir.

Não saberia dizer o que me fez confiar mais na moreninha do que nas outras. Acho que foi sua naturalidade. Isso e ela não justificar nada. Era espontânea. Depois do primeiro dia em que lhe apresentei meu apartamento sem graça, foi enchendo o ambiente com seu cheiro e tudo o mais. Lembro que lhe ofereci um suco e ela pediu conhaque. Em uma semana já andava pela casa pelada, numa alegria de girassol, e, se não fosse o despertador tocando todas as manhãs ainda mais cedo – para que ela passasse em casa a fim de se arrumar para o trabalho –, teria abdicado de tudo e virado um hippie, porque o sexo estava bom demais. Quanto mais a gente trepava, mais queríamos trepar e, no trabalho, passei a evitar os corredores por onde ela passava, porque, se dividíssemos qualquer espaço juntos, a tentação era insuportável.

Com a colega da minha excursão para a Ilha de Malta tinha sido diferente. Ela era mais fria, distante. E tinha motivos: casada. Dormimos juntos umas seis vezes, apenas porque nos demoramos mais do que previmos ali em campo e a

solidão estava dura demais com todo mundo.

As tentações, para a minha moreninha, tinham começado a bater ali, na umidade da floresta africana, na solidão de dormir vestida dentro de um saco de dormir em uma barraca longe da minha. E foi por isso, penso, que ela começou a falar demais. Uma mulher como ela tem que gastar energia: quando estávamos em terra, era o corpo se manifestando. Sorria o tempo todo porque aquele era o período dos prazeres e nós nos dávamos tão bem na cama que cheguei a pensar que aquilo poderia ser amor. Mas agora estava claro o engano. Seria perigoso se ela continuasse falando daquele jeito, demonstrando desequilíbrio. Decidi que teria uma DR logo no dia seguinte para terminar com aquilo. Mulheres facilmente se transformavam: num abraço fatal vão se enroscando, sufocando, engolindo os homens, digerindo-os e dormindo por anos e anos em cima de falsas glórias e desculpas para aquela anulação do parceiro: “ele precisava de mim” ou “só não deu certo porque ele não suportou ser feliz” ou “eu o modifiquei”. Mas não comigo. Meu interesse pelas mulheres era proporcional às minhas precauções com elas, muito intensas.

A primeira colega com quem tive intimidade, a casada, foi uma iniciação. Um pretexto para mudarmos as leis daqueles acampamentos. Foi quando já estávamos há seis meses no Arquipélago de Malta e faltava mais meio ano para voltarmos à civilização. Até aquela excursão da Itália, até onde tinha entendido, os outros homens se dedicavam aos estudos – a maioria era casada – ou iam para as cidades próximas procurar companhia. Mas ninguém falava sobre sexo. Por isso, pensei muito antes de tomar a iniciativa. Combinei com ela:

– O trabalho é a prioridade máxima. Podemos dormir na mesma barraca, mas nos quinze dias seguintes à ingestão da matriz animal ou vegetal ou o que quer que seja o foco da pesquisa, nem pensar em sexo. Pode até deitar ao meu lado para anotar alguma coisa que possa dizer enquanto durmo. É legal que alguém veja do que estou passando mal, principalmente se passar muito mal. Na frente dos outros não tem beijinho, mãos dadas, nem um gesto. Atenção o tempo todo, porque ninguém tem nada a ver com o nosso relacionamento.

Mas poucos meses de convivência depois na Ilha de Gozo, um mundo paralelo já estava cristalizado. Era um universo diferente do que eu tinha experimentado na primeira excursão a Santa Catarina, mas também excluía tudo em volta. Por mais objetividade que procurássemos dar aos relacionamentos,

éramos irmãos, pais, mães, amigos unidos e distantes do mundo. Não importava que fôssemos excursionistas modernos e que tivéssemos um acampamento bem equipado (ou razoável, dependendo das verbas). Naquele havia canivetes suíços com *pen drives*, garrafas purificadoras de água, chuveiros portáteis alimentados a energia solar e até mesmo um caiaque que podia ser dobrado até ficar do tamanho de uma sacola, entre outras maravilhas. Estávamos no meio do mato, falando em termos científicos a maior parte do tempo e frequentemente nos sentindo doentes ou estranhos. As tarefas de cozinhar, lavar, arrumar e cuidar dos doentes eram feitas em sistema de revezamento. Por isso, nos momentos de folga, principalmente às noites, nos reuníamos para falar besteira e esquecer a dureza e os fracassos dos dias em que andávamos, andávamos e não encontrávamos a matriz procurada. Nestas ocasiões era difícil quem, mesmo treinado para superar as dificuldades da mente (que sempre desiste antes do corpo), não pensasse em voltar. Foi num entardecer assim, desanimado, em que todos estavam com saudades de casa, que, para se distrair de um dia inútil, um colega falou:

– Pois é, estamos na Ilha de Gozo, e *nóis* nem...

Foi a dica para uma conversa sobre o isolamento em que vivíamos. Perguntei como se sentiam. Vários reclamaram, apesar de saber que nosso trabalho era uma contínua despedida das coisas, do conforto, das roupas, da boa comida, da família, dos amores. Então confessei que não tinha suportado e tinha feito um “acordo com benefícios” com a mais jovem das três mulheres da turma. Infelizmente, casada. O grupo não se mostrou tão espantado quanto pensava, e nosso superior lembrou médicos e cientistas que haviam se casado após excursões assim. Fiz questão de lhe explicar que o acordo seria desfeito caso começasse a atrapalhar o trabalho. Mas ela era madura. Nos separamos na volta, no aeroporto da Ilha de Malta. E assim, sem que a gente dissesse isso claramente, uma nova ordem interna havia sido fundada, naquela sociedade que procurava sempre se unir para sobreviver.

Uma ordem longe de ser perfeita, já que a minha moreninha, a moça a quem mamãe se referia na carta, não suportou nem a proximidade da viagem e, já nos preparativos, queria porque queria saber se realmente não poderíamos dormir juntos durante a viagem à RDC. E agora, lá estava ela, olhando para mim com cara de esposa satisfeita enquanto eu preparava uma dose maior da tintura-mãe extraída do veneno da mesma cobra (mas mais diluída e dinamizada que a

anterior).

Estava enlevado pelo relato dos africanos, que tinha sido mais extraordinário do que os brasileiros esperavam, pela percepção com o próprio motivo de estarmos ali. Um deles abriu os trabalhos pedindo respeito aos mistérios da floresta tropical congolense que, dizia, se parecia com a brasileira:

– Tem muita coisa nela que não sabemos e nunca saberemos, o intelecto humano diante da natureza é mesmo limitado. Nossas tentativas apenas tocam o potencial da floresta que, como a de vocês, será extinta antes que a gente a conheça. Com estes remédios estamos tentando a saúde de uma humanidade muito, muito doente, que, com a justificativa de sobrevivência, aniquila o diferente, seja planta, pedra, animal ou outro ser humano.

4.5.1.

Trator & pneumonia²⁶

Depois daquela primeira experiência em uma aldeia indígena, vários véus caíram. Então, a empresa em que trabalhava nos enviou sem dizer os riscos que corríamos? Não teriam que cuidar da nossa proteção? Os contrastes entre a autenticidade da luta indígena e as mentiras dos meus patrões, temperados pela minha extrema juventude, me perturbaram a ponto de não conseguir escrever a matéria sobre o Xingu. O chefe de reportagem veio falar comigo como se eu fosse uma criança. Afirmou que, se conseguisse resumir todas as mensagens que precisava passar ao mundo dos leitores naquele dia, me mandaria cobrir a festa da vitória indígena. Foi o que fiz – e ele cumpriu a promessa. Passamos só dois dias nesta festa, num amontoado confuso de jornalistas e autoridades, que agora se sentiam seguros de estar ali. Foi um tempo de promessas e discursos por parte dos brancos; choro, canto e dança do lado dos índios. Lembro de pensar, vendo os índios comemorarem os novos limites do Parque Nacional do Xingu, que poderia viver ali. E nunca mais voltar.

Estes passos de um contato mais direto na cultura e realidade brasileiras funcionaram, na época, como uma espécie de lavagem cerebral. Idealmente índios

²⁶ “O branco não pode só trazer trator, pneumonia, meningite e morte. O branco tem que nos respeitar” é a fala completa de Raoni, líder txucarramãe na posse do sobrinho Megaron como chefe da Aldeia Nacional do Xingú. Trecho da matéria “Emoção no Xingú – os índios conquistam a paz” (*Manchete*, 1984), texto de Maria Silvia Camargo.

eram bons e brancos maus. Como diletante fui me engajando em questões ecológicas, sempre que podia, sugerindo temas afins para entrevistas. Mas os problemas nacionais e locais de preservação iam acontecendo em velocidade ímpar. O primeiro discurso atento a esta urgência ouvi em 1992, ano da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento. Entrevistava o historiador e ativista ambiental José Augusto Pádua.²⁷ Neste nosso primeiro encontro perguntei a ele sobre desenvolvimento sustentável e o ouvi dizer que aquilo era “uma maravilha”, mas que deveríamos ter tido aquela conversa “há 200 anos”. Diante do meu espanto ele concluiu que “naquele tempo estávamos próximos de um bilhão de pessoas no planeta e possuíamos o dobro das florestas que temos hoje. Agora já está tarde demais”.

Especialista em História da Ecologia e referência nas discussões sobre sustentabilidade no que há de mais moderno na Europa (Wuppertal Institute for Climate, Environment and Energy, Alemanha), Pádua me disse a frase acima há vinte e cinco anos. Isso não quer dizer que estivesse desanimado e que a luta lhe parecesse não valer a pena. Mas falar do tema da preservação nos faz ter a sensação de que falamos de mundos que já morreram, para cujo enterro estamos chegando atrasados. Os autores Eduardo Viveiros de Castro e Déborah Danowski refletem o mesmo sentimento no livro *Há mundo por vir? – ensaio sobre os medos e os fins*:

Foi-nos revelado que as coisas estão mudando, mudando rapidamente, e não para o bem da vida humana ‘tal como a conhecemos’. (...) a instabilidade afeta o tempo, as quantidades, as qualidades, as próprias medidas e escalas em geral e corrói também o espaço. (Danowski; Viveiros de Castro, 2014, p. 25-35)

Por isto que, no romance, a trajetória atribuída a Mateus é ir para um santuário do tamanho de uma cabeça de alfinete, na África. Um reduto, preservado em meio a várias ameaças: a floresta de Virunga, na República

²⁷ José Augusto Pádua, historiador e sociólogo, criou a cadeira de História Ambiental Brasileira. Professor da UFRJ, consultor do Museu do Amanhã, participou de trabalhos de campo em mais de 40 países. Dá palestras sobre “história territorial e regional” e “história das ideias sobre a natureza” no mundo inteiro. Autor de *O que é ecologia?* (Editora Brasiliense, 2014) e *Um sopro de destruição – Pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista* (Editora Jorge Zahar, 2002) onde conta a luta do primeiro ecologista brasileiro, José Bonifácio, contra a monocultura.

Democrática do Congo. Ali se localiza o santuário dos últimos gorilas que só estão vivos por caprichos da geografia, pois ficam nos recantos mais inacessíveis da floresta, todos fotografados por Sebastião Salgado e publicados no livro *África*. Em volta deles, tudo é tristeza: o país é pobre e vive em guerra civil desde 2007 e estas terras, férteis em riquezas naturais, vêm sendo dizimadas até por grupos jihadistas – mais de 150 guardas florestais já tombaram protegendo os gorilas.

Já tinha decidido que o personagem Mateus viajaria para lá quando descobri que, num misto de sonho e realidade, lá funciona, desde 2012, uma milícia de trinta mulheres jovens voluntárias que treinaram combate com homens e aprenderam a manejar armas. Elas formam uma guarda atenta em proteger os duzentos gorilas sobreviventes.

A escolha da floresta da República Democrática do Congo para minha viagem ficcional me pareceu mais acertada ainda ao ver a exposição de fotos de Sebastião Salgado, *África*. O livro que resultou da mostra diz que a floresta fica na área dos Grandes Lagos, e “em nenhuma região do mundo há tanto lugar para o pessimismo (...), matanças e caos” (2007, p. 15), como o fotógrafo escreve no prefácio. Mas alguns trechos quase inacessíveis da floresta fazem o contraste. Ali permanecem redutos de mata densa cobrindo o monte Nyamuragira e seu vulcão (ativo até 2004) e os vulcões Bisoke e Gahinga. Estes, envoltos por árvores, são habitados pelos gorilas gigantes. São paisagens inacreditáveis, fotografadas em preto e branco por Salgado, e sugerem um mundo intocado pelo homem, o que não é verdade.

Ao ler sobre a luta de gerações de congoleses pela preservação daquela área e o micro sucesso deste grupo de voluntárias, pode-se fazer um paralelo destes africanos com índios ou aborígenes, povos que resistem num mundo “que nem sequer é mais o seu”, como dizem Viveiros de Castro e Danowski (2014). Na íntegra: “Dizíamos há pouco que temos muito que aprender com esses povos menores, que resistem em um mundo empobrecido, que nem sequer é mais o seu” (2014, p. 156).

4.6.

Apesar da gravidade das discussões que se seguiram, ao final delas, um clima de alegria e gratidão imperava. Nossas vinte jovens seguranças, apesar de

nunca largarem suas armas e estarem sempre patrulhando em sistema de revezamento, também não nos deixavam. Estavam sempre sorrindo muito e eram lindas, o que fazia tudo parecer ainda mais onírico.

Ingeri a dose que havia preparado reparando em duas delas, a poucos metros de mim e evitando o olhar da moreninha que, procurando o meu, tentava reduzir tudo a um momento íntimo, no melhor estilo “meu homem, meu herói”.

Tentei manter o foco. Difícil. Estava apaixonado. Queria ficar ali. E se me voluntariasse no grupo dos africanos e nunca mais voltasse ao Brasil? Eu finalmente aprenderia a sentir, a perceber a rede humana que eles formavam, que era diferente da nossa. A violência no ambiente da floresta deles era tão radical e cotidiana, que, na sua experiência ancestral com aquilo, respeitavam este poder e interagiam com ele de maneira diferente.

Ainda não compreendia muita coisa e nem queria – contemplar me bastava. Mas o olhar da moreninha tirava minha concentração. Tive raiva. Ao me levantar e sair para a barraca, andei alguns passos adiante dela. Queria deixar clara minha reprovação. Era a hora de trabalhar, mesmo que dormindo. Deitei enquanto ela escovava os dentes do lado de fora, pensando que talvez não conseguisse conciliar o sono, mas aquela excursão estava sendo mesmo atípica. Embora estivesse em grande forma física, as caminhadas diárias eram mais exaustivas e, antes que pudesse temer a insônia novamente, adormeci.

Passei a mão no braço que segurava o travesseiro, ele era um galho grande e forte. Dos dedos saíam folhas tenras como penas. Fiquei um tempo alisando aqueles veludos com a outra mão, até que ela foi ficando endurecida e nodosa também. As folhinhas eram de um verde claro tão recente que algumas ainda nem tinham se desenrolado totalmente. O saco de dormir foi sendo rasgado lentamente pelos galhos. Minhas pernas eram um tronco e delas saíam ramos, que cresciam e iam furando o tecido da barraca. Quando consegui ficar em pé, meus dedos se alongaram, entrando na terra.

De repente a barraca já não existia, e, quando vi, meus colegas – alguns deitados, outros em pé – todos eram troncos e galhos e nós e caules e fibras e seiva. A escova de dentes dela caída no chão. Quis andar até onde estavam, dizer “nós somos árvores”, mas não conseguia, os dedos-raízes enterrando cada vez mais profundamente. Balancei os galhos tentando me mover, cheguei a revolver terra e retirar um pedaço de raiz, mas ficava cada vez mais preso. Estiquei

ramos, mas não o suficiente para tocar os das árvores-colegas, até que aquilo foi me dando uma aflição tão grande que fiz um esforço para gritar. Nada. Amoleci e diminuí. Uma vez, menor e mais flácido. Outra vez, menor ainda, a ponto de cair no chão. Caído, senti meu tronco magro de encontro ao chão frio. Coração disparado, mexi e mexi muito rápido, fazia um barulhinho enquanto movia, espirrando terra para todos os lados. Abri a boca e dela saiu uma língua bifurcada. Era uma cobra! Agora mais ágil do que todas as árvores-colegas, que me olhavam. Mudava de lugar com facilidade e isto me dava imensa alegria. Shshshs e ia para lá, Shshshsh, mais longe. Cheguei perto de meus amigos-árvores; subi e desci pela base da namorada inúmeras vezes, as raízes dela tão longas quanto as minhas. Senti que tinha prazer nisto, ela sacudiu os galhos mais finos, quando uma chuva de folhas caiu por cima da minha pele cheia de escamas.

Fiquei nisso por um tempo, tempo que não quis contar e nem soube quanto era – minutos, dias? Ficar assim para sempre, de tão bom, barriga contra a terra fria. E, de repente, me senti hábil. Imitei um bote. Depois, fingi susto, me enrodilhando. Abri e fechei a boca, estendendo a língua. Senti as glândulas cheias, apertei-as, rasgando a boca, espirrei veneno. As copas das árvores-amigos se debruçavam para me olhar no meu balé. Gostei da sensação de que não falava. Perto da árvore-namorada, vi que ela nada conseguia dizer também, mas, ainda assim, sentia alegria e risada. Naquele estado não ouvia sons, só sentia a vibração da terra, do vento e do ar mexendo na terra e nas árvores. Pensei na quietude do irmão, nos sorrisos do pai. Me senti próximo deles, sendo cobra. Suguei as gotas de veneno da língua com um pensamento no pai, no irmão, no sobrinho, na tia. Voltei a brincar. E, depois, cansei. Cansei e me enrodilhei bem apertado no meio das árvores-companheiras e da árvore-namorada. Fechei os olhos e dormi.

4.6.1.

Romper as barreiras da percepção

Lembrei de Carlos Castaneda, autor que irmãos e amigos leram no final dos anos 70 e que ainda não conhecia. Já no começo do primeiro volume pensei em como pude ter ficado sem esta leitura, que nos traz um mundo raro e único.

Meu relato sobre o tema das transformações seguindo o mote do antropólogo seria o seguinte:

Estava segurando o estômago. Sentada no chão frio de terra com as duas mãos por sobre a suéter. Muito enjoada. As mãos, duas barras de gelo, tentavam, na verdade, segurar o vômito. Os músculos do estômago se contraíam e suava frio. Tentei respirar. Afrouxar os dedos. Algo se movia dentro de mim, agora do estômago para a parte de baixo do umbigo. Tive uma sensação de desespero físico e supremo desconforto. De repente, respirei novamente. Os índios, em grupos de dois ou três, com suas túnicas de algodão preto, andavam em volta de nós. Abri os olhos e discerni o rosto de um deles. No escuro da noite se movimentavam andando e cantando, fazendo efeitos de voz parecidos com os do canto gregoriano. Olhei para o céu de pouca lua, apenas a luz de milhares de estrelas. Por um milésimo de segundo entendi que tudo era lindo se pudesse perceber, mas meu corpo estava ocupado com outras coisas. Queria vomitar ou sair correndo para a mata em torno de nós - e me livrar da dor de barriga. Estava tensa, preparada para passar mal. Coloquei as mãos embaixo do umbigo e senti algo se mexer ali. Algo vivo de verdade. Quanto tempo naquela agonia, sem me livrar daquilo? De repente o barulho de alguém se levantando e correndo me distraiu. Um calor intenso me invadiu. Suei. Suei muito. Comecei a tirar os casacos, embora a madrugada estivesse gelada. Tirar os casacos com a pouca consciência que tinha foi um esforço enorme. E, novamente, aquilo me distraiu. Me senti melhor, abri os olhos, os músculos das costas se distensionaram como se alguém, que os estivesse segurando, os soltasse. Ergui a cabeça rapidamente e, à minha volta, as árvores da mata, do círculo em redor da clareira onde estávamos, me rodeavam. Elas tinham andado até ali! Tinham luminosidades diferentes: rosa, amarela. A maioria era gigante. Queria chorar de tanta beleza. Olhei para de onde vinham o som das vozes dos índios, agora eles eram duplas de árvores que andavam. Virei a cabeça na direção dos meus colegas, que, até onde lembrava, estavam deitados no chão formando um círculo. Eles eram troncos de madeira em cores variadas. Não me detive neles. Prestei atenção nas árvores fazendo rodinha em volta de mim. Me transmitiam algo, falavam comigo, sem emitir som.

Escreveria isto imitando mal Castaneda. Mas logo no primeiro volume que

li (*O fogo interior*), percebi que o antropólogo fez uma obra inigualável, com experiências impossíveis nos dias de hoje. Este volume, um dos últimos, entre doze outros livros que relatam cinco anos de aprendizado com o bruxo Don Juan, foi o único que consegui comprar. Enquanto tentava conseguir os outros, esgotados, tive a certeza de que, se o personagem Mateus fosse ter algum sonho ou viver uma transformação, teria que virar uma árvore. Árvores são as coisas de que mais gosto no mundo. Tive a sorte de crescer morando em casas, onde, mesmo em jardins mínimos, de poucos metros, elas estavam presentes.

Pois ainda pensava nisso quando, ao final de *O fogo interior*, me deparei com o seguinte trecho:

Pode parecer uma bobagem para você, mas as árvores, por exemplo, estão mais próximas do homem que as formigas. Já disse a você que as árvores e o homem podem desenvolver um grande relacionamento (...) Os antigos videntes estavam convencidos de que as plantas têm uma comunicação intensa com os seres inorgânicos (...) Forçaram sua consciência ao limite e aglutinaram cinco faixas de mundo (...) Os antigos videntes transformaram-se em árvores para poder romper todas as barreiras da percepção. (Castaneda, 2008, p. 189)

Estas são as falas de Don Juan Matus, o índio yaqui e mestre do antropólogo Castaneda. Don Juan está sempre mostrando outras realidades além da nossa e o que elas podem nos ensinar. Outra identificação forte que tive, agora que já li mais do mesmo autor, é com as inúmeras vezes em que o mestre responde às perguntas do estudioso com um “Não sei” ou “Não posso lhe dizer” ou “Você verá”. Ou seja: viva e verá. O filósofo Gilles Deleuze, no seu livro com Claire Parnet, explica o impacto dos livros de Castaneda que, para ele, vem, justamente, da força de pôr algo à prova:

A força dos livros de Castaneda em sua experimentação programada da droga, é que cada vez as interpretações são desfeitas, e o famoso significante, eliminado. Não, o cachorro que vi, com o qual corri sob efeito da droga, não

é a puta de minha mãe... É um processo de devir-animal que não quer dizer nada a não ser o que ele se torna, e me faz me tornar com ele. Outros devires se encadearão a ele, devires-moleculares onde o ar, o som, a água, são apreendidos em suas partículas ao mesmo tempo que seus fluxos se conjugam com o meu. Todo um mundo de micro - percepções que nos leva ao imperceptível. Experimentem, nunca interpretem. Programem, nunca fantasiem. (Deleuze; Parnet, 1998, p. 46)

O cachorro é um cachorro. Os videntes se transformavam em árvores para perceber melhor. Ambicionei e abracei a ideia de que alguém – eu ou o meu personagem – poderia desenvolver “um grande relacionamento” com uma árvore, como explica Don Juan. E quanto às formigas que ele menciona, são o animal que mais evito, porque, justamente, acabam com plantas em minutos – árvores inclusive. O que me leva a falar nas cobras: prefiro um jardim com cobras do que com formigas. Mas não, não foi por esta conexão que as cobras entraram no livro e que Mateus se transforma numa cobra. Mais uma vez, se fosse escrever sobre o assunto *à la* Castaneda, diria:

A mata era tão densa que exigimos que todos andassem de bota de borracha. Todos os animais peçonhentos mortos já estavam em vidros com álcool. Os vidros em exposição, para que servissem de alerta. Só que, ao cruzar o pedaço de terreno que me fora destinado por Don Juan, vi formigas subindo na muda de árvore que havia plantado. E o ódio me fez não ir buscar as botas. Tinha que ser rápida, puxei as meias para fora da calça e cobri a calça com elas até os joelhos. Levantei bem a perna, amassei a mata com força, cheguei perto da muda e fui matando as danadas. De repente, um puxão forte na perna direita. Dei um pontapé, um chute forte. Foi quando vi a cabeça de uma cobra verde deitada por sobre o ilhós do meu tênis. Ela se enrolara de cabeça para baixo, o rabo já na altura do joelho. Novamente, apertou a batata da perna com força. Chutei mais uma vez – agora com tanta vontade que depois os músculos em volta do fêmur se lembrariam disto. Só então ela foi se desenrolando lentamente. Era uma serpente “quebra-cascos” ou “cobra-cipó” de, talvez, um metro e meio. Queria me morder, imobilizar com sua seiva tóxica – embora não venenosa – e triturar meus ossos

para depois me comer, como faz com os roedores desta mata. Achei irônico porque esta espécie – gênero *chironius* – é a mesma que seduziu Eva no Paraíso. Comigo ela foi mais direta.

Como discípula de Don Juan, a história acima seria pueril para entrar no livro. Pensei em trocar de animal, estudar outra coisa. Cobras, num livro cheio de personagens masculinos... quis simbologias mais sofisticadas. Nesta época viajei ao Peru, onde a famosa imagem da “trilogia inca” – serpente no chão, puma ao lado e o condor no céu – representa os três animais sagrados dos incas. Para estes índios, cada um destes animais é o guardião de um mundo com os quais o homem moderno perdeu a conexão. A serpente, numa primeira interpretação, representa o mundo subterrâneo e lembra que o homem deve se alimentar de suas sombras. Numa outra analogia, a serpente é o único que transita livremente entre os três mundos, pois existem cobras “aéreas”, da água, vivendo embaixo da terra. Depois li que eles ainda a consideram a guardiã da inteligência. Só de mitologia inca seriam vários volumes, fora as concepções das outras culturas sobre os ofídios, pois, segundo o filósofo Gaston Bachelard, a cobra é “um dos mais importantes arquétipos da alma humana” (*apud* Chevalier; Gheerbrant, 1982, p. 815).

Acabei reafirmando minha escolha. Voltei de viagem e continuei a pesquisa, quando comecei a me sentir estranha. Se fosse tentar inserir outro trecho sobre estas sensações como discípula de um xamã num livro sobre realidade paralelas, poderia escrever:

Não conseguia escrever e ficava tentando entender a razão do mal-estar. Sentia-me loucamente cansada e umas bolinhas vermelhas surgiram embaixo do braço direito. Estaria triste porque a viagem tinha sido tão boa e agora já de volta? No dia seguinte as bolinhas queimavam e doía todo o feixe de nervos que vai do meio do plexo solar direito até o meio das costas. “Herpes zoster”, diagnosticou o homeopata, sugerindo um antiviral associado a um remédio homeopático. Falou em baixa imunidade. Estresse por causa de uma coisa boa, de uma viagem? Durante um mês e meio penei. No auge, respirar doía. À noite não conseguia posição para dormir, e, caso a dor *entrasse*, demorava umas três horas tentando me livrar dela, apesar dos poderosos analgésicos. Depois evitava dormir, com medo da dor. A certa altura tentei ir para o hospital, tomar morfina. Não fui: a dor

não era contínua e, quando ela não vinha, tinha esperanças de que aquilo tudo tivesse sido um pesadelo. Depois, comecei a ter *insights* em cascata sobre o romance. Após 45 dias doente reli o livro e achei-o chatíssimo, frio, explicadinho. E ia mudando. Cadê o tempo para a morfina?

Uma madrugada, após todos os remédios, a bolsa de água quente, as 39 fases das respirações que conheço da yoga, consegui dormir e sonhei que meu diafragma direito havia furado e um feixe de luz passava por ele. Algo havia destruído o tecido em volta dos nervos. Todo o corpo estava dolorido, e a luz era a única fonte de energia – e de raiva. Raiva de todos: da família, do trabalho, da universidade. Neste mesmo dia voltei ao médico homeopata, chorei lá como uma criança, saí com novos remédios. Depois fui num fisioterapeuta. Exigi que não encostasse a mão em mim, tal a dor. Recebi duas horas de reiki.²⁸ Comecei a melhorar no dia seguinte. Havia sido exorcizada. Uma semana depois as bolinhas secaram e comecei a descascar a pele do meu dorso como aquele animal rastejante, que troca de pele, e, a respeito do qual, a esta altura, nem ousava dizer o nome.

Ninguém compraria um livro em que o aprendiz de bruxo faz associações óbvias entre uma personagem que se transforma em cobra, uma pesquisa sobre cobras e uma doença popularmente chamada de *cobreiro*. Seria cafona demais. Poesia pobre, arremedo de livro de autoajuda. Tive vergonha de falar nisto, mas na aula Projeto de Pesquisa I,²⁹ enquanto os colegas relatavam como iam suas pesquisas, me dei conta que nada tinha a dizer. Não havia escrito nada – mas tudo estava marcado em meu corpo! No momento daquelas aulas isto me pareceu muito preocupante, mas depois li também de Castaneda o diálogo que teve com Don Juan: “Eu queria saber se é assim visualmente”, diz Castaneda.

Ao que Don Juan responde: “Mas a Águia não tem nada de visual. O corpo inteiro do vidente sente a Águia. Há alguma coisa em todos nós que pode fazer-nos testemunhar com nosso corpo inteiro (...)” (Castaneda, 1968, p. 57).

Naquele momento meu testemunho era eu mesma.

Um momento de sincronicidade interessante também aconteceu no mesmo

²⁸ Reiki – (palavra japonesa, pelo inglês) s. m. Terapia de origem japonesa, realizada por imposição das mãos, baseada numa teoria de canalização e equilíbrio energéticos. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/>>. Acessado em: 14 fev. 2017.

²⁹ Aulas da Professora Ana Kiefer em 2015-2 na PUC-RJ.

semestre. Na matéria “Os limites do literário”, aceitei a gentil oferta da professora Ana Chiara,³⁰ o seu livro *Pedro Nava, um homem no limiar*. Li: “o que Nava relata do padecimento de seu corpo nas noites insones em que é revisitado frequentemente pelos fantasmas de seus mortos é análogo ao que dirá páginas adiante sobre as marcas no corpo ao concluir cada uma de suas obras” (Chiara, 2001, p. 24). Sobre estas marcas, o mineiro escreve: “É o meu pobre braço direito que paga cada volume, à sua conclusão, com crise de reumatismo no ombro, *nevralgia cervicobraquial*³¹ e ao termo do meu *Beira-Mar*, de tudo isto e mais um cobreiro” (Nava *apud* Chiara, 2011, p. 24).

Cobreiro! Me senti honrada. Afinal, escrevi 0,01% do que escreveu o mestre memorialista.

4.7.

Quando o sol entrou na barraca, atingindo meus olhos, a primeira coisa que fiz foi mexer a mão. Ela era de carne, nada de dedos de lenha... mão mesmo. Apalpei as pernas, tirei-as do saco de dormir, intactas. Não estavam pesadas, só doloridas. Estava muito lento, mas feliz. Ainda era um pouco cobra, pois a boca era puro fel e não tinha a menor vontade de falar ou ouvir. Sentia, com maior intensidade, as coisas debaixo da terra e do lado de fora da barraca. Percebia os passos dos colegas, que se afastavam. Deitei a cabeça no saco de dormir novamente. Fiquei algum tempo deitado de barriga para baixo, só com o leve tecido entre meu corpo e o chão de terra fria.

Breno havia me dito que queria ver uma cobra de perto. Queria estar de volta para o seu aniversário de dez anos para lhe dizer que agora sabia mais sobre elas do que nunca. Elas eram sem disfarces para mim, e podia pressenti-las junto à mata perto do rio, me aguardando para fazermos contato novamente. Aproveitava ser cobra. Me sentia como se, por alguns instantes, tivesse encontrado aquele alguém perdido em mim mesmo.

Podia ouvir vozes ao longe. A voz da minha moreninha era nítida, então pensei que era melhor ir logo falar com ela antes da rotina puxada que tínhamos pela frente. Saí da barraca e vi que as toalhas dos colegas não estavam no varal

³⁰ Curso com as professoras Ana Chiara e Marília Rothier em 2015-2 na PUC-RJ.

³¹ Grifo da autora Ana Chiara.

improvisado, o que significava que já tomavam banho no rio. Peguei meus objetos de higiene e me adiantei pela trilha, ao encontro do grupo. Minhas pernas ganhavam velocidade apesar de, estranhamente, eu ziguezaguear. Não sofria os efeitos do meu objeto de pesquisa, era o objeto de pesquisa. Estava muito feliz.

Fui saudado pelos colegas e retribuí, sorrindo. Não conseguia, nem queria, falar. Pensava na sorte de ter escolhido aquela vida e nunca mais ficar dentro de um consultório ou de plantão num hospital. Na sorte de ter feito perguntas. A primeira, quando pequeno, diante do irmão sem apêndice: “se tiramos e não era necessário, pra que servia?” Foi esta dúvida que tinha me levado, de maneira mais sofisticada, a questionar todo o resto, lembrando sempre a frase de um antigo professor: “O segredo da Medicina é que todas as doenças são incuráveis.”³²

Pouco tempo depois de formado, todos os baços, vesículas e apêndices que arrancava das pessoas no hospital administrado por um plano de saúde pareciam mais uma fonte de renda segura da empresa do que fatalidade dos pacientes. A necessidade dos outros, suas doenças, em muitos casos estavam já no processo de cura, apenas se ouvíssemos o que o paciente e a doença queriam nos dizer.

4.7.1.

Entrevista numa hora destas?

A primeira vez que me senti inútil profissionalmente foi no Parque Nacional do Xingu. Tínhamos acabado de chegar para cobrir a guerra. Embora o conflito fosse longe da aldeia, reparei que mulheres e crianças eram mantidas dentro das ocas. O único índio que restou entre nós era mais velho e ficava sentado no chão de pernas cruzadas, sorrindo – permaneceu assim na maior parte dos cinco dias que ali ficamos.

Chamei o intérprete:– Como é seu nome? – Tenho todos os nomes. Não sou mulher, nem homem. Espírito.

A conversa terminava sem começar, pois este diálogo não interessava aos leitores da revista *Manchete*.

Só o que anotei é que ele era Tucamai, pajé Diauarum.

Com o passar dos anos os intraduzíveis, *inescrevíveis*, *irreportariáveis* só

³² Frase do escritor e médico Pedro Nava no livro de memórias *Galo das Trevas* (Rio de Janeiro, José Olympio, 1981).

aumentariam.

“Em Roma como os romanos”, por exemplo, não é um ditado que deva ser levado a sério por jornalistas. Existe a tentativa de objetividade, de se manter distante do ambiente e do entrevistado. Tentamos observar, desconfiar, questionar. Mas: como quebrar o gelo e iniciar uma entrevista? Como ganhar a confiança de alguém que nunca se viu? Entrar na casa de alguém e negar o que lhe ofereçam?

Ao ficar três dias no complexo da Funabem (Rio de Janeiro, 1983), observando como os 140 meninos contraventores viviam – e comendo a lavagem que eles comiam –, consegui uma boa matéria e uma dor de barriga que quase me impediu de escrevê-la.

Ao ir para o município de Floresta (Pernambuco, 1996) entrevistar a rezadeira local que morava numa casa de pau-a-pique e dividir com ela um copo de água turva também.

O recurso de tentar fazer o outro se sentir à vontade não deu certo em algumas ocasiões. Por exemplo:

Ao cobrir um baile funk em Realengo (Rio de Janeiro, 1986), fui aconselhada a usar trajes simples e não portar nem relógio de pulso, o que segui à risca. Entrei escoltada pelos *donos* do baile pelas laterais do palco num intervalo. Quando as luzes se acenderam e a música recomeçou é que me dei conta: era a única branca no local. Indisfarçável.

Numa matéria sobre os compositores do Morro da Mangueira (Rio de Janeiro, 1989) pedi permissão aos traficantes e fomos buscar a escolta: um rapaz de 15 anos, chamado Neném. Eram dez horas da manhã de um domingo quando fomos acordá-lo em sua casa. Ele e os amigos tinham passado a noite sem dormir. Chegamos, eles levantaram, apertaram nossas mãos e rasgaram um pacotinho de cocaína: – Servidos?

Na hora do pôr do sol reuni os entrevistados e pedi para irem o mais alto possível do Morro, para a foto de capa. Neném não recomendou o local, mas consegui acesso, depois de muita consulta. Lá, pelo menos cinquenta garotos – homens grandes – descalços montavam guarda de escopetas em punho. Uns bebiam, outros cheiravam. Alguém disse que tínhamos que “pedir benção”. Mais? Já tinha pedido dúzias, uma a cada passo do caminho.

E o traficante sentado num banquinho de três pernas falou, olhando para a minha cara:

– Olha aí para onde vai esta câmera, vou te buscar onde você estiver, se este cara aí me fotografar.

Ao arrumar os entrevistados para a foto, virei as costas para eles: a vista mais deslumbrante, azul com nuvens muito brancas. Tudo luminoso como aqueles homens não eram.

Na hora de ir embora resolveram puxar conversa. Não, não nos deixariam descer se não dividíssemos algo com eles.

Eu e a equipe optamos pela cerveja.

É claro que o assunto da matéria acima não deveria ser a música e seus compositores, mas como o Morro da Mangueira estava rendido aos traficantes. Não havia liberdade para um único passo sem a *permissão* deles, que se amontoavam em dois grupos rivais (e várias facções) nesta época. Mas nada disto interessava à *Revista Domingo*, do *Jornal do Brasil*. É claro que falei sobre isso com o chefe da Reportagem Geral do mesmo jornal. Ele não viu novidade. Até que ponto cabia mais uma matéria sobre as mazelas do Morro num jornal em que os leitores eram de classe média alta?

Achava, ingenuamente, que, se tivesse um texto imbatível, poderia escolher onde publicar, pedir melhores condições de trabalho. Talvez, se fosse dona do produto final a ser impresso (a minha versão, não a do editor), a sensação de inadequação diminuiria. Não teria que extrair os fígados e as vesículas porque me mandavam, arrancar coisas dos outros e depois temer com o que pudessem fazer com aquilo.

Em 2005, já independente – como desejei –, fui contratada para fazer um livro. O tema? Uma aldeia ecologicamente correta e sustentável, dos índios ashaninkas do Rio Amônia, no norte do Acre. Eles comemoravam vitória numa fase de luta contra os brancos que devastavam o município para roubar a madeira da árvore do mogno.

Fui conversar com o orgulhoso cacique Benki, dos poucos que falava o português:

– Como foi o cerco aos madeireiros?

Benki respondeu:

– A polícia chegou depois. Um ano depois.

– E como vocês fizeram enquanto isso, ouvindo motosserras chegando perto da aldeia?

– A gente ia lá de noite no acampamento quando eles dormiam. Batia na cabeça deles e os enterrava, vivos mesmo. Mas depois vinham outros mais.

De noite, na rede, pensei como representar aquilo. O livro seria o presente de Natal de uma grande empresa a seus acionistas. Fotos cor, papel *couchê*, um luxo.

4.8.

No instante destes pensamentos de Mateus, por uma daquelas coincidências que os irmãos nunca comentariam, Marcos se lembrou dele. Estava lendo *A Ilha do Tesouro* para Breno. O garoto gostava do livro, às vezes pegava o *palmtop* e pesquisava o resumo da obra ou o nome de Jim Hawkins para ver, afinal, onde ele e o líder pirata iriam parar. De repente, exclamou:

– A gente nunca faz nada de legal!

– Por que você está dizendo isto, filho?

– Tô só pensando se quando o tio chegar nós vamos combinar aquele acampamento, nós três. A gente nunca vai, pai! Nunca posso fazer nada legal!

Marcos parecia ouvir o irmão, em pequeno, dizendo a mesma frase. Dois espécimes de inquietos, aventureiros: o irmão e o filho.

– Querido, o ano começou complicado. Só agora teu avô voltou a andar. Tio Mateus chegando, antes ou depois do seu aniversário, a gente programa tudo.

Breno parecia cansado e o pai fechou o livro. Anunciou a hora de dormir e ele reclamou. Tinha que insistir muito até que o menino fechasse os olhos. O garoto pediu um copo d'água e, no caminho da cozinha, Marcos encontrou com a mãe. Ela desligava o telefone:

– Livia deve estar doida só de pensar nisso!

– Nisso o quê, mãe?

– No presente que ela comprou para o Breno de aniversário! É para me provocar, não é?

Marcos esperava por aquilo. Após muitas negociações entre tia e sobrinho, Breno iria ganhar um filhote de cachorro. Era o sonho dele desde o aniversário de cinco anos, embora todas as vezes em que pedisse, o pai ou o avô o desaconselhassem, pois vovó tinha alergia ao pelo do animal, vovó estava muito cansada, vovó não queria limpar cocô de bicho nenhum e, finalmente, vovó

detestava animais – de cachorros, particularmente, tinha ódio. E agora Livia tinha cedido ao Breno. Para contrariedade de Marcos, que tinha certeza de que aquilo ia dar na confusão já formada. Só ele sabia que o filhote de labrador já tinha sido comprado e era mantido no depósito do Bar Rainhas à espera do filho, que nem desconfiava da surpresa.

Como é que a mãe tinha descoberto?

– Perguntei para o Breno o que ele queria e ele teve a coragem de me pedir um maldito cachorro. Anos ouvindo isso. É mais um que finge que não existem regras nesta casa. Aí fui telefonar para minha irmã, Marcos, tá me escutando? Fui telefonar para a sua tia agora porque amanhã tenho que ir com ela no Mercado Central bem cedo fazer compras e tô falando e escutando um latido do outro lado do telefone... depois outro e mais outro! Aí perguntei “tem um cão aí perto de você?” e ela começou a rir. Acabou contando que tá com um filhote lá.

– E se o cachorro é pra tomar conta do bar, mãe? – mentiu.

– Que nada! Falou na minha cara que comprou o bicho e que vai trazê-lo aqui no dia da festa! Até parece! Na minha casa, não, uma casa cheia de pelos, que nojo! Se ela quiser, deixa o bicho lá no depósito do bar ou na casa dela. Aqui, não!

Marcos deixou a mãe falando sozinha e fechou a porta do quarto, trancando-a. As irmãs que se entendessem. Já tinha gasto muito tempo explicando ao filho por que ele nunca poderia ter um animal de estimação. Ultimamente Breno formulava a ideia de eles terem um sítio ou uma casa onde o filhote teria seu lugar, neste futuro distante e, talvez, inverossímil. Mateus, Livia e agora Breno conspirando para tirá-lo da casa dos pais.

O filho demorou mais do que de costume para dormir, excitado com alguma coisa – o aniversário, talvez. Quase meia-noite Marcos se deitou. Um pouco antes de cair no sono ouviu a mãe novamente no telefone com a irmã e pensou na loucura daquilo, elas iam se encontrar em poucas horas e continuavam discutindo. Ficou imaginando se Breno iria continuar entediado depois de ganhar o filhote. Seria bom para o menino e ele gostava da ideia, mas não se o bicho morasse ali. Em outro lugar. Pela primeira vez em muito tempo, teve que admitir que não seria nada mau se mudar. Poderia ir morar com Livia. Ou com Mateus. Estava com saudades do irmão, afinal. Fechou os olhos.

No primeiro dia em que Mateus foi visitar Marcos internado, ele adorou o hospital. No quarto, na mesa de cabeceira do irmão, havia, embrulhada em papel

de presente, uma enorme caixa de um jogo de peças de encaixar. Na frente dele, uma TV portátil que o pai tinha conseguido instalar, e flores enfeitando o ambiente. O caçula não se continha:

– Ah, olha só, mãe, um jogo novo!

Quis abrir imediatamente o presente. E como Madalena o impedisse, Mateus começou a chorar:

– Nunca me deixam fazer nada!

– Vem cá, vou te deixar ver minha cicatriz – chamou o irmão.

E diante de um furinho na pele redondo, pintado com um líquido vermelho, Mateus considerou aquilo muito injusto – ele também queria ser operado de alguma coisa! E, para se sentir melhor, pegou tudo o que havia na pequena geladeira – os biscoitos, a gelatina e as maçãs postas de lado – e comeu. Quando tinha enchido bem a barriga, dois auxiliares entraram para buscar o paciente para um exame. Mateus ficou animadíssimo e conseguiu a autorização da mãe para seguir ao lado do irmão até o elevador.

Logo no corredor, viu uma enorme movimentação, com outra maca sendo empurrada correndo na direção contrária. Quis saber o que tinha acontecido, mas os atendentes não lhe responderam. Quando Marcos voltou para o quarto é que trouxe a informação:

– Foi um garoto atropelado. E tava de bicicleta.

Madalena fez uma cara esquisita, o que não o impediu de querer saber os detalhes, se era o braço ou a perna, se a cabeça é que tinha sofrido mais, se o menino ia morrer ou ficar vivo, se o motorista do carro estava também naquele hospital. A mãe chamou-o para fora do quarto com um sinal, ríspida:

– Se não ficar quieto, não volta amanhã. Deixa seu irmão descansar, menino!

E anunciou que iriam embora assim que Dante chegasse para passar a noite ao lado do filho. Deu a ordem e foi ao banheiro. Mateus se aproximou de Marcos. O irmão estava calado, olhar fixo no teto. O pequeno foi rápido:

– Você acha que aquele garoto morreu?

– Não sei, isso não é assunto de pirralho!

A voz saiu desafinada. “Pirralho” foi dito quase chorando e o menor percebeu. Segurou no braço do irmão:

– Não morre, não gosto de dormir sozinho – implorou.

– Ah, tá, então por que você vive dizendo que quer um quarto só seu?

E antes que começassem a brigar e a mãe voltasse, Mateus emendou:

– A gente faz um pacto de sangue e não morre mais.

O mais velho ficou impressionado com o pirralho falando em morte. E de onde ele tinha tirado aquela história de pacto de sangue?

Apesar de estar num quarto particular, que o pai falou várias vezes que era porque o plano de saúde de sua empresa era *muito bom*, Marcos ouviu gritos de gente ao seu lado. Uns gemidos que passavam pela porta e pelas paredes. Era o garoto pedindo ajuda. Gemia alto, alguém chegava perto, sussurrava, ele silenciava – e depois gemia de novo.

Quando, certo de que iria morrer como o atropelado pela bicicleta, quis sair da cama, o pai perguntou:

– Tá sentindo alguma coisa, filho?

– Não consigo dormir. Já tá de manhã?

– Não é nem meia-noite, querido. Dorme.

E Dante segurou sua mão. Foi incrível que no dia seguinte tivesse acordado. Precisou de algumas horas para se convencer de que não sentia nada, mas só quando o médico veio visitá-lo e disse que ele teria alta na hora do almoço é que foi se convencendo de que seu caso não era assim tão grave, afinal. Não conseguia deixar de pensar no menino. Morto. Quinze anos, diziam. Braço, perna, cabeça, alguma coisa ele teria esmagado.

4.8.1.

Todas as doenças são incuráveis

Minha primeira (e única) experiência de internação hospitalar foi aos cinco anos e meio por causa de um acidente. Um ano e meio depois, aos sete, sofri a morte de duas pessoas próximas. Estas impressionantes vivências fizeram com que passasse a apresentar dor no corpo e febre. Lembro vagamente do pediatra, em nossa casa, me prescrevendo repouso e ácido acetilsalicílico. Tinha algo mal definido, que passou ao folclore familiar como “o começo de um reumatismo infeccioso”, o que pode não ter sido nada. Meu padrinho, Durval da Rosa Borges, era médico e passou a ir todas as semanas na minha casa me ver. Antes dele, o funcionário do seu laboratório ia tirar uma amostra do meu sangue e ele chegava

com o resultado. Bem, com as visitas do padrinho – que me dava balas e chocolate – e a do pediatra de que gostava, para que ficar boa?

Penso que quem viveu estas atenções individuais – que me faziam ser o centro da casa e ainda faltar à escola – sente-se perdido com uma medicina cartesiana, tecnicista, baseada em exames e ponto final. Como me curei destas febres inexplicáveis que duraram dois meses? Provavelmente com as conversas do meu padrinho, que percebeu que estava triste, com alterações psicossomáticas. Ele aproveitava para ver o resto da família, melhorar o humor dos mais atingidos. Quando adulta, talvez tenha tentando recuperar isto, escolhendo um médico que quisesse me ouvir. Calhou de ser um homeopata. Ele também me pede exames. Técnicas ajudam muito, mas não substituem sua extensa série de perguntas.

O médico e escritor Pedro Nava descreve, em seus livros de memórias, como era a formação dos doutores de antigamente, que não tinham imagens para desvendar.

Desde cedo eu estava nos leitos que nos cabiam e examinava um a um os doentes (...) Os ouvia e aprendia com eles uma nova língua, pitoresca, que tinha que traduzir para as papeletas (...) Depois, inspecionar: face, olhos, pupilas, nariz, narinas, boca, língua, dentes, expressão, face. Posição, magreza, gordura, braços, mãos, pernas, pés, pele, cabelos, pelos, vasos, edemas, vermelhidões, palores, livores, suores, cicatrizes, manchas, tatuagens. Palpação do tórax (...) Timbre da voz. A percussão centímetro por centímetro, feita com virtuosidades de pianista (...). (Nava, 1978, p. 331)

São páginas e mais páginas sobre o que se aprendia a decifrar: os cheiros do corpo, seus barulhos, cores e manifestações – cobrava-se do médico a acuidade do regente de uma orquestra. Pois é por saber que o caminho da investigação não acaba nunca que o autor mineiro escreveu que “o segredo da medicina é que todas as doenças são incuráveis” (Nava, 1981, p. 377). Nava acrescenta: elas não têm cura, mas têm tratamento. Neste sentido abraça a concepção do filósofo da ciência, Gaston Bachelard, que diz que “só há ciência no oculto” (*apud* Rosenbaum, 2015). Tratar as doenças seria, então, um experimentar sem fim.

Hans Castorp, personagem de *A montanha mágica*, de Thomas Mann, é um ouvinte de outros personagens que espelhavam diferentes concepções de mundo e de saúde/doença: o humanista Settembrini, Naptha com sua religiosidade medieval e Mynheer e seu vitalismo (Bloom, 2001, p. 180-186). Castorp aprende muito ouvindo ideias liberais e conservadoras. Ele não é doente, mas, visitando o primo Joachim num sanatório em Davos, Suíça, por três semanas, passa a morar lá. Jovem supostamente saudável, exceto por uma anemia, recolhe-se voluntariamente do mundo neste clube de tuberculosos. Amadurece enquanto uma doença cresce dentro dele.

(...) E uma grande satisfação invadia a alma de Hans Castorp, ao pensar nas duas horas vazias, cheias de paz assegurada, que tinha à sua frente, essas horas sagradas que o regulamento da casa destinava ao repouso principal, e que ele, apesar de ser um simples visitante, aprovava como uma instituição inteiramente adequada ao seu caráter. Pois Hans Castorp era paciente por natureza, e bem capaz de passar muito tempo sem nada fazer. Conforme nos recordamos, adorava esse lazer que nenhuma atividade atordoadora ousa obliterar, consumir, afugentar. Às quatro horas iria tomar o chá da tarde, com bolos e confeitos; depois haveria um novo repouso na espreguiçadeira; às sete, vinha o jantar, que, como todas as refeições, ofereceria algumas sensações e certos aspectos curiosos, dignos de serem aguardados com prazer; depois, alguns olhares no interior da caixa estereoscópica, no caleidoscópio em forma de luneta, e no tambor cinematográfico (...). (Mann, 1980, p. 119)

No sanatório retirou-se dos problemas pessoais e do mundo, atraído pela introspecção e pela morte. Suspendeu o tempo e passou a viver num ambiente que também o diverte, como ele mesmo reconhece:

(...) É mesmo curioso como o tempo, no começo, parece longo a quem se encontra num lugar estranho. Quer

dizer... absolutamente não me aborreço, nada disso! Ao contrário, posso afirmar que me divirto esplendidamente. Mas, quando olho para trás – em retrospectiva, sabe? – tenho a impressão de estar aqui há não sei quanto tempo já. (Mann, 1980, p. 121)

Quando Castorp ainda está conhecendo os doentes, é apresentado a Settembrini, que lhe pergunta quanto tempo irá ficar ali e, quando ele diz “três semanas”, o italiano responde:

(...) Três semanas! Ouviu, tenente? Não lhe parece mesmo um tanto atrevida essa maneira de dizer: ‘vou passar aqui três semanas e depois partirei’? Fique sabendo, meu senhor, que nós aqui ignoramos uma medida de tempo que se chama semana. Para nós, a menor unidade é o mês. Fazemos as nossas contas em grande estilo, como é o privilégio das sombras (...). (Mann, 1980, p. 70)

Nas “sombras” ou “dentro de uma bolha” são metáforas comuns – reais ou ficcionais no relato de muitos doentes. No sanatório, Castorp congelou o tempo, livrou-se da Europa confusa do pré-Guerra, encontrou o amor. Quantos homens e mulheres sadios não se esconderam na moléstia para fugir de alguma coisa? Quando isto acontece, a doença fica mesmo inatingível. Resta saber se o doente permitirá que algo – o amor ou a morte – ou alguém adentre este mundo que ele agora habita.

4.9.

Quando Mateus e a mãe chegaram para levá-lo para casa e a mãe foi providenciar uma cadeira de rodas é que o pequeno tirou um alfinete do bolso:

– Desinfetei – disse, desembrulhando o alfinete num fiapo de algodão que o envolvia.

Furou o próprio dedo e ofereceu-o ao irmão:

– Fura o seu.

E quando ainda uniam os dedos e as pequenas gotas de sangue se juntavam, o caçula falou:

– Não morre. Jura. Juro que não morro também. Ninguém morre um antes do outro. Só pode com mais de mil anos.

– Jurei

– Não vale. Tem que jurar falando alto.

E o doente falou “juro” bem alto e riu.

Mateus ainda não sabia, mas tinha outro motivo agora para ser médico: não queria sentir a culpa de o irmão morrer antes dele. Mal sabia que a culpa entre irmãos sempre existe. E é incurável.

4.9.1.

Constelação familiar

É natural que a construção da nossa identidade e subjetividade se faça através dos outros – impossível fugir disto. Ainda na infância e dentro do espaço protegido do lar, se temos irmãos, já temos nossos espelhos. Castor e Pólux, Caim e Abel, Esaú e Jacó³³ são enredos universais que rendem boas histórias, e o cinema e a literatura estão cheios deles. Só no ano de 2012 dois livros sobre irmãos foram finalistas do Prêmio São Paulo de Literatura: *Dois rios*, de Tatiana Salem Levy, e *A vendedora de fósforos*, de Adriana Lunardi. Este último já começa com a epígrafe “escreverei as lembranças de minha irmã para falar de mim com mais verdade”. Trata-se da belíssima história de duas meninas numa família disfuncional e perdida, que muda de cidade a toda hora. Na primeira parte do livro elas criam um mundo só delas, através de palavras, segredos e códigos. E na segunda parte, para surpresa do leitor, este universo inventado e aparentemente sadio não é nada do que se pensava.

Em geral não é mesmo. Já no mito dos gêmeos Castor e Pólux, quando Castor é morto em batalha, Pólux, inconsolável, pede a Júpiter para que ele ofereça sua vida em troca da do irmão, quando Zeus permite que um passe a habitar o Hades enquanto o outro está no céu. Esta lenda sugere que só um dos

³³ Castor e Pólux são um raro exemplo de amor fraternal, revezando-se de boa vontade entre o céu e o inferno, tanto que, segundo a lenda, o deus Júpiter os recompensa os transformando em estrelas idênticas que simbolizam o signo de Gêmeos. Já Esaú e Jacó, como nos ensina o livro do Gênesis da Bíblia, foram incitados à rivalidade pela mãe, que preferia o filho caçula. E Caim conduziu Abel à morte...

irmãos consegue ser feliz enquanto o outro sofre. Percebe-se que o desenho dos personagens Marcos e Mateus não é trágico, mas há algo deste jogo mítico entre eles. Quando o mais velho se define como o primogênito que segue os passos do pai com brilhantismo, parece que libera Mateus, o caçula, para que ele se livre do sonho da mãe, que era ver seu filho preferido como médico convencional num consultório.

O problema é a visão que Marcos tem do mundo. Por ter superado o pai em inventividade e currículo, acha que está protegido de tudo. Antes de enfrentar qualquer dificuldade comum a quem está começando, já tinha mais prestígio e melhor salário que Dante. Assim, inserido ao que o filósofo Félix Guattari chama de “capitalismo mundial integrado”,³⁴ passou a ver sua vida como um bem-sucedido sistema de produção: tinha uma ideia, concretizava-a, ela vendia e lhe dava dinheiro. O caminho natural depois disto seria casar, ter filhos, continuar na ascendente aquisição de um estilo de vida sem questionamentos. Até que o problema das patentes de suas invenções começa a emperrar este sistema e investir em um produto indigno da sua genialidade é a única saída para não falir. Já na festa do seu casamento, Marcos percebe que algo está fora da ordem.

O golpe mais duro vem quando a esposa, Norma, decide pela separação, e o filho tem apenas um ano de idade. Ele, que já está pressionado pela crise financeira e profissional, vê seu corpo, campo de forças decorrentes das ondas nervosas que o percorrem, afetado pelas velozes e assombrosas “forças do mundo”, como diz a psicanalista Sueli Rolnik no texto “‘Fale com ele’ ou como tratar o corpo vibrátil em coma” (2003).³⁵ Instaura-se então na subjetividade uma crise que “pressiona, causa assombro, dá vertigem”. E Marcos cai em depressão. Um estado de desânimo que não é “inespecífico” e que não tem a ver apenas com um “esvaziamento de sentido”, como Rolnik descreve este mal tão contemporâneo. No caso do personagem, seu mundo virou de cabeça para baixo e ele experimenta uma autodesqualificação. Tranca-se em casa, emudece. Quem

³⁴ “Capitalismo Mundial Integrado (CMI) é o nome que, já no final dos anos 1970, Félix Guattari propôs para designar o capitalismo contemporâneo como alternativa à ‘globalização’, termo, segundo o autor, por demais genérico (...)” (Rolnik, 2003).

³⁵ Adaptação do trecho do artigo “*Fale com ele’ ou como tratar o corpo vibrátil em coma*”, de Sueli Rolnik (2003). Na íntegra: “(...) Conhecer o mundo como forma convoca a percepção, operada pela sensibilidade em seu exercício empírico; já conhecer o mundo como força convoca a sensação, operada pela sensibilidade em seu exercício intensivo e engendradora no encontro entre o corpo, como campo de forças, decorrentes das ondas nervosas que o percorrem, e as forças do mundo que o afetam.”

vem em seu socorro é o irmão, Mateus.

Este é um momento em que o romance sugere que o passado em comum dos irmãos, suas inúmeras experiências diante da mãe autoritária e do pai que usa o otimismo como um escudo, é acionado em toda sua força. Mateus tenta contato com o irmão, sugerindo, na sua agonia, tudo o que lhe vem à cabeça: carinho, comida, companhia, interlocução.

4.10.

Marcos acordou antes de seis horas para preparar o café do filho e levá-lo ao colégio. Ao contrário do que costumava fazer, resolveu ligar o celular, onde, para sua surpresa, havia três chamadas perdidas. Era um número comprido, cheio de códigos. Deveria ser Mateus – e tinha sonhado com ele a noite toda! Tentou ligar para aquele número estranho sem sucesso, até que teve que ir acordar o filho. Sentia-se desconfortável e nervoso. Na cozinha encontrou a mãe se arrumando para ir fazer compras e decidiu que, após deixar o garoto na escola tentaria retornar a ligação do telefone fixo, com calma.

Às oito horas da manhã voltou e encontrou a fisioterapeuta do pai, que lhe disse:

– O telefone tocou duas vezes, atendi e tinha uma pessoa falando inglês do outro lado. O senhor me desculpe, não sei inglês, desliguei. Mas deu para entender “Markus”, o senhor, né?

Ela terminou a frase e o telefone soou novamente. Do outro lado alguém, que se dizia funcionário da Embaixada do Brasil na República do Congo, informou:

– Seu irmão teve um acidente importante.

E ele não se lembraria disto depois, mas não entendeu. E olha que do outro lado da linha falavam bom português. Prendeu-se no adjetivo:

– Importante? Como assim, *importante*?

Perguntou mais uma vez até que a voz do outro lado resumiu:

– Seu irmão teve um acidente. Estamos com problemas para trazê-lo para Kinshasa.

– Eu vou, vou aí ajudar o senhor – gaguejou.

Foi difícil parar de soluçar para telefonar para a tia. O telefonema a

acordou. Nem deixou que falasse:

– Não me ligou pra falar de cachorro, né? Sua mãe foi muito cruel comigo ontem, Marquinhos, nem fui encontrar com ela hoje porque fiquei louca da vida. Deixa te ligar depois?

– Não, tia. Não é a mamãe. É o Mateus.

– O que foi?

– Quero o Mateus do meu lado, tia. Do meu lado – chorava.

E lá estava ela, tocando a campainha. Marcos correu para atender, mas Dante ouviu também, e antes que eles entrassem no quarto do sobrinho, o pai apareceu, caminhando vagarosamente, apoiado no andador:

– Madruguou, Lívía? Veio encontrar com Madalena aqui? Pois ela já foi para o mercado.

E ante o olhar desolado de Marcos:

– O que houve? Alguma coisa com a tua mãe?

Marcos voltou para ajudar o pai a chegar numa poltrona e, com um gesto, pediu que Lívía voltasse à sala onde todos se sentaram. Tentou dizer algo mas não conseguiu, sacudido por um choro convulso.

– O Mateus, pai. Me ligaram.

– Foi o veneno da cobra! – gritou.

E Marcos reproduziu o que o funcionário havia dito: o irmão e uma amiga estavam andando na frente do resto do grupo, voltando do rio. Alguém o viu bambear as pernas diante de um buraco, tropeçar. Daí o tombo.

– Deslizou para uma armadilha de animal, um buraco no chão, não sei – desesperou-se.

– Machucou muito? – temeu Lívía.

– Caiu de mau jeito, foi um acidente estúpido. Quebrou o pescoço. O cara falou: “acidente estúpido”, pai, estúpido. Quebrou o pescoço.

Lívía então deu um grito. Dante parecia anestesiado. Por um bom tempo tentaram raciocinar, sem sucesso, e, às vezes, o cunhado olhava para a tia, como se pedindo que parasse de chorar tanto. Queria dizer a ela “não, você está enganada, estamos todos enganados”, mas não conseguia falar nada e, quando via que Marcos também estava chorando, realizava a tragédia e terminava balançando a cabeça, em desespero. Em algum momento Lívía assoou o nariz, o abraçou longamente e foi buscar um calmante para os dois, preparando alguma bebida

forte para si mesma.

Quando conseguiu se refazer um pouco, Dante fez questão de telefonar para a Embaixada como se não acreditasse no que o filho mais velho dizia. Pelo rosto agônico do pai ao telefone, Marcos viu que tudo estava sendo confirmado. E, pior: ainda o informaram de que alguma confusão burocrática/religiosa impedia o corpo de deixar a aldeia e ir para a capital. Aquilo transformou Dante num autômato e, só depois de ele explicar, o filho e a cunhada entenderam que, de acordo com o procedimento das tribos próximas ao acampamento para onde o corpo foi levado, alguém da família teria que ir lá lavar o corpo do falecido. Que só então, depois disto, seria embalsamado. E, após todas as cerimônias e encomendas espirituais, é que Mateus poderia viajar para a capital e da capital para Johannesburgo. E então, finalmente, da África do Sul para o Brasil. Sem isso não iriam liberá-lo.

Dante desligou, confuso. O funcionário já tinha telefonado para Brasília pedindo apoio, mas eram muitas providências e decisões que os colegas de Mateus tinham que tomar, enquanto os nativos se recusavam a mexer no corpo sem a presença de algum parente. A certa altura Dante e Marcos ligaram para Kinshasa pela terceira vez e sugeriram que o funcionário passasse um rádio aos cientistas, pedindo que dessem um jeito de tirar o corpo dali, que o raptassem, se fosse necessário. Marcos tentou soar coerente, mas, quando desligou, achou que nada fazia sentido:

– Não sei, pai. A gente não tá conseguindo pensar. Como eles vão trazer o corpo se dependem do motorista e do transporte que são da aldeia? Todos lá têm a mesma crença! É melhor eu ir para o aeroporto agora e embarcar no próximo vôo para a África do Sul.

– E quem vai dar a notícia para sua mãe? – Dante olhou o relógio. – Já ela chega das compras. Não quero que você vá para lá, meu filho. Agora que teu irmão já não existe, a dor de sua perda me traz o terror de te perder.

– Quero ir ficar com ele, pai. Quero voltar com ele. Vou trazer o Mateus. Vamos enterrar o Mateus junto da gente. Vou pegar o meu irmão, e me parece bela a possibilidade de morrer por isto.

Dante quis falar, mas não conseguiu.

– Não vai acontecer mais nada, fica calmo. Quero ir. E vou.

Marcos começou a arrumar uma pequena mala de mão.

Nisto, um barulho de chave na porta. Madalena, carregada de sacolas, olhou o trio reunido na sala:

– Tão cedo, todo mundo aqui... Livia veio convencer vocês a me fazerem aceitar o cachorro? Era só o que me faltava.

– Não, mãe – Marcos se adiantou e tirou as sacolas da mão dela, deixando-as no chão e fechando a porta.

– Senta aí. Precisamos te contar uma coisa.

4.10.1.

Literatura e saúde

O que só vim a perceber sobre o final do romance depois de ter começado esta dissertação, é que a morte de Mateus não é um fracasso, e sim uma possibilidade. Quis dizer – não sei se o disse – que o filho de Madalena seguiu tantos processos, acreditou tanto neles, experimentou tantas substâncias naturais em seu corpo, que seu corpo passou a funcionar como elemento impessoal da natureza. Gostaria que sua morte fosse uma ação afirmativa. Parte deste desejo foi inspirado nos relatos de Benoit Mure e seu grupo de voluntários depois de ingerirem substâncias desconhecidas da fauna e da flora brasileiras. São depoimentos muito impressionantes – e estas experimentações existem até hoje, através de médicos, estudantes e farmacêuticos homeopatas, todas extensamente relatadas pelo Dr. Paulo Rosenbaum em *O outro código da medicina: Homeopatia*. Não as cito pois não se trata de fazer apologia da homeopatia, mas o que me interessa nesses profissionais é que eles são parte da pesquisa por remédios que possam vir a estabilizar a saúde de alguém. *Eles* – e não cobaias de laboratório.

Queria falar destes seres contaminados pela vida e pela natureza. E me deixei atravessar por suas palavras, frases e, finalmente, páginas da história que fui inventando. Em algum momento fui *atropelada* por um cobreiro e, só depois de ter virado parte ofídio, parte humana, li estas palavras solidárias de Susan Sontag:

(...) Quando escrevo, eu não como ou como mal e de maneira irregular, salto refeições e tento dormir o mínimo

possível. Minhas costas doem, meus dedos doem, tenho dores de cabeça (...) gostaria de aprender a escrever de uma maneira que castigasse menos meu corpo (...) achava que meu corpo era capaz de suportar um castigo infinito e sempre se recuperar. (Sontag, 2015, p. 79)

Sontag diz que tudo o que a atravessa quando está escrevendo se dá porque o mais difícil de escrever é “estar sozinha e ter que estabelecer uma conversa consigo, o que é uma atividade antinatural em essência”. Neste sentido, ter ficado doente e acamada por 45 dias fez com que esta conversa se intensificasse, porque o doente também é um solitário. Durante este período, “curei-me por mim mesma e produzi bastante” – parafraseio aqui o que Nietzsche disse em *Ecce Homo* (2002, p. 95) sobre seus momentos de doença.

Seria deste movimento que o filósofo Gilles Deleuze fala em *Crítica e clínica* quando diz que “o escritor enquanto tal, não é doente, mas antes médico, médico de si próprio e do mundo?”. A literatura – a tentativa de produzir literatura – nos ajudaria na busca por este ideal de saúde? Perguntei isto para a professora de filosofia Helena Martins. Ela comentou que “Talvez o autor seja o médico porque a saúde está em desaparafusar todos os conceitos dicotômicos, todas as verdades absolutas, tudo o que está apertado demais”. Atraente esta missão de “desaparafusar”. Seria o gesto saudável por excelência.

Ao ser perguntado pela jornalista Claire Parnet sobre o assunto, o filósofo Gilles Deleuze tenta esmiuçar esta tarefa do escritor:

O que é que busca um homem de Letras, um escritor ou um romancista? Acho que ele quer poder construir conjuntos de percepções e sensações que vão além daqueles que as sentem. O percepto é isso³. É um conjunto de sensações e percepções que vai além daquele que a sente. Vou dar alguns exemplos. Há páginas de Tolstoi que descrevem o que um pintor mal saberia descrever. Ou páginas de Tchekov que, de outra maneira, descrevem o calor da estepe. Há um grande complexo de sensações, pois há sensações visuais, auditivas e quase gustativas. Alguma coisa entra na boca. Eles tentam dar a

este complexo de sensações uma independência radical em relação àquele que as sentiu. Tolstoi também descreve atmosferas. As grandes páginas de Faulkner! Os grandes romancistas conseguem chegar a isso. Há um grande romancista americano que quase disse isso. Ele não é muito conhecido na França, e gosto muito dele. É Thomas Wolfe. Ele descreve o seguinte: “Alguém sai de manhã, sente o ar fresco, o cheiro de alguma coisa, de pão torrado, etc., um passarinho passa voando... Há um complexo de sensações (...) Isto me parece a questão da arte. A arte dá uma resposta para isso: dar uma duração ou uma eternidade a este complexo de sensações que não é mais visto como sentido por alguém ou que será sentido por um personagem de romance, ou seja, um personagem fictício. É isso que vai gerar a ficção (...). (Deleuze, 2017)

Muitas vezes, estes artistas, por terem “visto demais”, têm saúde frágil, como esclarece o filósofo. Susan Sontag reclama do estado de seu corpo quando está criando, mas temos – para citar apenas alguns – Nietzsche, Tchecov, Kafka, Lawrence e Spinoza como exemplos de criadores que produziram em meio a muitas doenças. Então talvez eles tenham sido médicos de si mesmos na medida em que – apesar da saúde ruim e das dores – inventaram, com potência, perceptos³⁶ que têm longevidade. São personagens, situações, cenários, descrições, imagens que ultrapassam anos e décadas despertando o homem para a vida. E este é o aspecto que me fascina na missão de “desparafusar” a que se referiu a professora Helena.

Nem de longe o personagem Mateus, de *Leite de cadela*, é um personagem-filósofo, como Deleuze refere-se no *Abecedário* ao Capitão Ahab e a Bartleby, figuras criadas por Melville. Mateus é um experimentador. Vê sentido e

³⁶ Como Deleuze explica para Parnet no *Abecedário* (2017) sobre “perceptos” : “Por que usar esta palavra estranha em vez de percepção? Porque perceptos não são percepções (...) São conjuntos de percepções e sensações que vão além daqueles que as sentem (...). E há um terceiro tipo de coisa e muito ligada às outras duas. É o que se deve chamar de afectos. Não há perceptos sem afectos. Tentei definir o percepto como um conjunto de percepções e sensações que se tornaram independentes de quem o sente. Para mim, os afectos são os devires. São devires que transbordam daquele que passa por eles, que excedem as forças daquele que passa por eles. O afecto é isso. Será que a música não seria a grande criadora de afectos? Será que ela não nos arrasta para potências acima de nossa compreensão? É possível.”

poesia na natureza, entende a vitalidade que ela representa para o corpo. Acabou unindo-se a ela, primeiro ao se transformar numa árvore, depois em um animal rastejante. Ele tem lastro para pular “de uma escala de referência para outra”, como diz Sueli Rolnik. Sobrevive nas espécies animais e vegetais que absorveu, pois sua energia vital se expande para além de seu corpo. Seu irmão Marcos, ao contrário, se depara com o trágico e só aí então, impulsionado pelo profundo amor que tem ao irmão, é que, segundo o romance sugere, voltará a se movimentar. De alguma maneira, enquanto Mateus vivia, Marcos elaborava uma nova forma de existir, que, curiosamente, só irá se manifestar após a morte do irmão.

Notas da Autora

Tudo o que cito sobre homeopatia ou medicina é ficção misturada à minha experiência como paciente de homeopatia há mais de 30 anos. Nenhum nome de remédio, sintoma ou diagnóstico dos personagens deve ser levado a sério. Trata-se da opinião de personagens ficcionais.

Os remédios homeopáticos são feitos a partir da matriz de substâncias do reino animal, mineral e vegetal. Depois que se consegue a tintura mãe, ela é diluída e dinamizada, o que consiste em gerar sucção no frasco, batendo o fundo contra a palma da mão. Caso o veneno de cobra não passasse por este processo, nosso personagem e todos os voluntários deste tipo de pesquisa teriam morrido. Portanto, nunca tentem isso em casa.

Difícil creditar corretamente as invenções, elas são frutos de várias etapas de desenvolvimento, cada qual com uma patente. O complexo eólico e o navio que transporta plataformas de petróleo realmente existem. O painel luminoso com publicidade também – só o que apurei é que foi baseado num primeiro invento do brasileiro Carlos Eduardo Lamboglia em 1996.

Sobre o explorador e etnologista alemão Theodor Koch Grunberg e Richard Evan Shultes, que inspiraram as personagens do filme *O abraço da serpente*: Grunberg estudou os povos indígenas do Amazonas de 1903 a 1905 e depois viveu mais vinte anos em Roraima, produzindo obras como *De Roraima ao Orinoco*. Shultes, chamado de “o pai da etnobotânica”, leu estes livros de Grunberg e decidiu seguir os passos de seu antecessor. Viveu na Amazônia de 1941 a 1952 explorando plantas alucinógenas. Escreveu obras como *Plants of the Gods*.

Não escolhi que o personagem Mateus fosse para a floresta de Virunga, na República Democrática do Congo, aleatoriamente, pois a situação ecológica local é dramática e bem divulgada. Mas não esperava dar de cara, na revista feminina *Marie Claire*, com a notícia sobre um grupo de mulheres que se ofereceram para ser guardas florestais ali. Acompanhei notícias sobre elas: em 2012 eram 14, hoje já são quase 30, com idade média de 22 anos. Em alguns trechos da floresta conseguiram uma vida razoável para os duzentos gorilas que ali sobrevivem. Mas,

apesar do apoio da Unesco e muitas matérias na mídia, em dez anos mais de 150 destes guardas (homens e mulheres) já morreram tentando proteger a floresta.

Colecionei algumas influências positivas de livros que li e cito todas aqui:

A vida do personagem Mateus é livremente inspirada na vida do médico e aventureiro Dr. Benoit Mure, que trouxe a homeopatia para o Brasil. Recomendo a leitura de tudo o que se relaciona a este discípulo de Hahnemann que, no Brasil de 1847, já tinha convertido centenas de médicos à homeopatia e mantinha mais de vinte dispensários onde tratava os doentes gratuitamente. Nesta época apenas um décimo dos brasileiros não tinha aderido às suas experiências bem-sucedidas.

A carta de Valter para Livia na p. 95 me foi sugerida pela correspondência do personagem William, do conto “William e Mary”, de Roald Dahl, extraído do livro *Beijo* (São Paulo: Editora Barracuda, 2007).

A passagem em que o personagem fala da retirada do apêndice do irmão reproduz, em parte, um exemplo do livro *Homem comum*, de Philip Roth. A reação do personagem Mateus diante do que acontece com Marcos traz uma ideia do livro infantil *Madeline*, de Ludwig Bemelmans.

Recomendo a leitura de *Estranhas catedrais – As empreiteiras brasileiras e a Ditadura Civil-Militar, 1964-1988*, de Pedro Henrique Pedreira Campos (Editora da UFF), que contém os primórdios do estranho relacionamento entre as empreiteiras brasileiras e o poder.

Referências bibliográficas

- ALBERT, Bruce; KOPENAWA, Davi. *A queda do céu*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BERGER, John. Animais como metáfora. Trad. Ricardo Maciel dos Anjos. *Suplemento literário animais escritos*, Belo Horizonte, n. 1.332, p. 06-09, set./out. 2010.
- BULFINCH, Thomas. *O livro da mitologia – Histórias de deuses e heróis*. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- CAMARGO, Maria Silvia. *24 dias por hora, quanto tempo o tempo tem?*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- CASTANEDA, Carlos. *O fogo interior*. Rio de Janeiro: Nova Era, 2008.
- _____. *A erva do diabo: Os ensinamentos de Don Juan*. Rio de Janeiro: Record, 1968.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.
- CHIARA, Ana Cristina. *Pedro Nava – Um homem no limiar*. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.
- COTT, Jonathan. *Susan Sontag: entrevista completa para a revista Rolling Stone*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Há um mundo por vir? – Ensaio sobre os medos e os fins*. Santa Catarina: Cultura e Barbárie Editora, Instituto Socioambiental, 2014.
- DELEUZE, Gilles. *O abecedário de Gilles Deleuze* (Transcrição integral do vídeo, para fins exclusivamente didáticos). Escola Nômade de Filosofia, 2017.
- _____. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- _____. *Crítica e clínica*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1990.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs*, vol. 2. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

SANTIAGO, Silviano (Org.). *Glossário de Derrida*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2015.

DOMENECK, Ricardo. *A cadela sem logos*. Rio de Janeiro: 7Letras/Cosac Naify, 2007.

DRUMMOND, Carlos de Andrade. *Poesia e prosa*. São Paulo: Nova Aguilar, 1979.

FERRAZ, Eucanãa. *Cinemateca*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

FREGNI, Felipe. Placebo pode ser o melhor remédio. *Super Interessante*, São Paulo, 24 out. 2010. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/saude/placebo-pode-ser-o-melhor-remedio/>>. Acesso em: 14 fev. 2017.

GENNEPER, Thomas. *Como paciente de Samuel Hahnemann: O tratamento de Friedrich Wieck nos anos 1815-1816*. Rio de Janeiro: Instituto de Homeopatia James Tyler Kent, 1991.

GIANNETTI, Eduardo. *Trópicos utópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HANNEMAN, Samuel Friedrich Christian. *Organon da Arte de Curar* (1810), *Matéria Médica Pura* (1811) e *Doenças Crônicas* (1828). Traduzidos e compilados por Marcelo Pustiglione e Romeu Caril. São Paulo: Melhoramentos, 1989.

JÖNSSON, Reidar. *Minha vida de cachorro*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1991.

KLINK, Amyr. *Mar sem fim*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LE CLÉZIO, Jean-Marie Gustave. *O africano*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

LUNARDI, Adriana. *A vendedora de fósforos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

MAFFESOLI, Michel. *Sobre o nomadismo: Vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

MANN, Thomas. *A montanha mágica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

MARIM, Matheus. Ser ou não ser amado... Eis a grande questão do ser humano. *BVS Homeopatia*, São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://bvshomeopatia.org.br/saladeleitura/texto14serounaoseramado.htm>>.

Acesso em: 14 fev. 2017.

MICHAUD, Philippe-Alain. *Aby Warburg e a imagem em movimento*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

MURE, Benoit Jules. *Patogenesia brasileira e doutrina da Escola do Rio de Janeiro (inclui casos clínicos de Hahnemann/Benoit Mure)*. Trad. Maria Silvia Mourão Netto. São Paulo: Roca, 1999.

NASSIF, Assis Ribeiro. A homeopatia e a intolerância. *GGN*. São Paulo. 14 jul. 2011. Disponível em: <<http://jornalggm.com.br/blog/luisnassif/a-homeopatia-e-a-intolerancia>>. Acesso em: 14 fev. 2017.

NAVA, Pedro. *Galo-das-trevas*. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

_____. *Beira-mar*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

NETO, João Cabral de Melo. *Cão sem plumas*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*. São Paulo: Martin Claret, 2002

PEREC, Georges. *W ou a Memória da infância*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PITANGA, Filippo. Debate com Eduardo Viveiros de Castro sobre filme “O Abraço da Serpente” (Almanaque Virtual). *Uma (in)certa Antropologia*, Rio de Janeiro, 20 abr. 2016. Disponível em: <<https://umaincertaantropologia.org/2016/04/20/debate-com-eduardo-viveiros-de-castro-sobre-filme-o-abraco-da-serpente-almanaque-virtual/>>. Acesso em: 14 fev. 2017.

ROLNIK, Sueli. “‘Fale com ele’ ou como tratar o corpo vibrátil em coma.” *Núcleo de Estudos da Subjetividade*. PUC-SP, 2003. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/falecomele.pdf>>.

Acessado em: 14 fev. 2017.

ROSENBAUM, Paulo. *Céu subterrâneo*. São Paulo: Perspectiva, 2016.

_____. E-book. *O outro código da Medicina: Homeopatia*. Publifolha, São Paulo, 2015.

_____. *A Medicina do sujeito – 40 lições de prática homeopática unicista*. Rio de Janeiro: Luz Menescal, 2004.

SALGADO, Sebastião. *África*. Köln: Taschen, 2007.

SONTAG, Susan. *AIDS e suas metáforas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *A doença como metáfora*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

STEPHENSON, Shelagh. *The Memory of Water*. New York: Dramatists Play Service Inc., 1997.

SZUTMAN, Renato; NASCIMENTO, Simone; MARRAS, Stelio. “O chocalho do xamã é um acelerador de partículas”. In: SZUTMAN, Renato (Org.). *Encontros: Eduardo Viveiros de Castro*. Rio de Janeiro: Azouge, 2007, p. 24-49.

VARELLA, Drauzio. *O médico doente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas canibais*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

ZOURABICHUILI, François. *Vocabulário de Deleuze*. Rio de Janeiro: Unicamp, 2004.